

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FELIPE MELLINI

O novo basquetebol brasileiro: um olhar sobre os processos de formação e de espetacularização da modalidade no país

Maringá
2016

FELIPE MELLINI

O novo basquetebol brasileiro: um olhar sobre os processos de formação e de espetacularização da modalidade no país

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Pereira da Costa Dourado

Maringá
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

Mellini, Felipe
M526n O novo basquetebol brasileiro : um olhar
sobre os processos de formação e de
espetacularização da modalidade no país /
Felipe Mellini. -- Maringá, 2016.
115 f; Il.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Pereira
da Costa Dourado

Dissertação (Mestrado em Ciências
Sociais)- Universidade Estadual de
Maringá. Departamento de Ciências Sociais,
Programa de Pós-graduação em Ciências
Sociais.

1.Sociologia do Esporte.2.
Antropologia do Esporte.
3. Espetacularização do esporte. 4. Esporte
e sociedade.5.Basquetebol. I.Dourado,
Simone Pereira da Costa,orient.
II. Universidade Estadual de Maringá.
Departamento de Ciências Sociais, Programa
de Pós-graduação, em Ciências Sociais.
III. Título.

21.ed. 306.483

Cicilia Conceição de Maria
CRB9- 1066

FELIPE MELLINI

O novo basquetebol brasileiro: um olhar sobre os processos de formação e de espetacularização da modalidade no país

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA


Prof.^a Dr.^a Simone Pereira da Costa Dourado
Universidade Estadual de Maringá (Presidente)


Prof.^a Dr.^a Zuleika de Paula Bueno
Universidade Estadual de Maringá (UEM)


Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Aprovada em: 28 de março de 2016

Local de defesa: Bloco H-35, sala 007 *campus* da Universidade Estadual de Maringá

À memória de minha avó Carmen.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação só foi possível graças à convivência e o apoio de uma série de pessoas que fizeram parte dessa trajetória e colaboraram sobremaneira para o meu amadurecimento pessoal e intelectual. Mesmo correndo o evidente risco de esquecer alguém, gostaria de nomear aquelas fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

Começo agradecendo à minha família, por fornecerem todas as condições para que pudesse, apesar das dificuldades e principalmente da saudade, realizar meus estudos na Universidade Estadual de Maringá. Agradeço especialmente à minha mãe Ana Claudia, às minhas tias Sílvia e Rosana e ao meu tio Paulo, meus exemplos para toda a vida.

À minha amada Aline, companheira em todas as horas, pelo carinho, paciência e incentivo incondicional. Sem você e sua família ao meu lado durante esses anos nada disso teria sido possível.

À minha orientadora Simone, por acreditar na minha capacidade de realizar este trabalho e pelas inestimadas contribuições ao longo de todo o processo de elaboração desta dissertação.

Ao professor Walter Praxedes, pelo exemplo, consideração, amizade e pelos ensinamentos que levarei para toda a vida.

A todos os demais professores do departamento de Ciências Sociais da UEM, pela inequívoca colaboração para minha formação como cientista social. Estendo o agradecimento aqui ao professor Sidnei Munhoz, que me abriu as portas da pesquisa na academia, e aos professores Luiz Fernando Rojo e Zuleika Bueno, por aceitarem o convite para participar da defesa.

Aos funcionários do DCS, especialmente a Denise e ao Júnior, pela cordialidade e disposição em ajudar, assim como ao Raony e Adriano, funcionários da biblioteca da PUC/Maringá, meu retiro durante todo o processo de laboração desta dissertação.

À Capes, por me propiciar a chance de me dedicar integralmente à realização desta dissertação, e a Universidade Estadual de Maringá, por ter me fornecido as condições para progredir nos estudos e na vida.

Aos amigos Jefferson Dias, meu revisor particular e irmão para toda a vida, Guilherme Tadeu, Pedro Martins, Tatiane Damasceno, bem como meus colegas de turma durante a graduação, mestrado e todos os demais que participaram de alguma forma para que este estudo acontecesse.

Por fim, dedico também este trabalho ao meu eterno treinador Odivaldo de Assumpção, por ter me ensinado que o basquete é muito mais do que apenas um jogo.

O novo basquetebol brasileiro: um olhar sobre os processos de formação e de espetacularização da modalidade no país

RESUMO

A presente dissertação descreve e analisa o processo de formação da Liga Nacional de Basquete, assim como investiga a proposta de reestruturação do basquetebol no país a partir da criação da primeira liga esportiva profissional nacional gerida pelos próprios clubes. De maneira particularizada, discute-se a profissionalização da modalidade no Brasil sob a lógica do esporte-espetáculo, utilizando como referência duas experiências etnográficas, a primeira em uma partida organizada pela *National Basketball Association* (NBA) realizada no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, e a segunda em um jogo válido pelo Novo Basquete Brasil disputado em Franca/SP, conhecida nacionalmente como a “capital do basquete brasileiro”.

Palavras-chave: Basquetebol. Esporte e sociedade. Esporte-espetáculo.

The new Brazilian basketball: a look at the formation and spectacularization of the modality in the country

ABSTRACT

The dissertation here presented describes and analyzes the process of the establishment of the Liga Nacional de Basquete (National Basketball League), in addition to investigating the proposal to restructure basketball in the country by means of the creation of the first domestic professional sports league to be managed by clubs themselves. The professionalization of the game in Brazil, undertaken according to the logic of sport-spectacle, is here discussed in particular, using as reference two ethnographic experiences, the first in a game organized by the National Basketball Association (NBA) and taken place in Brazil, in the city of Rio de Janeiro, and the second in a Novo Basquete Brasil game taken place in Franca, in the state of Sao Paulo, a city known as the "capital of Brazilian basketball".

Keywords: Basketball. Sport and society. Sport-spectacle.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCB	Associação Brasileira de Clubes de Basquetebol
ACM	Associação Cristã de Moços, do Brasil
CBB	Confederação Brasileira de Basketball
CNBM	Campeonato Nacional de Basquete Masculino
FBP	Federação Brasileira de Basquetebol
FIBA	Federação Internacional de Basquetebol
FPB	Federação Paulista de Basketball
IAHF	Federação Internacional de Handebol Amador
ICSS	International Committe for Sport Sociology
IRSS	International Review for the Sociology of Sport
ISSA	International Sociology of Sport Association
LDB	Liga de Desenvolvimento de Basquete
LNA	Liga Nacional de Básquet, da Argentina
LNB	Liga Nacional de Basquete
MBC	Midwest Basketball Conference
NBA	National Basketball Association
NBB	Novo Basquete Brasil
NBL	National Basketball League
NLB	Nossa Liga de Basquete
YMCA	Young Men's Christian Association (Associação Cristã de Moços) dos EUA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DE ALGUNS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO ESPORTE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS	13
1.1 OS PRIMEIROS TRABALHOS	15
1.2 UM CAMPO EM EXPANSÃO	19
1.3 A SOCIOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL	24
1.4 OS ESTUDOS SOCIAIS SOBRE O BASQUETEBOL NO PAÍS	29
2. ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO CAMPO DO BASQUETEBOL NO MUNDO	38
3. O BASQUETEBOL BRASILEIRO E A GÊNESE DO NOVO BASQUETE BRASIL	46
4. INDÍCIOS DA ESPETACULARIZAÇÃO DO BASQUETE NO BRASIL: ETNOGRAFANDO EVENTOS DA NBA E DO NBB	52
4.1 CONSUMINDO O ESPETÁCULO: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA PELO MUNDO DA NBA NO BRASIL.....	65
4.2 A QUADRA COMO TRABALHO DE CAMPO: REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS NA CAPITAL DO BASQUETEBOL BRASILEIRO.....	82
4.3 ESPETACULARIZAÇÃO E MASSIFICAÇÃO DO ESPORTE NO BRASIL: UM DEBATE NECESSÁRIO.....	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por objetivo descrever e analisar o processo de formação da Liga Nacional de Basquete e de seu campeonato nacional, o Novo Basquete Brasil, bem como investigar a proposta de reestruturação do basquetebol no país a partir da criação da primeira liga esportiva profissional nacional gerida pelos próprios clubes. De maneira particularizada, discute-se a profissionalização da modalidade no Brasil sob a lógica do esporte-espetáculo, utilizando como referência duas experiências etnográficas, a primeira em uma partida da *National Basketball Association* (NBA) realizada no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, e a segunda em uma partida do Novo Basquete Brasil ocorrida em Franca.

Criado pelo canadense James Naismith em 1891, o basquetebol foi inventado com o intuito de, a princípio, servir apenas como uma alternativa de atividade física que pudesse ser praticada em lugares abertos e fechados. Entretanto, com o decorrer dos anos, o esporte sofreu uma série de transformações, passando de apenas uma forma de lazer e condicionamento corporal para um dos esportes mais praticados e vistos no planeta, fazendo parte dos esportes caracterizados enquanto espetáculo e integrante de uma lucrativa indústria do entretenimento, que move bilhões de dólares todos os anos. No tempo presente, estima-se que o esporte da bola ao cesto, o segundo mais popular no planeta, esteja presente em mais de 200 países (GRIFFITHS, 2010), contando com mais de 450 milhões de praticantes ao redor do mundo entre amadores e profissionais (INTERNATIONAL BASKETBALL FEDERATION, 2013). Acerca do desenvolvimento do esporte no mundo, podemos apontar que:

Seja na forma de espetáculo esportivo, seja como práticas corporais individualizadas, é inegável o fato de que, nas últimas duas décadas, o esporte (e a atividade física, de um modo geral) tem se constituído num vasto e sempre crescente campo de investimento econômico. Tal crescimento está, como não poderia deixar de ser, associado aos *mass media* e ao surgimento de uma imensa rede de produção industrial de equipamentos, artefatos, academias, eventos e mega-eventos, que dão a medida da importância destes fenômenos, quando comparados com períodos anteriores. (GIOVANNI, 2005, p. 153).

O Brasil foi um dos primeiros países a ter contato com a modalidade, trazida pelo professor estadunidense Augusto Shaw no ano de 1894. Desde então, o campo específico do basquetebol foi se estruturando gradativamente no país, modificando as expectativas e exigências do público e de seus praticantes, uma vez que, conforme aponta Gaudin (2007, p. 54), “inicialmente, e durante muito tempo, o basquete foi praticado sem grande entusiasmo

pelas classes altas; antes de ser apropriado, com mais sucesso, porém, já na segunda metade do século, pelas classes médias das regiões desenvolvidas do país”.

A escola brasileira de basquete é uma das mais tradicionais do planeta, tendo a seleção masculina participado de 14 das 18 edições dos Jogos Olímpicos (conquistando três medalhas de bronze, em 1948, 1960 e 1964), e sendo a única seleção, ao lado dos Estados Unidos, a participar de todas as edições do Campeonato Mundial da modalidade, sagrando-se campeã do torneio nos anos de 1959 e 1963.

Entretanto, o basquetebol, que até a emergência do vôlei na década de 1980 (MARCHI JÚNIOR, 2004) esteve atrás apenas do futebol na preferência nacional, sofreu uma série de reveses que se agravaram a partir de 1989, ano em que a Federação Internacional de Basquete (FIBA) deixou de ser uma instituição amadora, alertando assim para a necessidade de profissionalizar e reestruturar também as entidades que geriam a modalidade ao redor do planeta. Esse momento histórico foi fulcral, pois contribuiu para evidenciar o amadorismo com que o esporte era até então conduzido no Brasil, tanto a nível estrutural quanto administrativo. Como principal medida para amenizar essa situação, foi organizado o 1º Campeonato Nacional de Basquetebol Masculino.

O período de vigência da competição nacional (1990-2008) foi marcado por uma série de disputas políticas e pelo notável retrocesso do basquetebol brasileiro como um todo. Clubes, dirigentes e personalidades do esporte, insatisfeitos com a falta de profissionalismo com que a CBB geria a modalidade e, principalmente, com a forma desigual com que as verbas eram distribuídas entre as equipes, se rebelaram e em 2005 fundaram uma liga independente como forma de contrapor os ditames da confederação (TOLEDO JUNIOR, 2005). Iniciava-se então uma disputa pela hegemonia no campo do basquetebol brasileiro que perdurou até o dezembro de 2008, quando, sob a chancela da confederação, foi criada a Liga Nacional de Basquete, tornando o basquetebol brasileiro o primeiro esporte olímpico do país a ter uma liga independente gerida pelos próprios clubes.

Tendo o objetivo de profissionalizar a modalidade e reconduzir o esporte ao posto de segundo mais popular do país¹, a estrutura da liga afirma ter como referência os mais modernos conceitos de gestão esportiva do planeta e se baseia, principalmente, no modelo adotado pela NBA, uma liga independente e gerida pelos próprios clubes (LIGA NACIONAL DE BASQUETE, 2013).

¹ Segundo DACOSTA (2006), de 1970 a 2003 o basquetebol teve uma redução de 63,3% no número de atletas registrados, deixando de figurar entre os 10 esportes mais praticados no Brasil.

Em decorrência disso, o intuito aqui é o de compreender alguns aspectos de como ocorreu o processo de formação da Liga Nacional de Basquete e a tentativa de reestruturação do basquetebol brasileiro como um todo a partir da criação do Novo Basquete Brasil, o campeonato nacional independente masculino gerido pelos próprios clubes. Diante disso, há a necessidade de buscar subsídios ao entendimento histórico deste processo.

A partir do aprofundamento desta problemática inicial, busco compreender também de que forma tem se tentado profissionalizar o basquetebol no país a partir de sua espetacularização, analisando o modo no qual a LNB trata de seu campeonato nacional sob a perspectiva de um produto comercial esportivo e como este é “vendido” ao público com intuito de difundir a modalidade. A esse respeito, nota-se que a liga vem adotando, ao longo destes primeiros anos, uma série de promoções e eventos complementares às partidas oficiais como forma de aumentar a visibilidade desse esporte e apresentá-lo como um espetáculo esportivo, perpassando a concorrência apenas dos outros esportes para se inserir em uma indústria que abarca tudo aquilo que envolve entretenimento (CAPELO, 2012). Para complementar com este esforço analítico, será utilizado como comparativo o modelo de gestão adotado pela NBA e que serve como principal referencial para a LNB na hora de propor e gerir suas ações.

Desta forma, os quatro capítulos desta dissertação serão divididos da seguinte maneira:

No primeiro, denominado ‘Subsídios para a compreensão de alguns caminhos percorridos pelo esporte nas Ciências Sociais’, efetua-se a construção histórica, a partir de um levantamento bibliográfico, de algumas das principais discussões neste campo de estudos no Brasil e no mundo, assim como a apresentação de alguns dos principais trabalhos que versam especificamente sobre o basquetebol produzidos no país.

Na sequência, tendo como referencial a teoria dos campos do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983), a proposta do segundo capítulo é a de realizar uma investigação acerca da formação do campo específico do basquetebol no mundo e apreender o modo no qual, a partir disso, essa forma de atividade física passou a receber um novo significado, se tornando um esporte definido por seus objetos de disputas, regras e outros pormenores relacionados à disseminação e espetacularização dessa prática esportiva.

Já o enfoque do terceiro capítulo é o de compreender alguns aspectos da formação e organização do basquetebol no Brasil, em especial a partir da constituição dos campeonatos nacionais da modalidade, bem como os marcos históricos e as disputas entre os agentes neste campo específico que resultaram na formação da Liga Nacional de Basquete, a primeira liga

esportiva profissional do país gerida pelos próprios clubes, e do Novo Basquete Brasil – a principal competição da modalidade realizada no país.

A proposta do quarto capítulo é a de efetuar uma análise de características do processo de espetacularização do basquete brasileiro a partir da criação do Novo Basquete Brasil, em especial no que se refere aos mecanismos e estratégias adotadas pela LNB como forma de fomentar e difundir seu campeonato e a modalidade como um todo no decorrer das sete primeiras edições do torneio. Conseqüentemente, a intenção dos dois subcapítulos é, a partir de duas experiências etnográficas, buscar subsídios para a compreensão de alguns dos elementos constitutivos do basquetebol como espetáculo no mundo esportivo contemporâneo, especialmente no caso brasileiro. Desta forma, serão analisados dois eventos esportivos distintos de basquete realizados no Brasil: o primeiro é o segundo jogo oficial da NBA em solo brasileiro e o segundo é uma partida do Novo Basquete Brasil, realizada em Franca (SP), conhecida como a “capital do basquete” no país por conta de sua rica história no basquetebol. Por fim, a partir dos dados e resultados obtidos nesta pesquisa, será efetuada, no último subitem do referido capítulo, uma discussão acerca da dicotomia entre espetacularização e massificação do esporte no Brasil e os desafios para o desenvolvimento do basquetebol brasileiro decorrentes disso.

1. SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DE ALGUNS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO ESPORTE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Nas últimas três décadas têm crescido de maneira considerável as pesquisas conhecidas como “estado da arte” nas Ciências Sociais. Reconhecidas por seu caráter bibliográfico, esses estudos possuem em geral, conforme aponta Norma Ferreira (2002, p. 258), o “desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares”.

Para dar cabo de tal empreendimento analítico, essas pesquisas possuem em geral uma “metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado” (FERREIRA, 2002, p. 258). Tendo como fontes básicas os acervos e catálogos de universidades, institutos, faculdades, órgãos de fomento da pesquisa científica, entre outros, esses trabalhos tem como principal prerrogativa a possibilidade de inventariar o *corpus* de

uma determinada faceta da produção científica, trazendo à tona o que já foi produzido naquele campo do conhecimento e possibilitando, com isso, a produção de novos saberes. Ademais, esse tipo de pesquisa corrobora para que os trabalhos científicos não fiquem restritos – e algumas vezes esquecidos – nas prateleiras das bibliotecas das universidades.

No caso específico do campo da Sociologia do Esporte no Brasil, este tipo de estudo foi realizado por Ana Letícia Padeski Ferreira, que em sua dissertação de mestrado, defendida em 2009, procurou realizar um mapeamento da produção bibliográfica que versa sobre essa temática publicada entre os anos de 1997 a 2007 no país. Em seus resultados, Ferreira (2009, p. 215) destaca que “existem poucos trabalhos sobre a Sociologia do Esporte e as pesquisas existentes são, em sua maior parte, descritivas, além de não apresentarem um uso adequado da teoria sociológica, pois não estabelecem a ligação entre a base teórica e o material empírico”.

Apesar de destacar a validade de realizar um mapeamento mais amplo da produção acadêmica referente ao tema, Ferreira afirma que, a partir dos resultados obtidos em sua pesquisa, é possível verificar que poucos sociólogos estão envolvidos com trabalhos dessa natureza, “[...] o que denota que o Esporte não se configura como um objeto de relevância. Isto pode ser fruto de uma lógica do campo acadêmico da Sociologia onde os dominantes ditam os parâmetros das pesquisas que são consideradas relevantes naquele meio” (FERREIRA, 2009, p. 214).

É importante, contudo, ponderar essa afirmação. Talvez pelos limites metodológicos de seu trabalho, no qual foi efetuado o mapeamento da produção sobre esporte de dois periódicos nacionais – a Revista Brasileira de Ciências Sociais e a Revista Brasileira de Ciências do Esporte –, Ferreira acabou por deixar de abordar uma série de investigações sobre a temática em curso no país, mas que passam ao largo das páginas dos periódicos por ela investigados. A esse respeito, Pablo Alabarces (2011) contribui com a discussão ao destacar o papel de vanguarda que o Brasil possui no cenário dos estudos sobre esporte nas Ciências Sociais latino-americanas – que contou com grande estímulo a partir da solidificação da pós-graduação nacional – e apontar, tanto a nível continental quanto no caso brasileiro, que “ainda que permaneçam (e permanecerão) condenados à periferia da legitimidade acadêmica [...] estes trabalhos cresceram em quantidade, visibilidade, solidez e rigor” (ALABARCES, 2011, p. 19-20) nos últimos 30 anos.

Diante disso, é importante frisar que, conforme demonstra Norma Ferreira (2002, p. 269), “a história da produção acadêmica é aquela proposta pelo pesquisador que lê”, de modo que existirão tantas histórias possíveis quanto pessoas interessadas a investigá-las. Ademais, segundo alerta Howard Becker (2007, p. 122), “nunca podemos ignorar um tema apenas

porque alguém já o estudou”. Isso posto, é válido ressaltar que o interesse aqui não é o de realizar um inventário do *corpus* da produção acadêmica sobre o esporte nas Ciências Sociais, mas sim trazer à tona alguns dos caminhos percorridos pelos estudos sobre o fenômeno esportivo desde sua formação até o tempo presente, efetuando para isso o levantamento bibliográfico com algumas das principais vertentes teóricas dos trabalhos sobre o tema. O objetivo deste esforço analítico é, portanto, o de escrever uma das possíveis histórias acerca deste campo do saber e tentar contribuir, com isso, para que novos caminhos possam ser abertos com vistas ao desenvolvimento da disciplina.

Dentre a seara de assuntos abordados nos estudos sobre o esporte no país, a questão da construção do campo teórico da própria disciplina é sem sombra de dúvida um dos temas mais debatidos pelos estudiosos desta área. Importantes trabalhos como os de Pablo Alabarces (2004, 2011), Juliano de Souza e Wanderley Marchi Júnior (2010), Édison Gastaldo (2010) e Simoni Lahud Guedes (2011), entre outros, apontam nessa direção, buscando analisar o cenário constitutivo da disciplina, tanto a nível nacional quanto internacional – bem como em comparação com a América Latina e a Europa. Ademais, vale destacar que esse esforço analítico auxilia na própria fomentação e legitimação deste saber nas Ciências Sociais no Brasil, tido por muitos até então como “um campo ainda em formação e afirmação institucional” (TOLEDO, 2001, p. 135).

Todavia, antes de buscar subsídios para a compreensão de como se formou o campo dos estudos sociais do esporte no país, é preciso primeiro compreender como este se constituiu no cenário internacional, bem como suas influências nos estudos produzidos no Brasil. A esse respeito, a análise subsequente apresentada aqui terá como principais referências teóricas o balanço elaborado por Eric Dunning (2004) acerca da formação da disciplina bem como o trabalho de Souza e Marchi Júnior (2010) sobre a constituição do campo da sociologia do esporte no cenário internacional.

1.1 OS PRIMEIROS TRABALHOS

A priori, segundo aponta Dunning (2004), os primeiros estudos que versaram sobre as práticas esportivas datam da transição do século XVIII para o XIX, com destaque para as considerações de Peter Beckford sobre a caça de lebres e raposas, publicada em 1796, e o primeiro volume de ‘Boxiana’, do jornalista Pierce Egan, publicado em 1812 e que versa sobre o pugilismo. Após a divulgação destes primeiros trabalhos, houve um hiato de aproximadamente 75 anos até a publicação, em 1887 e 1889, dos primeiros trabalhos de

Montagu Shearman sobre a história e o desenvolvimento do futebol, rúgbi e atletismo. Cabe apontar aqui, conforme destaca Dunning (2004), que estas primeiras publicações, que foram de fundamental importância para demarcar o início dos estudos sobre as práticas esportivas na Grã-Bretanha, não foram produzidas em instituições acadêmicas.

O crescente interesse pela análise do fenômeno esportivo, aliás, ocorreu em consonância com o próprio surgimento e emergência do esporte moderno² na cultura europeia – e sua posterior expansão pelo mundo. Sobre essa questão, Valter Bracht (2005, p. 13-14) destaca que:

O esporte moderno resultou de um processo de modificação, poderíamos dizer, de esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como os jogos populares, cujos exemplos mais citados são os inúmeros jogos com bola, e também, de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa. Este processo inicia-se em meados do século XVIII e se intensifica no final do século XIX e início do século XX.

A partir disso, o fenômeno esportivo passou a ser tema cada vez mais recorrente entre os objetos de análise das Ciências Sociais, inclusive por autores tidos como clássicos da disciplina. Entre estes, destaca-se a obra ‘A teoria da classe ociosa’ de Thorstein Veblen, publicado em 1899 e que busca compreender o esporte como um elemento diferenciador entre as classes sociais. Já em 1902 foi a vez de Marcel Mauss advogar sobre a necessidade de se estudar as práticas e as técnicas corporais, bem como as atividades de movimento. Sobre essa questão, observe-se o que diz o antropólogo:

Nessas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com *técnicas do corpo*. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como ‘diversos’ desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la. (MAUSS, 2003, p. 407).

A incursão de Mauss na análise do esporte foi breve, mas de fundamental importância para o desenvolvimento inicial deste campo de estudos. Se, a priori, a análise dos fenômenos esportivos tinha, em geral, como estratégia principal, a vinculação das práticas corporais a

² Acerca do surgimento do esporte moderno, partilhamos da concepção de Bracht (2005: 14) no que diz respeito às características básicas deste fenômeno que se diferenciam em relação aos jogos populares: competição, rendimento físico-técnico, a busca pelo recorde, racionalização e cientificação do treinamento.

uma determinada classe – em especial a classe operária inglesa –, a partir de Mauss foi possível expandir este cenário para um debate mais genérico sobre o corpo e as práticas corporais, agora sem necessariamente ser pautado por uma classe ou nacionalidade.

Na sequência, Max Weber colocou em questão a aversão do puritanismo inglês às práticas corporais no clássico ‘A ética protestante e o espírito do capitalismo’, de 1904. Dois anos depois, em 1906, William Graham Sumner dedicou parte de sua obra ‘Folkways’ para falar sobre os esportes populares e, em 1932, William Waller escreveu sobre as funções de integração do esporte nas escolas estadunidenses em ‘The Sociology of teaching’ (DUNNING, 2004).

Em meio a esse cenário introdutório, marcado por estudos esporádicos e sem muita conexão entre eles, a Sociologia do Esporte surgiu pela primeira vez como um esforço analítico de maior fôlego pelas mãos de Heinz Risse, um estudante de Theodor Adorno, que publicou, em 1921, a obra ‘Soziologie des sports’. Entretanto, Risse acabou por não seguir na análise da temática e os estudos de cunho sociológico acerca dos esportes acabaram tendo dificuldades de se firmarem nesse contexto. A esse respeito, Dunning (2004) destaca que a conjuntura política da Alemanha entre as décadas de 1920 e 1940, quando a maioria dos sociólogos daquela nação foram forçados ao silêncio pelo nazismo, não contribuiu para que os estudos acerca dos esportes se consolidassem no país naquele período.

Em contrapartida, a disciplina recebeu um fundamental estímulo a partir da publicação do clássico ‘Homo ludens’, em 1938. Em linhas gerais, na obra em questão, o historiador neerlandês Johan Huizinga analisa o jogo como um fenômeno social essencial para a cultura, compreendendo-o em sua interação entre divertimento e seriedade. Para o autor, entretanto, o esporte moderno e profissional perverteria a espontaneidade do jogo, descaracterizando com isso uma de suas premissas até então fundamentais. Ademais, Huizinga (1999, p. 33) compreende o jogo, de uma maneira universal, como sendo:

[...] uma atividade ou ocupação voluntária, exercida num certo nível de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas e absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, atividade acompanhada de um sentimento de tensão e alegria, e de uma consciência de ser que é diferente daquela da vida cotidiana.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, o fenômeno esportivo voltou a ser tema de estudos por intelectuais alemães, em especial por aqueles vinculados à chamada Escola de Frankfurt. Neste contexto, surge com destaque a obra ‘Dialética do esclarecimento’, publicada

em 1947, por Theodor Adorno e Max Horkheimer, na qual buscavam analisar criticamente determinados fenômenos sociais – entre eles o esportivo – a partir do viés da indústria cultural.

Especialmente no caso de Adorno, o esporte aparece em seus escritos sobremaneira como um fenômeno social bastante problemático, pois seria integrante de um aparato ideológico pautado em uma pretensa domesticação dos costumes e alívio das tensões presentes na sociedade capitalista contemporânea. A esse respeito, Alexandre Vaz (2011) destaca que para o sociólogo e compositor alemão o esporte estaria vinculado a tendências sadomasoquistas, à equiparação do ser humano à máquina, ao estímulo do espírito de competição entre os indivíduos, emergindo assim como inimigo de uma educação que almeja ser emancipadora. Ademais, Adorno é crítico do esporte pelo fato de o mesmo se constituir na contemporaneidade como espetáculo, em que os esquemas da Indústria Cultural encontram grande expressão, servindo como veículo de alienação e de mistificação por meio das figuras esportivas, reforçando assim a irracionalidade presente nas manifestações de massa. Desde modo, de acordo com o intelectual alemão:

As regras do esporte são como as do mercado: igualdade de chances, fair play, na verdade, apenas a guerra de todos contra todos. O esporte se caracteriza pela lei concorrencial, reduzida à sua pura brutalidade, como se a concorrência real tivesse sido superada. Na medida em que ele se demonstra livremente como ação imediata, realiza a histórica tendência à auto-realização, posta em ordem justamente com concorrência. Da mentira de que é outro, malandramente [dem Trick] torna-se o esporte vencedor [wird sie zum Coup]. (ADORNO, 1997, p. 328-329 apud VAZ, 2011, 261).

Adorno considerava o esporte de alto rendimento como a expressão e a celebração da violência, um momento onde os excessos seriam toleradores, emergindo o esporte como uma mediação privilegiada entre crueldade e submissão à autoridade, constituindo a atividade esportiva como disciplinadora no sentido da aceitação e conformação diante das regras do jogo. Em consequência, haveria no esporte – assim como nos demais instrumentos da Indústria Cultural – a presença do culto à obediência, ao autoritarismo e ao sofrimento:

O prazer com a violência infligida ao personagem transforma-se em violência contra o espectador, a diversão em esforço. Ao olho cansado do espectador nada deve escapar daquilo que os especialistas excogitaram como estímulo; ninguém tem o direito de se mostrar estúpido diante da esperteza do espetáculo; é preciso acompanhar tudo e reagir com aquela presteza que o espetáculo exige e propaga. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 130).

É importante salientar, conforme ressaltam Souza e Marchi Júnior (2010, p. 48), que as obras apresentadas até então configuram um “estágio pré-histórico de um campo que começaria a se estruturar mais sistematicamente a partir dos anos 1960”. Todavia, assinalar esse percurso é de fundamental importância para compreender o caminho percorrido pela Sociologia do Esporte como saber científico em vias de institucionalização. Apesar das incursões destacadas até o momento, é possível afirmar que, nesse período, como destacam Elias e Dunning (1992, p. 14):

[...] continua a ser verdade afirmar-se que poucos dos principais sociólogos se comprometeram com um trabalho sistemático de investigação do desporto, se ocuparam com a sua teorização ou debate nos seus livros de textos e outros trabalhos, ou integraram o estudo do desporto nos cursos onde ensinam.

Anos depois, o fenômeno esportivo voltou a ser tema de estudo a partir do notável trabalho de Gregory P. Stone denominado ‘American sports: play and display’, publicado em 1955 e que aborda o jogo em sua forma esportiva, bem como, conforme apontam Souza e Marchi Júnior (2010, p. 49), “avança rumo a uma definição preliminar de esporte-espetáculo e problematiza as implicações deste sob o caráter do jogo esportivo, no sentido de torná-lo mais previsível e, sucessivamente, menos espontâneo”.

1.2 UM CAMPO EM EXPANSÃO

O início dos anos 1960, conforme apontado anteriormente, demarca o início de uma estruturação mais sistemática do campo dos estudos sobre o esporte. Para Dunning (2004), esse processo aconteceu em conformidade com a expansão do ensino superior que ocorreu na maioria dos países ocidentais entre as décadas de 1950 e 1960. Em meio a esse contexto, outro autor tido hoje como um clássico nas Ciências Sociais procurou abordar o fenômeno esportivo: trata-se de Anthony Giddens, que buscou compreender o esporte na sociedade inglesa contemporânea em sua dissertação de mestrado, defendida em 1961 na prestigiada London School of Economics. A esse respeito, é curioso notar que esta foi a sua primeira e única incursão analítica nos estudos sociais do esporte, preferindo “continuar sua trajetória acadêmica em temas mais convencionais e que, possivelmente, trouxeram-lhe o prestígio que detém hoje no campo da Sociologia” (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010, p. 50).

Ainda em 1961, desta vez na Universidade de Leicester, outro jovem pesquisador defendia sua dissertação de Mestrado com um tema relacionado aos esportes. Eric Dunning, sob orientação de Norbert Elias, abordou o desenvolvimento do futebol em seu estudo e, ao contrário de Giddens, seguiu analisando sociologicamente o fenômeno esportivo para posteriormente se tornar, em parceria com seu orientador, uma das principais referências teóricas nos estudos sociais dos esportes no planeta.

A estruturação do campo da Sociologia do Esporte ganhou ainda mais fôlego a partir da fundação, em 1965, do Comitê Internacional de Sociologia do Esporte, sediado inicialmente na capital da Polônia, Varsóvia. Acerca da formação da entidade, que em 1998 passou a se chamar International Sociology of Sport Association, Dunning, um dos principais agentes deste processo, em entrevista para Édison Gastaldo (2008, p. 229), destaca que:

A sociologia do esporte começou a emergir como uma especialidade sociológica nos anos 1960. Este processo foi marcado pela formação, naquela década, do International Committee for Sport Sociology (ICSS), atualmente chamada International Sociology of Sport Association (ISSA), uma organização que foi e permanece sendo verdadeiramente internacional, embora conte com relativamente poucos membros de países do Terceiro Mundo, especialmente em seus primórdios. A principal personalidade na formação do ICSS foi o sociólogo alemão Guenther Lueschen. Ele foi auxiliado por colegas como o educador físico inglês Peter McIntosh, o sociólogo americano Gregory Stone, o educador físico polonês Andrzej Wohl e, é claro, por Norbert Elias e por mim. O ICSS foi uma organização literalmente internacional e refletiu o fato de que os anos 1960 testemunharam o crescimento das tensões da assim chamada ‘Guerra Fria’ entre oriente e ocidente, tensões que se manifestaram sobretudo na ‘Crise dos Mísseis’ em Cuba, em 1962, uma crise que chegou perto da troca de disparos de mísseis que transportavam bombas de hidrogênio entre a URSS e os EUA. Em um contexto como esse, o ICSS parecia ser uma instituição de grande valor potencial, por conta do uso hipotético do esporte no desarme das tensões internacionais e porque, [...] esta organização era um dos poucos contextos naqueles anos em que pessoas de todo o mundo podiam se encontrar amistosamente e em termos formalmente igualitários.

Tendo sua formação constituída principalmente a partir da cooperação de pesquisadores das áreas de Sociologia e Educação Física, o ICSS teve um papel relevante na institucionalização e legitimação da Sociologia do Esporte. Entre suas realizações, destaca-se a criação da Revista Internacional de Sociologia do Esporte (IRSS), publicada periodicamente desde o nascimento da instituição, e a realização de simpósios internacionais para discussão da temática. Segundo Dunning (2004), o primeiro simpósio do então ICSS foi realizado em 1966 na cidade de Colônia, Alemanha, e teve como tema pequenos grupos no esporte.

Ainda acerca do surgimento da instituição, Dunning (2004) aponta que uma das características do desenvolvimento inicial da Sociologia do Esporte e sintomático quanto à própria constituição do campo esportivo é que, nessa fase inicial, havia apenas uma participante do sexo feminino, sendo todos os demais pesquisadores homens. Não obstante, o sociólogo alemão também assinala que, com exceção de alguns japoneses, todos os demais integrantes eram brancos.

Outra característica que auxilia na demarcação do início da institucionalização da Sociologia do Esporte como saber científico ensinado nas universidades é o surgimento, neste período, dos primeiros livros didáticos e manuais da disciplina. A esse respeito, Dunning (2004) destaca as obras ‘Sport, culture and society’, publicado em 1969 por John W. Loy e Gerard S. Kenyon, o livro ‘The Sociology of sport: a selection of readings’, publicado pelo próprio autor, em 1971, na Inglaterra, além de ‘Texte zur Soziologie des Sports’, editado em 1975, por Kurt Hammerich e Klaus Heinemann, e ‘Die Soziologie des Sports’, de Günther Lüschen e Kurt Weis, em 1976, ambos publicados na Alemanha.

Conforme apontam Souza e Marchi Júnior (2010), somam-se a essas obras os trabalhos de orientação marxista de Bero Rigauer, denominado ‘Sport und arbeit’, de 1969, ‘The Sociology of sport’, publicado por Harry Edwards em 1973 e o best-seller ‘Sport in society: issues and controversies’, lançado em 1978 pelo sociólogo estadunidense Jay Coakley. Soma-se a estes trabalhos a importante obra ‘Sociologia Política do Esporte’, publicada em 1976 pelo sociólogo Jean-Marrie Brohm e que se caracteriza por ser:

[...] um *ensaio de sociologia geral do esporte*, da instituição esportiva tomada tanto como um subsistema do sistema social global como por um sistema específico relativamente autônomo. Evidentemente tratamos de reagrupar em forma hierarquizada as *categorias centrais do sistema esportivo*, aquelas que permitem compreendê-lo tanto em suas estruturas de funcionamento como em seu desenvolvimento histórico contraditório. (BROHM, 1982, p. 28, tradução nossa).

No mesmo período, outros notáveis intelectuais publicaram relevantes estudos versando sobre o fenômeno esportivo. Entre eles, destacam-se Allen Guttmann e sua obra ‘From ritual to record: the nature of modern sports’, publicada em 1978, na qual o intelectual estadunidense procura analisar o advento do esporte moderno bem como compreender as diferenças deste relativamente às práticas esportivas anteriores.

O referido ano é marcado ainda pela publicação do primeiro artigo versando sobre o esporte do sociólogo francês Pierre Bourdieu, denominado ‘Sport and social class’. O trabalho

em questão demarca o início dos estudos no campo dos esportes do autor, que viria a se tornar um dos principais referenciais teóricos da disciplina juntamente com Norbert Elias (MEDEIROS; GODOY, 2009).

Entre os autores destacados até aqui, talvez nenhum outro tenha sido tão importante para o desenvolvimento da Sociologia do Esporte quanto Norbert Elias. Embora pese o fato de que vários outros relevantes intelectuais tenham analisado o esporte como objeto de estudo, nenhum deles até então havia se debruçado sobre o tema com tamanho esforço teórico quanto o sociólogo alemão. Seus trabalhos sobre o desporto, em especial o seminal ‘A busca da excitação’, produzido em parceria com Eric Dunning e publicado originalmente em 1986, bem como seus esforços na criação da já destacada ICSS, foram fundamentais para assentar o esporte como um objeto de análise legítimo nas Ciências Sociais. Sobre isso, cabe destacar que, nesse período, o esporte ainda era um tema pouco abordado pelos entre os sociólogos em seus trabalhos:

[...] está implícita a ideia de que os sociólogos tem esquecido o desporto, principalmente porque só alguns conseguiram distanciar-se o suficiente dos valores dominantes e das formas de pensamento características das sociedades ocidentais, enfim, para terem a capacidade de compreender o significado social do desporto, os problemas que este coloca ou o campo de ação que oferece para a exploração das áreas da estrutura social e do comportamento que, na maior parte, são ignoradas nas teorias sociais. O desporto parece ter sido ignorado como um objecto de reflexão sociológica e de investigação, em especial, porque é considerado como algo que se encontra situado no lado que se avalia de modo negativo no complexo dicotômico de sobreposição convencionalmente aceite, como, por exemplo, entre os fenômenos de «trabalho» e «lazer», «espírito» e «corpo», «seriedade» e «prazer», «econômico» e «não econômico». Isto é, no quadro da tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma actividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente, e sem valor económico. Em consequência disso, o desporto não é considerado como um fenómeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos que habitualmente estão associados com os negócios «sérios» da vida económica e política. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 17).

Em linhas gerais, de acordo com o autor, no decorrer do século XX o esporte promoveu por meio de suas provas físicas uma representação simbólica da competição entre estados, substituindo o confronto corporal e o derramamento de sangue pela competição esportiva. Dessa forma, essas competições nunca estiveram isoladas a um indivíduo, mas presentes na satisfação dos espectadores:

Que espécie de sociedade é esta onde as pessoas, em número cada vez maior, e em quase todo mundo, sentem prazer, quer como actores ou espectadores, em provas físicas e confrontos de tensões entre indivíduos ou equipas, e na excitação criada por estas competições realizadas sob condições onde não se verifica derrame de sangue, nem são provocados ferimentos sérios nos jogadores? (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 40).

É deste pressuposto que emerge a teoria do processo civilizatório de Elias. Segundo o autor, esse processo apresenta um campo de ação restrito no que tange à conduta e expressividade de seus sentimentos, favorecendo o aparecimento da rotina na execução de diversas atividades sociais que visam a busca pelo equilíbrio das ações dos indivíduos. Desta forma, para Elias o esporte se destaca como uma forma de ocupação de lazer no tempo livre, fazendo parte do quadro imaginário construído pela sociedade que busca nessas atividades o excitação e a representação da vida real, porém sem os riscos e perigos impostos a ela – e por ela – no cotidiano:

Perigo imaginário, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria são produzidos e possivelmente resolvidos no quadro dos divertimentos. Diferentes estados de espírito são evocados e talvez colocados em contraste, como a angústia e a exaltação, a agitação e a paz de espírito. Deste modo, os sentimentos dinamizados numa situação imaginária de uma actividade humana de lazer têm afinidades com os que são desencadeados em situações reais da vida — é isso que a expressão «mimética» indica —, mas o último está associado aos riscos e perigos sem fim da frágil vida humana, enquanto o primeiro sustenta, momentaneamente, o fardo de riscos e de ameaças, grandes e pequenas, que rodeia a existência humana. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 71).

Mediante ao exposto, é possível compreender, de maneira geral, alguns caminhos percorridos pela Sociologia do Esporte em parte da Europa – especialmente na Inglaterra, Alemanha e França – e nos Estados Unidos desde seu surgimento até sua institucionalização como um campo legítimo de estudos. Caminho esse que teve início a partir dos primeiros esforços analíticos produzidos por autores de diferentes matizes teóricas e prosseguiu até a institucionalização da disciplina por meio dos primeiros grupos de discussão, bem como da produção dos primeiros manuais da disciplina. A partir desse cenário, é possível inferir que a Sociologia do Esporte alicerçou suas bases teóricas e ganhou maior legitimidade acadêmica entre as décadas de 1960 e 70. A esse respeito, Elias e Dunning (1992, p. 12) reforçam o exposto aqui argumentando que:

Na verdade, a sociologia do desporto enquanto área de especialização é recente, embora tenha sido efectuada uma tentativa para lhe atribuir uma ancestralidade respeitável, através da referência às observações feitas por sociólogos «clássicos» como Weber. O seu crescimento foi considerável, em especial, nos Estados Unidos, Canadá e Alemanha Ocidental, desde os primeiros anos da década de 60.

As décadas de 1980 e 1990, conforme destacam Souza e Marchi Júnior (2010), demarcam o período no qual a Sociologia do Esporte começa a ganhar mais fôlego, inserindo-se em novos contextos no cenário mundial. Contudo, este processo é marcado pela continuidade, por parte dos pesquisadores que se enveredaram na análise dos fenômenos esportivos, às heranças teóricas das produções dos intelectuais que corroboraram para demarcar – e conferir maior legitimidade – a este campo de estudos durante os séculos XIX e XX.

1.3 A SOCIOLOGIA DO ESPORTE NO BRASIL

No caso específico do Brasil, a Sociologia do Esporte se constituiu principalmente em torno do desporto mais popular do país, o futebol. Nesse sentido, talvez o primeiro autor a abordar o esporte bretão em seus escritos tenha sido Gilberto Freyre. Sociólogo e antropólogo de fundamental importância para o desenvolvimento das Ciências Sociais no Brasil, Freyre e seus estudos ajudaram a fomentar uma nova forma de entender o país – tanto socialmente quanto culturalmente – e influenciaram trabalhos de várias gerações subsequentes.

Conforme afirma Barreto (2004), Freyre escreveu sobre futebol pela primeira vez em artigo publicado no Jornal A Província, de Pernambuco, no ano de 1929. No texto em questão, denominado ‘Fair play’ e publicado sob o pseudônimo de Jorge Rialto, o autor abordara a questão da falta de esportividade e a violência praticada por jovens em uma partida ocorrida no Rio de Janeiro.

Algum tempo depois, em 1936, Freyre dedica um parágrafo da obra ‘Sobrados e mucambos’ para falar sobre a ascensão do mulato em alguns espaços sociais, como o esporte, o Exército, a Marinha e as Forças Armadas. Dois anos mais tarde, em 1938, Freyre publicou no Diário de Pernambuco o artigo ‘Foot-ball mulato’, no qual destacava a participação e a coragem do Brasil em mandar para a Copa do Mundo daquele ano, sediada na França, um “time fortemente afro-brasileiro”, bem como dava indícios de um suposto jeito brasileiro de

jogar, pautado no improviso, na arte, semelhante à dança e à capoeira e que se diferenciava do modo como os europeus, em especial os ingleses, praticavam o esporte (SOARES, 2003).

O interesse em compreender as influências da cultura negra no estilo de jogar futebol do Brasil foi o mote para grande parte dos textos de Freyre sobre o esporte bretão. Seus escritos acerca do tema, espalhados em artigos publicados no Diário de Pernambuco, O Cruzeiro, Folha de S. Paulo e nos livros ‘Sobrados e mucambos’, de 1936, e ‘Brazil: an interpretation’, de 1945, apontam o interesse do autor em analisar o futebol à luz da sua concepção de mestiçagem e do mito da democracia racial. A esse respeito, conforme aponta Barreto (2004, p. 237):

Como se vê, apesar de tratar ‘apenas’ do futebol em artigos, alguns de jornais e revistas, e em uma entrevista, Freyre desenvolve argumentos expostos em suas principais obras para dar sustentação a algumas de suas teses. Por exemplo, em Sobrados e Mucambos, de 1936, ele já afirmara ‘que os descendentes dos bailarinos da navalha e da faca como que se vêm sublimando nos bailarinos da bola, isto é, da bola de foot-ball [...]’, e segue ali fazendo mais referência ao dionisíaco Lêonidas da Silva. Nesse sentido, vê-se que Freyre, tão remotamente, já apontava as características do estilo brasileiro de jogar futebol, que, só mais tarde, nos acostumamos a chamar de futebol-arte.

Contudo, entre os escritos de Freyre sobre o futebol, nenhum obteve tamanha projeção quanto o prefácio que redigiu para a obra ‘O negro no futebol brasileiro’, do jornalista Mauro Filho. Publicado em 1947 e ampliado em 1964, o livro em questão foi, conforme destaca Souza e Marchi Júnior (2010, p. 55), “[...] exhaustivamente reproduzido no âmbito das Ciências Sociais e utilizado como uma referência para pensar alguns problemas relativos à inserção do negro e das camadas mais pobres da população no universo sociocultural do futebol”.

Acerca do prefácio escrito por Freyre para o livro de Mauro Filho, Antonio Jorge Soares afirma que, em decorrência da carência de fontes sobre o tema e pelo vigor do texto – tido como um cânone dos escritos de futebol no Brasil –, acabou por ocorrer um *esquecimento tácito* das influências de Freyre na obra em questão. Sobre isso, Soares (2003, p. 157) aponta que:

No prefácio, o mérito que Freyre confere a Mário Filho poderia ser pensado com uma espécie de orgulho do criador de imagem do Brasil que se refletia em vários espaços e também nas páginas do *O negro no futebol brasileiro*. O elogio, assim, seria do ‘mestre’ ao ‘discípulo Mário Filho’ que assumia, ao

seu próprio estilo, a mesma empreitada de construir uma imagem positiva do Brasil. Freyre buscava em todas as expressões, detalhes e produtos da cultura a afirmação das singularidades do Brasil, Mário Filho, construiu semelhante olhar sobre o futebol, sobretudo pela influência do negro que teria transformado o futebol anglo-saxão em brasileiro.

As incursões de Freyre na análise do futebol brasileiro e a obra de Mauro Filho se constituem como um estágio inicial da análise do fenômeno esportivo no país. Ainda que de forma não sistemática, estes trabalhos foram importantes para a tomada de consciência da relevância que o esporte – neste caso específico, o futebol – possuía dentro da cultura e da própria sociedade brasileira.

Entretanto, apesar destes esforços iniciais, a Sociologia do Esporte somente começou a receber maior atenção dentro do campo acadêmico brasileiro a partir de meados da década de 1970 e início dos anos de 1980. Os primeiros indícios da emergência da temática como objeto de estudo mais sistemático no país são a publicação, em 1969, da tradução do livro ‘Sociologia do Esporte’, do sociólogo francês Georges Magnane, bem como o ensaio de João Lyra Filho denominado ‘Introdução à sociologia dos desportos’, publicado em 1973 e que em um ano após seu lançamento, já alcançava a terceira edição (MELO, 2001).

Em consonância com a publicação destes primeiros manuais, surgem também os primeiros trabalhos de historiadores profissionais sobre o esporte, bem como a publicação de artigos que versam sob a temática em periódicos como a revista ‘Encontros com a Civilização Brasileira’ que, no ano de 1978, contou com a publicação de textos assinados por Jacob Klintowitz e Joel Rufino dos Santos – que em 1981 publicaria também o ensaio ‘História política do futebol brasileiro’.

Estes trabalhos contribuíram para o surgimento, a partir dos anos 1980, de um conjunto mais sistemático de estudos voltados a análise do fenômeno esportivo, com destaque sempre para o futebol (TOLEDO, 2001). A respeito das principais publicações e esforços intelectuais neste período, que foram de fundamental importância para a emergência da Sociologia do Esporte enquanto uma área de relevância dentro do campo acadêmico brasileiro, é válido assinalar que:

Desde meados dos anos 1970, alguns cientistas sociais começaram a dedicar-se à dimensão social do fenômeno esportivo – futebolístico, para ser mais preciso. Destacam-se neste período Roberto DaMatta, que desde 1974, em artigos para a imprensa, apontava a dimensão cultural do futebol no Brasil, Sérgio Miceli, sociólogo que publicou artigos sobre a Gaviões da Fiel em periódicos científicos entre 1977 e 1979 e Ricardo Benzaquen de Araújo,

que em 1980, defendeu dissertação de mestrado no Museu Nacional intitulada ‘Os Gênios da Pelota: um estudo do futebol como profissão’, orientado por Gilberto Velho. Provavelmente, a primeira dissertação de mestrado a tratar o esporte em perspectiva social no Brasil foi a de Simoni Lahud Guedes, em 1977, ‘Futebol Brasileiro: instituição zero’, orientada por Luiz de Castro Faria, no Museu Nacional. Pioneira neste campo, Simoni participou, com outros antropólogos, da obra que tradicionalmente se considera o marco dos estudos sociais do esporte no Brasil, a excelente coletânea ‘Universo do Futebol’, organizada por Roberto DaMatta em 1982. Nesta coletânea, o futebol é apresentado dentro de uma perspectiva antropológica da cultura, como ‘drama social’, a partir de estudos etnográficos. Neste primeiro momento, o único esporte abordado foi o futebol, cuja preeminência no universo cultural brasileiro é evidente. (GASTALDO, 2010, p. 8).

Os trabalhos destacados por Gastaldo foram fundamentais para a emergência e a consolidação dos estudos sobre esporte – sobremaneira o futebol – nas Ciências Sociais nacionais. É a partir deste pontapé inicial ocorrido nas décadas de 1970 e 1980, sobretudo a partir dos esforços de, entre outros, Roberto DaMatta e das dissertações pioneiras de Ricardo Benzaquen de Araújo e Simoni Lahud Guedes, entre outros, que o esporte começa a ganhar mais espaço na universidade brasileira.

A partir destes esforços iniciais, na década seguinte o esporte passa a receber mais atenção no campo acadêmico brasileiro, crescendo e diversificando o número de publicações versando sobre o fenômeno esportivo e as atividades de movimento. Conforme aponta Melo (2001), em 1990 é criado o Núcleo de Sociologia do Futebol vinculado ao departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e que entre 1994 e 1997 editaria a revista Pesquisa de Campo. Ainda em 1990 são publicados os livros ‘O pontapé inicial’, de Waldenyr Caldas, que versa sobre a história do futebol no país entre os anos de 1893 e 1933 e ‘O que é Sociologia do Esporte’ de Ronaldo Helal – que defenderia em 1994 sua tese de doutorado na New York University denominada ‘Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil’. O período destacado aponta para um movimento de aceleração e solidificação das publicações voltadas à análise do esporte nas Ciências Sociais do Brasil.

Mediante ao exposto, é possível compreender, em linhas gerais, alguns aspectos do processo de surgimento da Sociologia do Esporte no Brasil, processo este que, conforme destacam Souza e Marchi Júnior (2010), fundou-se a partir da emergência de um campo da sociologia do futebol para, posteriormente, constituir um espaço mais amplo de discussões, pautado na análise de outros fenômenos esportivos além do esporte bretão.

O surgimento do campo de estudos da Sociologia do Esporte no Brasil ocorreu em consonância com a fundação deste campo de estudos na América Latina. A esse respeito,

Pablo Alabarces (2004) aponta para o papel de vanguarda dos intelectuais brasileiros neste processo, tendo a obra ‘Universo do futebol’ do antropólogo Roberto DaMatta um papel fundacional deste campo. O sociólogo argentino afirma também o importante papel que a constituição de grupos estáveis de pesquisa voltadas a análise do fenômeno esportivo – sobretudo a partir da década de 1990 – tiveram para a consolidação do campo de estudos sobre o esporte no país, destacando que:

Asimismo, en torno de la invención de colectivos que permitan superar la dispersión de los esfuerzos individuales, hay otras dos marcas ineludibles: la primera, la constitución del Núcleo Permanente de Sociología do Futebol a partir de 1990 en la Uerj, coordinado por Mauricio Murad, y la edición de la revista *Pesquisa de campo* desde 1994. La segunda, el colectivo reunido en la Universidade Gama Filho de Rio de Janeiro que edita la revista *Motus Corporis*, hoy conducida por Hugo Rodolfo Lovisolo y Antonio Jorge Soares, a quienes se debe, junto con Ronaldo Helal, el reciente *A invenção do país do futebol. Mídia, raça e idolatria* (2001). Fuera de ellos, algunas marcas más: el libro de Simoni Lahud Guedes de 1998 (*O Brasil no campo de futebol*), el trabajo de Carlos Alberto Máximo Pimenta (1997) y el de Luiz Henrique de Toledo (1996) en la Universidade de São Paulo (USP), ambos sobre las torcidas organizadas; de este último autor, el libro *Lógicas do futebol* (Toledo, 2002); el libro de Ruben Oliven y Arlei Damo (2001), *Fútbol y cultura*, paradójicamente publicado en castellano y en la Argentina. Pero también en el ámbito brasileño nacen los intentos más recientes de institucionalización disciplinaria: el fórum sobre Antropología e Esporte organizado por Guedes y Damo em los encuentros de la Asociación Brasileña de Antropología em 2002 y 2004; el Simposio Esporte, Política e Cultura coordinado por Helal y José Jairo Vieira para los XXVI y XXVII Encontros Anuais da ANpos, em 2002 y 2003; el Grupo de Trabalho Antropologia do Esporte: as Múltiplas Dimensões de uma Prática Moderna no Mercosul, organizado por Guedes y Simone Pereira da Costa em la V Reunião de Antropologia do Mercosul, en noviembre de 2003; y el Grupo de Trabalho Sociologia do Lazer e do Esporte, coordinado por Pereira da Costa y Vieira em el XI Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, en setiembre de 2003. (ALABARCES, 2004, p. 165-166).

Para além das fronteiras nacionais, Alabarces aponta, entre outras, as iniciativas isoladas de Villena (1996) na Costa Rica; Panfichi (1997) no Peru; Santa Cruz (1995) no Chile; Rocca (1993) e Bayce (2003) no Uruguai; as revistas Debate, do Equador, Nueva Sociedad, da Venezuela, bem como o periódico Lecturas em educación física y deportes organizado por Tulio Guterman na Argentina. Alabarces ainda destaca o trabalho do Grupo de Trabajo Deporte y Sociedad da Clacso (Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais), coordenado pelo próprio autor entre os anos de 1997 e 2003.

A partir da constituição de um cenário geral das produções acerca do esporte na América Latina, Alabarces (2004) afirma que a problemática central deste campo não para

tanto na ausência de interesse e de trabalhos que versem sobre a temática, mas sim no caráter periférico, isolado e desarticulado que estas investigações ocupam dentro das Ciências Sociais no continente. Compartilhando as preocupações de Alabarces, Guedes (2011, p. 40) destaca que a agenda proposta pelo autor para a disciplina “é uma proposta de intervenção: é uma esperança de transformação do esporte em um território realmente democrático”. Nestes termos, a antropóloga alerta que:

[...] nossa contribuição para a democratização do fenômeno esportivo será tanto mais efetiva quanto mais produzirmos Ciência Social de qualidade. E será tanto mais efetiva quanto mais deslocarmos nosso olhar para o ‘outro’, reproduzindo o movimento básico, relativizador, da antropologia clássica; e quanto mais desvendarmos analiticamente as formas complexas e sutis de circulação dos capitais simbólicos e econômicos no campo esportivo, redistribuindo o poder. (GUEDES, 2011, p. 40).

Visando corroborar a transformação do esporte em um território realmente democrático, há nos artigos de Alabarces e Guedes, conforme aponta Luiz Fernando Rojo (2011), a preocupação com a diversificação dos temas passíveis de análise por este campo de estudos, uma vez que, segundo a antropóloga brasileira, há a predominância do futebol como base empírica nos trabalhos produzidos no Brasil. A esse respeito, Guedes (2011, p. 38) afirma que “se a hegemonia dos estudos sobre futebol é justificável, ao menos nestes dois contextos, tendo em vista sua extraordinária importância mundial e local, a ampliação dos campos empíricos enfocando práticas esportivas diversas é extremamente alvissareira”.

Assim, a proposta desta dissertação é seguir com o destacado pelos referidos autores no sentido de ir além dos estudos sobre o esporte bretão e deslocar o olhar para o “outro”; neste caso, o basquetebol brasileiro. Para isso, a proposta, na sequência, é trazer à tona, mesmo que de maneira introdutória, alguns trabalhos que versam sobre essa temática produzidos no Brasil ao longo das três últimas décadas, bem como algumas possibilidades de análise tendo como enfoque a modalidade da bola ao cesto.

1.4 OS ESTUDOS SOCIAIS SOBRE O BASQUETEBOL NO PAÍS

A partir do esforço analítico dispendido até aqui, é possível verificar alguns dos elementos presentes na composição do campo da Sociologia do Esporte no Brasil e no mundo. Com o exame acerca da constituição de alguns caminhos percorridos pela disciplina, desde seu surgimento até o tempo presente, é possível compreender o modo pelo qual a

mesma se constituiu como um objeto de estudo legítimo e reconhecido dentro do campo acadêmico-científico brasileiro e internacional. De agora em diante, o enfoque passa a ser a apresentação e a discussão de algumas produções pertinentes ao campo da Sociologia do Esporte que versam sobre o basquetebol.

Como esperado – e reconhecendo de antemão os limites desta empreitada –, ao propor algo dessa natureza acaba por ser inevitável que sejam deixados de lado alguns trabalhos que abordam a temática produzidos neste período. Afinal, convém avisar, conforme aponta Alabarces (2011), que seria impossível conhecer, em sua totalidade, as produções acerca do esporte efetuadas no Brasil ao longo desse período. De toda forma, ainda sim considero ser válido efetuar tal empreitada como forma de trazer à tona alguns desses trabalhos e, com isso, tentar apresentar algumas possibilidades de análise que o basquetebol permite as Ciências Sociais.

Isso posto, passaremos então à descrição dos procedimentos adotados para a coleta dos trabalhos que serão apresentados aqui. A priori, foi feita a pesquisa do termo “basquete” nos bancos de dados de teses e dissertações de uma série de universidades brasileiras, como, entre outras, a USP, UNESP, UFSCAR, UNICAMP, UFPR, UERJ, UFRJ e UFF. A partir disso, foi efetuado o filtro dos textos encontrados com base no tipo de análise proposta por cada autor, de modo a privilegiar aqueles produzidos nas Ciências Humanas e Sociais – ou mesmo de áreas afins, mas que fossem pautados por uma análise de caráter histórico-social da modalidade. Adotar esse procedimento se fez necessário diante da grande quantidade de trabalhos encontrados, em especial na área das Ciências da Saúde e da Educação Física, pautados na análise de aspectos físicos, motores e de desempenho vinculados à modalidade, mas que fogem ao escopo analítico aqui proposto.

A esse respeito, é válido destacar também que partimos do referencial teórico proposto por Gastaldo (2010) para a realização desta parte do trabalho, empregando o termo “estudos sociais do esporte” como forma de compreender e definir:

[...] um amplo espectro de produção acadêmica, como dissertações e teses, artigos científicos em periódicos, grupos de pesquisa e grupos de trabalho em congressos que se caracteriza por abordar o esporte em sua dimensão de fato social, (distinguindo-se portanto de abordagens físicas e/ou fisiológicas dos fenômenos esportivos), organizada nos moldes de um ‘campo intelectual’, como o descrito por Bourdieu (2002) [...] Assim, o campo dos estudos sociais do esporte inclui trabalhos científicos disciplinarmente alocados nas áreas de educação física, comunicação, antropologia, sociologia, história, educação, geografia, psicologia e muitas outras. (GASTALDO, 2010, p. 7-8).

A pesquisa se estendeu também pela base de teses, dissertações e de periódicos da CAPES e da Scientific Electronic Library Online (SciELO); de periódicos como, entre outros, Movimento (ESEF/UFRGS), Horizontes Antropológicos (IFCH-UFRGS), Esporte e Sociedade (UFF), Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS-ANPOCS), Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Revista Estudos Históricos (FGV); de revistas digitais como a da Federação Internacional de Educação Física (FIEP Bulletin) Centro Esportivo Virtual (CEV), Lecturas em educación física y deportes (EFDeportes); bem como a produção de grupos de pesquisa como o Comunicação, Esporte e Cultura (FCS/UERJ), Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade (NEPESS), Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (GECEF), Grupo de Pesquisa Esporte e Cultura (FCS/UERJ), Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF), Sociedade de Estudos em Esportes (SEE), Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (UFRGS) e Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (UERJ).

Acerca dos resultados deste levantamento, é importante apontar que a grande maioria dos estudos sobre basquetebol encontrados foi produzida por profissionais da área de Educação Física. Contudo, vale destacar que grande parte destes trabalhos se apropria de referenciais teóricos próprios das Ciências Sociais – mas que transpassam as fronteiras disciplinares –, em especial as produções de Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Eric Dunning que norteiam uma parte considerável dos estudos sobre a modalidade produzidos no Brasil.

A partir deste levantamento, foi possível verificar a dívida que as Ciências Sociais ainda possuem na análise deste esporte. A carência de publicações na área que versem sobre o basquete acentua a necessidade de uma maior diversificação nos temas abordados pela Sociologia do Esporte, uma vez que, conforme argumenta Rojo (2011: 12), “esta diversificação ainda é presente desigualmente nos países da América Latina, com o futebol sendo não apenas hegemônico como tema de pesquisa, mas, na maioria dos casos, o único esporte que tem merecido a atenção de estudos acadêmicos, principalmente a partir de um enfoque antropológico”. Isso posto, passamos agora à apresentação dos resultados do levantamento bibliográfico descrito acima.

Dentre os objetos de estudo abordados pelos pesquisadores da área no Brasil, um dos principais temas de análise refere-se à própria lógica de funcionamento do basquetebol brasileiro e as disputas políticas e de hegemonia pertinentes ao campo específico da

modalidade. Sobre isso, destacam-se, entre outros, a dissertação de mestrado do ex-jogador de basquete Rolando Ferreira Júnior (2008) sobre as relações de poder presentes na organização da modalidade no país, a dissertação de Beneli (2007) sobre a apropriação das características do esporte profissional nas categorias de base do basquetebol masculino paulista, o artigo de Bastos e Gitti (2013) sobre a estrutura organizacional e dos gestores da Liga de Basquete Feminino (LBF), o artigo de Beneli, Rodrigues e Montagner (2006) sobre a organização do basquetebol masculino brasileiro a partir das transformações ocorridas no esporte moderno sob a perspectiva teórica de Jean-Marie Brohm, bem como os trabalhos de Pilatti e Hirata (2004, 2009) sobre o potencial mercantil do basquetebol brasileiro como um todo e acerca da organização administrativa de uma equipe profissional da modalidade no país. A partir destes trabalhos é possível compreender uma série de questões relevantes acerca da estruturação da modalidade no Brasil, bem como características próprias de sua profissionalização, organização, mercantilização e espetacularização.

Acerca deste último ponto, é válido ressaltar que a primeira vez que o basquetebol surge como objeto de análise em um estudo de maior fôlego data do ano de 1991, mais especificamente na dissertação de mestrado defendida por Ana Márcia Silva junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina com o título de ‘Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano’. No trabalho em questão, a autora propõe uma análise do processo de transformação do esporte em espetáculo esportivo, em especial no que tange a mercadorização desse fenômeno. Desta forma, e a fim reiterar sua argumentação, Silva (1991) analisa algumas transformações – nas regras, gestos técnicos, táticas e treinamento – ocorridas no basquetebol ao longo de sua história e que foram influenciadas por esse processo de espetacularização pelo qual passou o esporte nas sociedades capitalistas ao longo do século XX.

Desde então, uma série de outras possibilidades de análise a partir do basquetebol foram realizadas no Brasil. Além da dimensão estrutural da modalidade e do espetáculo, a partir do basquetebol é possível compreender aspectos relevantes relativos à construção de identidades por meio do esporte. A esse respeito, destaca-se a dissertação de mestrado defendida por Silva (2012) acerca da constituição da identidade negra de alunos e alunas de basquete de rua da Central Única das Favelas (CUFA) do Ceará. A questão da identidade permeia também a tese de doutorado de Rodrigues (2014), quando o autor realizou uma investigação sobre a formação profissional de treinadores de basquetebol, em especial daqueles que lidam com as categorias de base, buscando compreender o processo de constituição identitária desses agentes.

Outra faceta dos estudos sociais sobre o esporte que o basquetebol suscita refere-se à área da educação. Sobre essa questão, nota-se que a primeira vez que a modalidade serviu como aporte teórico para uma discussão dessa natureza data do ano de 1993, mais especificamente na dissertação de mestrado de Paulo Cesar Montagner intitulada ‘Esporte na competição x educação? O caso do basquetebol’. A partir de uma abordagem multifacetária, Montagner buscou compreender o modo como o esporte influencia no processo educativo. Para fundamentar sua análise, o autor se utilizou do caso do basquetebol, analisando, entre outros, a modalidade como esporte de competição e histórias de vida de pessoas envolvidas de alguma forma com o basquetebol.

Na sequência, dentre os objetos de disputa no campo específico do basquetebol, um dos mais relevantes para a prática da modalidade é o próprio corpo. A fabricação dos corpos para a prática em alto nível da modalidade é um diferenciador social importante e que merece ser destacado. No caso específico do esporte da bola laranja, ter o corpo considerado propício para a prática do esporte – alto, atlético, fabricado em academias, seguindo uma alimentação específica e moldado a partir de muito treinamento – é um condicionador fundamental para obter sucesso na modalidade. A esse respeito, é válido apontar que:

Um outro fator de explicação pode ser relacionado à altura dos jogadores, num país de segmentos populacionais de certas regiões padecem de problemas de desnutrição há várias gerações, acarretando consequências na estatura média dos habitantes. Ressalte-se que a cesta de basquete fica a 3,05 metros de altura, para qualquer jogador. Ao contrário do futebol, o basquete favorece os jogadores altos e desfavorece os baixos. Isso não quer dizer que não existam indivíduos altos e dotados de corpos atléticos nas camadas pobres da população. Mas, esses indivíduos não vão espontaneamente em direção ao basquete; e sim, direcionam-se mais para o futebol, que é a via real da profissionalização esportiva no Brasil. (GAUDIN, 2007, p. 57).

Essa corporalidade específica voltada à prática do basquetebol também foi objeto de estudo de Rojo (2014), neste caso abordando o processo de aprendizagem desta prática específica por atletas cadeirantes da modalidade e a construção das performances corporais destes atletas a partir da interação com suas cadeiras de rodas de competição. Conforme destaca o autor, há uma reconfiguração do *habitus* destas pessoas a partir do aprendizado de uma nova posição corporal moldado pela prática da modalidade, bem como a ressignificação pela qual estes atletas passam em sua corporalidade e identidade, uma vez que, no campo esportivo onde estes atletas vivem, “o sentido atribuído a determinados tipos de próteses, tais como implantes dentários, por exemplo, não caracteriza ninguém como ‘portador de

deficiência’, enquanto a necessidade de uma cadeira de rodas o identifica como tal” (ROJO, 2014, p. 13).

Ainda sobre a importância da corporalidade para a prática do basquetebol, uma outra análise possível de ser efetuada tange o desenvolvimento e a transformação no nível de exigência física por que a modalidade passou no decorrer dos anos. A esse respeito, é válido destacar que, se outrora o basquetebol já chegou a ser praticado descalço e até mesmo na chuva – como na primeira final Olímpica da modalidade, realizada em Berlin no ano de 1936 –, no tempo presente os calçados para a prática do basquetebol são altamente tecnológicos e muitos ginásios ao redor do mundo possuem até mesmo sistema de ar condicionado e piso flutuante, que pode ser desmontado rapidamente após uma partida. Tudo isso para servir de aporte à prática esportiva de alto rendimento, que exige fisicamente cada vez mais dos atletas.

Sobre essa questão, o caso da NBA é um bom exemplo para ilustrarmos o nível atual de exigência física no basquetebol de alto rendimento na atualidade. Contando com os principais jogadores de basquetebol do planeta, a liga norte-americana promove, apenas em sua temporada regular, 82 jogos em um calendário espalhado entre o final de outubro e começo de abril. Sem contar a fase de *playoffs*, os jogadores atuam, em média, uma partida a cada 2,28 dias. Se por si só esse número já surpreende, vale lembrar que os jogos da NBA têm uma média de 48 minutos por partida, oito a mais que a média do basquetebol praticado no resto do mundo, que segue os padrões e as regras da FIBA.

E se o desgaste físico decorrente do alto número de partidas para um jogador comum já é grande, o nível de exigência dos jogadores de elite da liga norte-americana é ainda maior. A esse respeito, nos valem aqui do caso de Kevin Durant, escolhido como o MVP (Jogador Mais Valioso) da NBA na temporada 2013-14, para ilustrar essa questão. O ala do Oklahoma City Thunder atuou, apenas na temporada regular, em um total de 3122 minutos em 81 jogos, ficando em quadra numa média de 38,5 minutos por partida. Nesses jogos, Durant percorreu uma distância total de, em média, 4.0234 km por partida, a uma velocidade média de 6,3 km/h. Ao todo, o ala de 25 anos percorreu um total de 326.05 km apenas em jogos oficiais da temporada regular (NATIONAL BASKETBALL ASSOCIATION, 2015).

Entretanto, se a liga norte-americana de basquetebol disponibiliza uma infinidade de informações e números acerca de seus jogadores e da liga como um todo, o basquetebol brasileiro ainda deixa a desejar nesse quesito. Quanto a isso, a Liga Nacional de Basquete disponibiliza, por meio de seu site oficial, uma série de estatísticas provenientes das partidas³,

³ As estatísticas dos jogadores em uma partida, conhecido internacionalmente como *boxscore*, compreende uma espécie de súmula contendo informações como pontos, rebotes defensivos e ofensivos, assistências, roubos de

além de informações dos clubes e atletas que participam do certame. Sobre isso, é importante destacar que a LNB deu um importante passo nesse sentido, visto que, antes da formação do Novo Basquete Brasil, em 2008, as informações e as estatísticas dos jogos de basquete no país praticamente inexistiam – e as que existiam eram de difícil acesso e ainda muito rudimentares. No que tange a utilização das estatísticas no basquete, é válido destacar que:

A estatística do jogo caracteriza-se pela coleta e interpretação dos números obtidos, transformando-os em dados significativos, contabilizando cada uma das ações do jogo, sem se preocupar com a maneira e a sequência que elas ocorrem. A estatística de jogo fornece informações relevantes e objetivas, que servem como uma base para avaliar o desempenho. Um dos objetivos desse tipo de observação quantitativa é dar aos técnicos e atletas informações sobre o jogo de maneira que sejam identificadas qualidades e deficiências e que os desempenhos subsequentes possam ser melhorados. (ROSE JUNIOR; TAVARES; GITTI, 2004, p. 378).

Como se vê, concomitantemente com a evolução – e o nível de exigência – física pelo qual passou o basquetebol ao longo de sua história, ocorreu também o desenvolvimento de uma série de informações pertinentes à modalidade e que interferem diretamente em sua prática e em outros aspectos que extrapolam o campo de jogo. Assim, o basquetebol possibilita também a investigação de diversas questões a partir de uma perspectiva quantitativa. Dentre os que se aventuram nessa área, destacam-se as produções de Dante de Rose Júnior. Em linhas gerais, em seus trabalhos sobre o basquetebol o educador físico aborda sobremaneira aspectos técnicos e táticos da modalidade, utilizando-se da coleta e da análise de dados como forma de integrar a teoria com a prática da modalidade bem como seus desdobramentos.

A esse respeito, Rose Junior, Lamas e Negretti (2005) evidenciam que a quantidade – e a qualidade – de informações geradas a partir de uma partida de basquetebol é muito maior do que a capacidade de armazenamento destes dados por qualquer observador. Desta forma, faz-se necessário pontuar a importância da coleta e análise criteriosa de todos esses dados obtidos a partir de um jogo de basquetebol, a fim de organizar e sistematizar essas informações, auxiliando na utilização correta destas por técnicos, atletas e estudiosos da modalidade. Nestes termos, podemos verificar que:

bola, tocos, desperdícios de bola, faltas cometidas e sofridas, minutos em quadra, eficiência, gráfico de arremessos, aproveitamento nos fundamentos de jogo, entre outros.

No basquetebol, a análise do jogo é imprescindível para a caracterização de suas exigências específicas. Como um esporte de cooperação e oposição, invasivo, com ocupação de espaços comuns e participação simultânea dos atletas esse esporte proporciona uma grande variedade de situações que podem ser observadas e analisadas [...]. Essas análises podem ocorrer em diferentes dimensões: tática, técnica, motora, energética, morfológica e psicológica. (ROSE JUNIOR; TAVARES; GITTI, 2004, p. 378).

Mas para além das questões técnicas e táticas, essas informações auxiliam na compreensão de uma série de fatores que vão muito além do campo de jogo. Contudo, se a utilização de dados e informações advindas da modalidade por parte dos técnicos e equipes no basquetebol nacional ainda ocorre de forma rudimentar, é possível verificar que em estudos científicos no país e, mais especificamente na área das Ciências Sociais, ela é ainda mais escassa. Contudo, é importante salientar que, seja sob uma perspectiva quantitativa ou qualitativa, o esporte da bola ao cesto possibilita a análise de uma série de questões que perpassam a esfera meramente esportiva e se inserem em diversos contextos sociais. Em decorrência, é válido destacar, mesmo de maneira introdutória, as publicações produzidas especificamente por cientistas sociais que abordam o basquetebol encontradas a partir do levantamento realizado aqui.

A primeira, um artigo de Hugo Lovisolo e Yara Lacerda publicado no ano de 1999 na revista Estudos Históricos, aborda o fenômeno de imbricação entre espiritualidade e a dinâmica racional do basquetebol tendo como objeto de análise a trajetória do treinador mais vitorioso da história da NBA, Phil Jackson.

Na sequência, temos a publicação, em 2007, do artigo produzido por Benoit Gaudin e publicado na Revista de Ciências Sociais da Universidade do Ceará. No texto em questão, o sociólogo francês procura compreender algumas das razões pela qual o basquetebol ocupa uma posição de segundo plano no campo esportivo nacional.

Outra produção que tem como objeto de estudo o esporte da bola ao cesto produzida por um cientista social refere-se ao artigo produzido por Júlio César Jatobá Palmiéri, denominado 'Futebol e Basquete *made in Brazil*: uma análise antropológica do fluxo de jogadores para o exterior' e integrante da coletânea sobre práticas esportivas organizada por Luiz Henrique de Toledo e Carlos Eduardo Costa chamada 'Visão de jogo'. Entre outras questões, no texto em questão, Palmiéri procura analisar, tendo como base comparativa o futebol, como se dão as transferências envolvendo atletas profissionais de basquete no Brasil.

Soma-se a estes o trabalho produzido por Rojo (2014) destacado anteriormente neste capítulo acerca do processo de aprendizagem do basquetebol e a construção específica de uma

corporalidade para a prática desta modalidade por atletas em cadeiras de rodas. Entretanto, apesar dos esforços analíticos destacados aqui, é inegável a dívida que as Ciências ainda possuem na análise deste esporte. Afinal, mediante ao exposto foi possível verificar que, como objeto de estudo, o basquetebol viabiliza um conjunto de discussões relevantes para as Ciências Sociais, como questões sobre identidade, educação, profissionalização e espetacularização do esporte, estruturação do campo esportivo, entre outros, seja sob uma perspectiva qualitativa como quantitativa. Assim, é imprescindível para o desenvolvimento tanto da modalidade – seja dentro ou fora de quadra – quanto da disciplina que estudos dessa natureza sejam realizados. Acerca da produção de conhecimento na área, é válido evidenciar que:

[...] a exemplo de muitas outras áreas da ciência social brasileira, nossa produção acadêmica sobre esportes é ainda voltada predominantemente para nossos próprios compatriotas, em congressos, periódicos ou livros que circulam quase que exclusivamente em território nacional, e entre grupos disciplinarmente delimitados. (GASTALDO, 2010, p.7).

A esse respeito, é importante pontuar, especialmente no caso do basquetebol brasileiro, a falta de interlocução entre os trabalhos produzidos na universidade sobre a modalidade e aqueles que trabalham diretamente com o basquetebol – sejam técnicos, professores, dirigentes, atletas, etc. Esse ainda é, conforme aponta Bourdieu, um dos princípios “das dificuldades particulares que a sociologia do esporte encontra”, pois embora seja notória a evolução da disciplina nos últimos anos, ela ainda parece padecer do problema destacado pelo intelectual francês de ser frequentemente “desdenhada pelos sociólogos” e “desprezada pelos esportistas” (BOURDIEU, 1990, p. 207). Apesar de que, conforme destacado anteriormente, os estudos sociais sobre o esporte têm crescido em importância e vigor dentro da área, seu alcance ainda permanece restrito sobretudo aos nossos pares dentro da academia.

Desta forma, é de suma importância para o desenvolvimento do basquetebol no país que haja uma maior interação entre aqueles que estudam a modalidade e os responsáveis por fomentar a prática do esporte em todos os níveis. Afinal a dicotomia existente entre os “teóricos” do esporte e aqueles que atuam diretamente com a prática esportiva é um entrave que necessita ser superado, uma vez que uma maior interlocução entre estes dois campos possibilitaria o acúmulo de experiências e novos saberes para ambos, contribuindo para o desenvolvimento do esporte no país.

2. ESBOÇO DE UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO CAMPO DO BASQUETEBOL NO MUNDO

Durante o rigoroso inverno de 1891, nascia na cidade estadunidense de Springfield, no estado de Massachussets, uma forma de atividade física que consistia basicamente em lançar uma esfera forjada a partir da câmara de ar de uma bola de futebol dentro de um cesto de colher pêssigo fixado a 3,05 metros do chão. Era o início do basquetebol, concebido pelo canadense James Naismith, formado em teologia e professor de educação física da tradicional Associação Cristã de Moços (YMCA).

As condições para o surgimento da modalidade decorreram da necessidade do diretor da entidade, Dr. Luther Halsey Gullick, em proporcionar para seus alunos, durante o inverno, uma atividade física alternativa ao futebol americano e que ao mesmo tempo em que fosse dinâmica e motivadora pudesse ser praticada em ambientes fechados. Para resolver essa equação, Gullick resolveu incumbir Naismith, que lecionara futebol e ginástica durante seis anos na McGill University of Monstreal, de criar um jogo com essas características.

Naismith, após aplicar um curso de ginástica utilizando o método sueco na Universidade de Vinegrad junto com o Barão Nills Posse, vislumbrou a necessidade de criar um jogo atraente, que pudesse ser praticado por um grande número de alunos, fácil de aprender, sem a violência típica do futebol americano e que fosse adaptável a qualquer espaço (DAIUTO, 1991).

Entretanto, apesar de constadas as necessidades empíricas de se criar um novo jogo, a formulação do que viria a ser o basquetebol surgiu de uma aparente banalidade cotidiana. Naismith, após incessantes tentativas de esboçar, no papel, um jogo que fosse novo e original, se viu atirando os rascunhos, em formato de bolinhas de papel, em um cesto de lixo. Partindo dessa ideia e baseando-se em estudos sobre os demais esportes, Naismith criou uma atividade física que envolvia cinco princípios básicos: o jogo seria praticado com uma bola esférica e grande; o jogador não poderia correr com a bola; a bola deveria ser passada somente com as mãos; não poderia haver contato corporal; e o alvo seria colocado de forma horizontal (OLIVEIRA, 2012).

A partir disso, Naismith começou a dar vida ao novo jogo conforme o que dispunha de material ao seu redor. Para lançar a bola (adaptada com a câmara de ar de uma bola de futebol que permitia ser quicada no solo), ele resolveu improvisar colocando duas cestas vazias de colher pêssigo com 0,381 metros de diâmetro e profundidade em lados opostos numa altura

de 3,05 metros. Daí surgiu o nome do jogo, *basketball* (bola ao cesto em inglês, em tradução livre).

O primeiro jogo de basquetebol foi realizado no dia 21 de dezembro de 1891, sendo jogado por 18 alunos do curso de secretários da YMCA, divididos em duas equipes (A e B) com nove integrantes cada. A partida terminou com o placar de 1x0 a favor da equipe A e foi marcada por muitas faltas (que eram punidas colocando o infrator na linha lateral até que próxima cesta fosse convertida). No ano seguinte, foram criadas por Naismith as primeiras regras oficiais da modalidade, contendo 13 itens dispostos a seguir:

I – A bola pode ser arremessada em qualquer direção com uma ou com ambas as mãos; II – A bola pode ser tapeada para qualquer direção com uma ou com ambas as mãos (nunca usando os punhos); III – Um jogador não pode correr com a bola. O jogador deve arremessá-la do ponto onde pegá-la. Exceção será feita ao jogador que receba a bola quando estiver correndo a uma boa velocidade; IV – A bola deve ser segura nas mãos ou entre as mãos. Os braços ou corpo não podem ser usados para tal propósito; V – Não será permitido sob hipótese alguma puxar, empurrar, segurar ou derrubar um adversário. A primeira infração desta regra contará como uma falta, a segunda desqualificará o jogador até que nova cesta seja convertida e, se houver intenção evidente de machucar o jogador pelo resto do jogo, não será permitida a substituição do infrator; VI – Uma falta consiste em bater na bola com o punho ou numa violação das regras 3, 4 e 5; VII – Se um dos lados fizer três faltas consecutivas, será marcado um ponto a mais para o adversário (consecutivo significa sem que o adversário faça falta neste intervalo entre faltas); VIII – Um ponto é marcado quando a bola é arremessada ou tapeada para dentro da cesta e lá permanece, não sendo permitido que nenhum defensor toque na cesta. Se a bola estiver na borda e um adversário move a cesta, o ponto será marcado para o lado que arremessou; IX – Quando a bola sai da quadra, deve ser jogada de volta à quadra pelo jogador que primeiro a tocou. Em caso de disputa, o fiscal deve jogá-la diretamente de volta à quadra. O arremesso da bola de volta à quadra é permitido do tempo máximo de 5 segundos. Se demorar mais do que isto, a bola passará para o adversário. Se algum dos lados insistirem em retardar o jogo, o fiscal poderá marcar uma falta contra ele; X – O fiscal deve ser o juiz dos jogadores e deverá observar as faltas e avisar ao árbitro quando três faltas consecutivas forem marcadas. Ele deve ter o poder de desqualificar jogadores, de acordo com a regra 5; XI – O árbitro deve ser o juiz da bola e deve decidir quando a bola está em jogo, a que lado pertence sua posse e deve controlar o tempo. Deve decidir quando um ponto foi marcado e controlar os pontos já marcados, além dos poderes normalmente utilizados por um árbitro; XII – O tempo de jogo deve ser de dois meio-tempos de 15 minutos cada, com 5 minutos de descanso entre eles; XIII – A equipe que marcar mais pontos dentro deste tempo será declarada vencedora. Em caso de empate, o jogo pode, mediante acordo entre os capitães, ser continuado até que outro ponto seja marcado (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2013).

Ainda em 1892 – mais especificamente no dia 11 de março daquele ano – foi disputada a primeira partida oficial da modalidade, realizada no ginásio Armory Hill e onde os alunos venceram os professores por 5x1 na presença de aproximadamente duzentas pessoas.

Entretanto, o ano de 1892 foi marcado também por uma série de circunstâncias em que é possível apontar o início da passagem do basquetebol, que era até então apenas uma alternativa de atividade física, para um gradativo processo de profissionalização e mercantilização da modalidade. Digo isso, pois, além da delimitação das regras oficiais do esporte, foi neste ano em que a primeira bola oficial de basquete foi produzida pela *A. C. Spalding & Brothers*, empresa que nos dias atuais é responsável por comercializar bolas e outros materiais esportivos para a NBA, NBB e as principais ligas de basquete do planeta. No mesmo ano começaram a ser comercializadas também as primeiras cestas oficiais de basquete, desenhadas por Lew Allen de Connecticut e que consistiam em cilindros de madeira com bordas de metal. No ano seguinte, a *Narraganset Machine & Co* passou a produzir um anel metálico com uma rede fixada a ele, bem próximo ao formato atual, conhecido e aceito mundialmente, dos aros da modalidade (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2013).

Dito isso, é possível destacar que, mesmo de maneira precária, foram as fabricantes de artigos esportivos as primeiras empresas a desenvolverem sistematicamente o *marketing* por meio do esporte. Além do basquetebol, nota-se que, por volta de 1890, os fabricantes de bicicletas na França já se utilizavam do esporte para conseguir espaço na mídia impressa e divulgar seus produtos, inventando novas provas de velocidade e resistência e também dando nome a velódromos (SILVA, 1991).

A esse respeito, faz-se necessário ressaltar de que não se trata, neste estudo, de realizar uma busca pelas “origens” do basquetebol enquanto prática pré-esportiva, mas, conforme aponta Bourdieu (1983, p. 138):

[...] apreender a especificidade da prática propriamente esportiva ou, mais precisamente, de determinar como alguns exercícios físicos pré-existentes passaram a receber um significado e uma função radicalmente novos – tão radicalmente novos como os casos de simples invenções, como o vôlei ou o basquete – tornando-se esportes definidos em seus objetos de disputas, suas regras de jogo e, ao mesmo tempo, na qualidade social dos participantes, praticantes ou espectadores, pela lógica específica do ‘campo esportivo’.

Delimitadas as regras oficiais do jogo e as condições estruturais para sua prática, foi possível a difusão cada vez maior da modalidade ao redor dos EUA e do mundo. O Brasil foi um dos primeiros países a conhecer o esporte, trazido pelo professor estadunidense Augusto Shaw que em 1894 recebeu o convite para lecionar no Mackenzie College, em São Paulo, na época voltado ao ensino e à alfabetização de mórmons daquele país, que emigravam ao Brasil e demais países da América Latina com o intuito de difundir sua religião. Embora houvesse emigrado com a missão de ministrar a disciplina de história da arte, o professor Shaw, que havia tido seu primeiro contato com a modalidade em 1892, trouxe consigo também uma bola de basquetebol de sua terra natal e foi o responsável por introduzir a modalidade no país.

Começa a surgir, nesse contexto, a construção social do campo esportivo do basquetebol ao redor do planeta por meio da constituição de regras próprias para a prática da modalidade. Sobre essa questão, Bourdieu (1983, p. 140) assinala que:

A necessidade da aplicação universal de regras fixas se impõe desde o momento em que as 'trocas' esportivas se estabelecem entre as diferentes instituições escolares, e depois entre regiões, etc. A autonomia relativa do campo das práticas esportivas se afirma mais claramente quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de auto-administração e regulamentação, fundadas numa tradição histórica ou garantidas pelo Estado: estes organismos são investidos do direito de fixar as normas de participação nas provas por eles organizadas, de exercer, sob o controle dos tribunais, um poder disciplinar (exclusões, sanções, etc.), destinado a impor o respeito às regras específicas por eles editadas; além disso, podem conceder títulos específicos, como os títulos esportivos ou, como na Inglaterra, os títulos de treinadores.

No Brasil, o basquetebol teve inicialmente maior aceitação entre as mulheres, fato que dificultou a propagação da modalidade entre os homens devido ao forte machismo que imperava no país na época. Ademais, soma-se a isso o fato de que, naquele momento, o remo era o esporte mais praticado entre os homens e que, naquele período, começava a surgir no país outro esporte, o futebol, trazido por Charles Miller em 1894 da Inglaterra, e que posteriormente se tornaria a grande coqueluche esportiva entre os homens (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2013).

Recém-chegado ao país, a prática do basquetebol acabou por refletir a condição de opressão de gênero que vigorava no Brasil naquela época. O esporte tende, enquanto prática restrita às frações dominantes da classe dominante, de acordo com Bourdieu (1983, p. 141):

[...] sempre a pensar sua oposição às frações dominadas através da oposição entre masculino e feminino, o viril e o afeminado, que assume conteúdos diferentes segundo as épocas, para compreender uma das implicações mais importantes da exaltação do esporte e em particular dos esportes ‘viris’, como o rugby, e para ver que o esporte, como toda prática, é um objeto de lutas entre frações da classe dominante e também entre as classes sociais”.

Mas apesar da resistência inicial, o basquetebol alcançou uma aceitação nacional graças ao professor Oscar Thompson, da Escola Nacional de São Paulo e Henry J. Sims, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), do Rio de Janeiro. Outro colaborador para a difusão do esporte no país foi o próprio Augusto Shaw, que era um entusiasta da propagação da cultura estadunidense no Brasil, e aos poucos foi persuadindo seus alunos de que o basquetebol não era um esporte voltado apenas para as mulheres e que poderia ser praticado por todos os gêneros, sem distinção.

A partir disso, Shaw conseguiu formar a primeira equipe de basquete do país, em 1896, constituída por alunos da Mackenzie College. Entretanto, o esporte começou a ter mais visibilidade a partir de 1910, graças a Thompson e Sims que começaram a organizar eventos e outras atividades referentes à modalidade. Um desses momentos refere-se à primeira partida oficial do esporte disputada no país, entre a ACM e Mackenzie, realizada em São Paulo no ano de 1912 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2013).

Desde então o basquetebol no Brasil começou a ganhar praticantes e se difundir. Em 1913 ocorre o primeiro jogo internacional de uma equipe do país, a convite do América Futebol Clube do Rio de Janeiro, entre membros da ACM de Santiago (capital do Chile) e integrantes da ACM trajando uniformes do clube fluminense. A partida teve o curioso placar de 5 a 4 e culminou na adoção do esporte pelo América. Em 1915 as primeiras regras foram traduzidas para o português, o que facilitou ainda mais a prática e a propagação do esporte pelo país. Na mesma data acontece o primeiro torneio de basquetebol da América do Sul, organizado pela ACM e que contou com a participação de seis equipes. Diante do sucesso da competição, a Liga Metropolitana de Sports Athléticos, responsável pelos esportes terrestres na até então capital federal, decide englobar a modalidade entre seu rol de atividades no ano de 1916. Três anos depois, é realizado o primeiro campeonato oficial organizado pela entidade e que acabou com a vitória do Flamengo (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2013).

O ano de 1920 marca a chegada do técnico estadunidense Fred Brown, formado pela YMCA, ao Rio de Janeiro. Brown é convidado pelo Fluminense Futebol Clube para atuar como técnico de campo e de gabinete, auxiliando na organização e condução do basquetebol

no país. Ele inclusive foi o responsável por dirigir a primeira seleção brasileira, em 1922, para a disputa de um torneio continental em comemoração ao centenário do Brasil nos jogos latino-americanos. A competição reuniu, além da seleção brasileira, a argentina e a uruguaia, e teve o Brasil como campeão. Os esforços desse estadunidense renderam a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (DAIUTO, 1991).

No dia 24 de abril de 1924 é fundada a Federação Paulista de Bola ao Cesto, responsável por organizar e administrar o esporte no estado de São Paulo. No ano seguinte acontece o primeiro campeonato brasileiro da modalidade, promovido pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e que contou com equipes de São Paulo, Rio de Janeiro e do antigo Distrito Federal.

A expansão da prática do basquetebol pelo país, aliada à presença cada vez maior da seleção brasileira em torneios internacionais, como no primeiro Campeonato Sul-Americano de Basquete, realizado em Montevidéu no ano de 1930, alertou para a necessidade de uma confederação nacional para gerir a modalidade no Brasil. Entretanto, o estopim para a criação da Federação Brasileira de Basquetebol surgiu da cisão que ocorreu no esporte nacional como um todo, quando os clubes que adotaram o profissionalismo no futebol fundaram entidades especializadas de vários esportes. Nasceu assim a FBP, fundada em 25 de dezembro de 1933, no Rio de Janeiro, e que passou a se chamar Confederação Brasileira de Basketball em 1941. No ano seguinte foi a vez da Federação Paulista de Bola ao Cesto mudar de nome, passando a se chamar Federação Paulista de Basketball (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL, 2013).

A crescente estruturação da modalidade pelo país em federações e do surgimento do basquetebol como subcampo dentro do campo esportivo demarca, conforme ressalta Bourdieu (1983, p. 147), “a modificação das funções que os próprios esportistas e os que os enquadram dão a prática, quanto de uma transformação da prática esportiva que vai no mesmo sentido da transformação das expectativas e exigências do público, que por sinal engloba muito mais do que os antigos praticantes”.

A formação da CBB veio em consonância com a organização do basquetebol ao redor do mundo. A priori, o esporte foi regido de maneira oficial conjuntamente com o handball indoor e de quadra pela Federação Internacional de Handebol Amador (IAHF), fundada em 1928 e que era responsável por administrar ambos esportes jogados com as mãos. Entretanto, desde a formação da IAHF houve o anseio por parte de alguns integrantes da federação de que os dois esportes fossem administrados de forma distinta. Como consequência, em 1931 o inglês Renato Willie Jones, um dos principais expoentes deste movimento, reúne-se com o

então secretário da IAHF, German Hassler, com o intuito de discutir a emancipação do basquetebol da federação, mas sem obter sucesso.

Entretanto, a partir deste anseio, foi convocada, por Elmer Berry, então diretor da Escola de Educação Física da YMCA, no dia 18 de julho de 1932, a 1ª Conferência Internacional de Basquetebol em Genebra, na Suíça, e que teve como desdobramento a criação da Federação Internacional de Basquetebol Amador. A partir da constituição da FIBA, várias federações nacionais espalhadas pelo mundo⁴ iniciaram um processo de reconhecimento da mesma, filiando-se a ela com o intuito de conferir legitimidade à instituição e para que deste modo fosse possível obter a separação da IAFH.

Diante desse cenário, foi assinado em 1934 um documento por ambas as partes, conferindo independência e autonomia à FIBA. O reconhecimento oficial da instituição foi obtido um ano depois, quando a mesma foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional, resultando na inclusão do basquetebol nos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlin⁵, sendo James Naismith, o criador da modalidade, o responsável por lançar a bola ao alto na primeira partida oficial de basquetebol nos jogos.

Desde então, a crescente organização do basquetebol pelo mundo acabou iniciando, conforme aponta Bourdieu (1983, p. 145), a “passagem do esporte como prática de elite, reservada aos amadores, ao esporte como espetáculo produzido por profissionais e destinado ao consumo de massa”. Segundo consta, existia apenas nos Estados Unidos algo em torno de 15 milhões de praticantes da modalidade no ano de 1926 (LOTUFO, 1953).

Além da formação e consolidação do campo político da modalidade, uma série de outros fatores contribuiu para a passagem do basquetebol de esporte amador para esporte-espetáculo. No início dos anos 30, estima-se que o esporte já era praticado em mais de 30 países (GRASSO, 2010). Apesar da grande difusão da modalidade ao redor do mundo, em grande medida graças a YMCA nos EUA e de soldados estadunidenses que serviam na Europa durante a I Guerra Mundial (LOFUTO, 1953), até então o basquetebol era considerado um esporte voltado mais aos seus praticantes do que aos telespectadores. Contudo, esse cenário começou a mudar a partir da grande depressão econômica ocorrida nos Estados Unidos em 1929.

⁴ Um desses casos se deu na França, onde ocorreu um processo de ruptura com a federação de atletismo daquele país (até então responsável por gerir a modalidade) e a criação de sua própria federação de basquetebol. A partir disso, solicitaram em 1933 sua filiação junto à FIBA, sendo imediatamente aceitos e corroborando com a consolidação e independência da entidade internacional.

⁵ O basquetebol já havia sido praticado nos Jogos Olímpicos de Saint Louis, em 1904, mas no nível de esporte de demonstração, não como modalidade olímpica oficial.

Naquele período, o boxe era considerado um dos esportes mais populares dos EUA, contando com grandes arenas espalhadas por diversas cidades do país. Com a depressão, iniciou-se um processo de declínio financeiro e de espectadores da modalidade. Diante disso, surgiu a necessidade de encontrar outro esporte que pudesse aproveitar esses locais sem que houvesse grandes alterações, e o basquetebol foi o escolhido. A partir disso, houve uma maior preocupação em como transformar o basquetebol em algo atrativo aos seus espectadores.

Outro importante fato que auxiliou na mudança de estigma sobre a modalidade foi a realização de uma competição de basquetebol universitário em 1934 organizada por jornalistas esportivos dos EUA visando superar os efeitos da grande depressão sobre o setor. Utilizando os recursos midiáticos que dispunham naquela época para seduzir o público, os jornalistas conseguiram atrair mais de 16 mil espectadores à competição realizada no Madison Square Garden, em Nova Iorque.

Com o notável sucesso dessa empreitada, Edward “Ned” Irish, um dos responsáveis por organizar o evento, continuou a organizar competições de basquetebol a partir de 1936, se transformando em um dos empresários mais bem-sucedidos da história do esporte. Seus eventos alcançavam uma média de 25 mil espectadores por temporada, até que, trabalhando apenas com equipes universitárias, alcançou no ano de 1950 o estrondoso número de 600 mil telespectadores (RADER, 1983).

Em decorrência disso, a década de 30 é marcada pelo surgimento, de fato, da lógica do basquete enquanto espetáculo e voltado ao lucro. Esse período é marcado pelo aumento dos patrocínios a companhias de basquetebol, especialmente no centro-oeste dos Estados Unidos. A partir desses negócios surgiu a *Midwest Basketball Conference* (MBC), formada por nove equipes que se consistiam principalmente por times patrocinados por empresas e que não possuíam calendários fixos, embora requeressem para se apresentarem um mínimo de oito partidas contra ao menos quatro adversários. A MBC pode ser considerada a avó da *National Basketball Association* (NBA). Após dois anos de sucesso, a MBC foi renomeada para *National Basketball League* (NBL) e se tornou a liga mais importante de basquete dos Estados Unidos pelos próximos 12 anos (GRASSO, 2010).

Outro marco que corroborou a expansão do basquetebol pelo mundo enquanto espetáculo foi a já destacada criação da FIBA. A partir do surgimento da entidade, foi possível unificar as regras do basquetebol e realizar competições entre diferentes países que já praticavam o esporte. Em 1935 a FIBA organizou o primeiro Campeonato Europeu de Basquetebol masculino sediado em Genebra e que teve a Letônia como campeã. Três anos

depois foi a vez do primeiro Campeonato Europeu feminino realizado em Roma e vencido pelas anfitriãs do torneio.

Essa conjunção de fatores fizera com que o basquetebol entrasse, terminantemente, em uma nova era. Aliado a isso se soma a introdução do esporte no rádio nos anos 30 e na televisão no início da década de 50, que possibilitou a mercadorização cada vez maior do esporte. Como resultado, o basquetebol, “que iniciou simples e inexpressivo, tornou-se o centro das atenções nacionais” (RADER, 1983, p. 279, tradução nossa).

Em suma, nota-se que o basquetebol, que surgiu nos Estados Unidos como uma alternativa de atividade física para ser praticada durante o inverno, sofreu, ao longo das primeiras décadas após sua invenção, uma série de modificações e transformações. A delimitação das regras próprias para a prática da modalidade e a estruturação obtida por meio da formação das primeiras ligas e confederações ao redor do mundo demarca a constituição do campo específico do basquetebol, munido, de acordo com a teoria proposta por Bourdieu (1983, p. 138), “com sua lógica própria, este lugar com práticas sociais inteiramente particulares, que foram definidas no curso de uma história própria e que só podem ser compreendidas a partir desta história”. Isso posto, na sequência será efetuada a contextualização histórica dos principais eventos que culminaram na formação da Liga Nacional de Basquete e, conseqüentemente, do Novo Basquete Brasil.

3. O BASQUETEBOL BRASILEIRO E A GÊNESE DO NOVO BASQUETE BRASIL

A partir da análise realizada até aqui acerca do surgimento do basquetebol como atividade física e sua posterior transformação para a categoria de esporte-espetáculo, é possível compreender como se deu a estruturação da modalidade por meio da lógica do campo esportivo. Desta forma, passamos agora a nos ater ao basquetebol brasileiro, em especial no que tange o processo histórico que culminou na formação da Liga Nacional de Basquete e do certame nacional da modalidade por ela organizado, o Novo Basquete Brasil.

O campeonato oficial de basquetebol masculino adulto no Brasil surgiu em 1965, com o nome de Taça Brasil de Basquetebol e tinha como organizador a Confederação Brasileira de Basketball. A necessidade de estruturação do torneio era iminente, em grande parte devido aos expressivos resultados que a seleção masculina de basquetebol obtivera no período, como o bicampeonato mundial em 1959 e 1963, os ouros nos Sul-Americanos de 1958, 1960, 1961 e 1963 e os dois bronzes conquistados pela seleção nos Jogos Olímpicos de 1960 e 1964.

A Taça Brasil foi realizada entre 1965 e 1989 e ficou marcada pela hegemonia do basquetebol paulista sobre os demais. Das 23 edições do torneio (não foi disputado em 1976), os clubes de São Paulo foram campeões em 21 oportunidades, sendo os maiores vencedores o Sírio Libanês (7 vezes) e Monte Líbano (5). As várias partidas disputadas entre essas duas equipes no ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, são tidas por muitos como um dos principais responsáveis pelo aumento da popularidade do esporte no país.

Entretanto, em 1989 dá-se um fato que mudaria de vez os rumos do basquetebol no planeta e, conseqüentemente, no Brasil. Isso porque naquele ano a FIBA deixa de ser uma instituição amadora, eliminando a distinção entre atletas amadores e profissionais, de modo a abraçar o basquete em todos os níveis e possibilitar que todos pudessem participar de seus torneios. Ademais havia o intento de padronizar as regras da modalidade e orientar as competições internacionais (GRASSO, 2010). Até então, os atletas estadunidenses e estrangeiros que atuavam na NBA eram considerados profissionais e, conseqüentemente, não poderiam participar em competições de caráter amador organizadas pela FIBA.

A esse respeito, é importante destacar que a necessidade de profissionalização do basquetebol seguiu uma tendência transformadora que abarcou grande parte dos esportes naquele período. Conforme apontam Marques, Gutierrez e Montagner (2009), este momento específico é reflexo de uma transformação gradual ocorrida no campo esportivo como um todo no mundo e que derivou de adequações do fenômeno esportivo moderno às novas configurações sociais no pós-Guerra Fria. Sobre essa questão, podemos verificar que:

As transformações sofridas pelo esporte moderno, no sentido de conformação do fenômeno contemporâneo, foram graduais e ocorreram tanto por meio de mudanças de paradigmas, seguindo tendências da sociedade, quanto por marcos históricos. Tais processos começaram a ocorrer de forma mais significativa após a Segunda Guerra Mundial, quando o uso político, a popularização, mundialização e espetacularização desse fenômeno tomaram maiores proporções e tiveram seu ápice no final da Guerra Fria. (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009, p. 638).

A profissionalização da FIBA alertou para a necessidade de profissionalizar e reestruturar também as entidades que gerenciam o basquetebol praticado ao redor do planeta. Quanto a isso, o novo desafio imposto aos dirigentes do basquetebol brasileiro na década de 1980, em decorrência desse cenário de mudanças no campo dos esportes, referia-se a “conseguir implantar um sistema de desenvolvimento do esporte que viabilizasse financeiramente a modalidade em um curto período frente à necessidade de manutenção de

equipes esportivas representativas em condições de resultados internacionais” (BENELI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006, p. 53).

Nestes termos, é possível compreender a profissionalização do basquetebol pela FIBA como um marco histórico para o basquetebol brasileiro, pois esse processo evidenciou a falta de profissionalismo no modo como a modalidade era conduzida no Brasil bem como a necessidade de renovar as bases na qual o basquetebol estava alicerçado. Sobre essa questão, nota-se que até então não existia uma liga profissional da modalidade organizada no país:

Embora o Brasil não tenha uma liga profissional verdadeira, cerca de 150 equipes competem cada ano nos torneios estaduais e em um campeonato nacional. Estas equipes, semiprofissionais, são patrocinadas por grandes clubes privados de esportes, que também tem as melhores equipes de futebol profissional. Os times de futebol, que atraem multidões de até 100,000 fãs a um jogo, carregam muito da glória dos nomes dos clubes. Mas os clubes se sentem obrigados a apoiar as equipes de outros esportes também. [...] Para preencher buracos nas formações de jovens talentos e no porte físico dos jogadores, clubes com mais recursos contratam norte-americanos (AMERICAN..., 1989, tradução nossa).

Como forma de amenizar essa situação, a CBB extinguiu a Taça Brasil e organizou o 1º Campeonato Nacional de Basquetebol Masculino. O período de vigência do CNBM (1990-2008) foi marcado por uma série de disputas políticas e o notável retrocesso do basquetebol como um todo pelo país. A modalidade, que até a década de 1980 era considerada o segundo esporte no país, atrás apenas do futebol, vive seu período mais conturbado e decadente, a ponto de a Seleção Nacional, que até então só perdia para os Estados Unidos em número de participações em Olimpíadas, não conseguir se classificar para os Jogos Olímpicos por longos dezesseis anos – de 1996 até 2012. A título de comparação, neste mesmo período o vôlei começa a colher os frutos de uma estruturação que ocorre a partir do início da década de 80 conjuntamente a um processo de profissionalização utilizando-se principalmente do *marketing* (PINHEIRO, 1995).

A década de 80 é marcada também pela criação da *Liga Nacional de Básquet*, na Argentina, administrada por uma associação de clubes e que teve em 1985 a realização de sua primeira edição. Era o início de uma verdadeira revolução no basquetebol local. Além da liga nacional, o basquete argentino viveu nesse mesmo período a fundação da Escola Nacional Argentina de Treinadores, um marco no que tange a organização e o desenvolvimento do basquetebol no país. A *Asociación de Clubes de Básquetbol* foi a pedra fundamental do ouro olímpico conquistado pela seleção argentina masculina em Atenas, em 2004.

No Brasil, o que se viu nesse mesmo período foi a preocupação e exaltação com os feitos das seleções nacionais – das gerações de Oscar Schmidt no masculino e Hortência e “Magic” Paula no feminino – em detrimento do investimento para a estruturação da modalidade em âmbito nacional. Em decorrência disso, o que ocorreu a partir da profissionalização da FIBA foram as consequências de uma preocupação tardia com a questão estrutural e organizacional do basquetebol no Brasil.

Toda a desorganização envolvendo o *sub-campo* do basquetebol brasileiro levou muitos atletas a abandonar o Brasil para participar de outras ligas mais organizadas e que dão melhores condições de trabalho e de remuneração. Justificam sua saída argumentando que falta organização e planejamento nos campeonatos nacionais e nas seleções; que faltam melhores condições de trabalho e que a remuneração deveria ser melhor. (CAVICHIOCCI; FERREIRA JUNIOR; AUGUSTO, 2008, p. 4).

A esse respeito, o principal fato que refletiu toda a crise estrutural pela qual o basquetebol passou durante o referido período foi a disputa política pela hegemonia no campo do basquetebol ocorrida entre a Nossa Liga de Basquete e a Confederação Brasileira de Basketball.

Fundada em 2005, a NLB foi uma liga independente idealizada por Oscar Schmidt e outros importantes nomes do basquete nacional com o intuito de profissionalizar a gestão da modalidade no país e conferir maior independência aos clubes, que se sentiam prejudicados com a divisão de verbas e a forma como o basquetebol era gerido pela CBB. A NLB tinha como alvo inicial os contratos comerciais – até então de exploração exclusiva da confederação –, buscando uma maior participação nas decisões, tais como as das emissoras de TV que transmitiam os eventos, uma definição melhor das regras para contratos publicitários e o aumento no lucro com publicidade que figuravam os ginásios (TOLEDO JUNIOR, 2005).

Apesar de que, a priori, a nova liga não almejava se constituir enquanto oposição à confederação, a ideia de organizar um novo campeonato nacional gerido pelos clubes inevitavelmente iria vir de encontro com os anseios da CBB. Respalhada pela Lei Pelé, a NLB organizou seu campeonato nacional em outubro de 2005, contando com a participação de 16 equipes⁶.

Temendo uma derrocada do certame por ela organizado, a CBB utilizou de seu prestígio junto a FIBA para deslegitimar a realização de outro campeonato nacional no Brasil.

⁶ Originalmente a NLB contou com o apoio e a adesão de 30 equipes, mas diante das pressões exercidas pela CBB durante todo o processo quase metade das filiadas voltaram atrás e ficaram ao lado da federação.

Desta forma, a federação internacional reconheceu a CBB como a única instituição mantenedora do basquetebol brasileiro, de modo que somente as equipes filiadas a ela poderiam participar de competições internacionais, diminuindo assim a credibilidade da NLB junto ao campo do basquetebol. Ademais, a confederação, utilizando o poder a ela conferido, definiu que apenas os atletas que disputassem os seus torneios poderiam ser convocados para a seleção brasileira (FERREIRA JUNIOR, 2007).

Diante desse empasse, a temporada 2005/2006 do basquetebol brasileiro foi marcada pela realização de dois campeonatos nacionais, um sob a tutela da CBB e outro, independente, organizado pela NLB. Como esperado, por conta desse entrave, o nível técnico das competições foi bastante prejudicado. Ademais, conforme relata Ferreira Junior (2007, p. 76):

Apesar das dificuldades, o campeonato da NLB transcorreu sem maiores problemas, chegando até o final com a equipe da Winner Limeira sagrando-se campeã. O mesmo não ocorreu com o campeonato organizado pela CBB. O 17° *CNBM* contou, a princípio, com dezoito equipes divididas em duas chaves de nove equipes. Durante o transcorrer do campeonato, seis equipes que disputavam o campeonato da NLB ganharam uma ação judicial alegando critérios técnicos, o que obrigou a CBB a incluí-las em seu campeonato. Dessa forma, a CBB não teve escolha e foi obrigada a aceitar as equipes da NLB, formando mais uma chave com essas equipes. Quando o campeonato chegou à fase final entre as equipes de Franca e Ribeirão Preto, ele foi interrompido, pois a equipe de Brasília, que havia sido desclassificada, sentiu-se prejudicada e entrou com um pedido de paralisação do campeonato. Toda essa situação fez com que o *CNBM* não terminasse e não conhecesse o campeão da temporada.

A disputa judicial relatada acima configurou um enorme retrocesso para o basquetebol brasileiro. Com o cancelamento da competição, equipes tradicionais e importantes no cenário nacional abandonaram o certame e encerraram suas atividades com a modalidade. A imagem do basquetebol no país estava manchada.

Na temporada seguinte, a NLB recuou e sinalizou a intenção de organizar o campeonato em parceria com a CBB (NACIONAL..., 2006). Com a negativa da federação, devido principalmente a desavenças entre as lideranças das ligas, a NLB vislumbrou a possibilidade de organizar o seu nacional no calendário oposto ao da CBB, permitindo com que as equipes atuassem durante todo o ano. Entretanto, os clubes participantes do *CNBM* não abraçaram a ideia, e com a posterior preferência das equipes de São Paulo em participar de um torneio da Federação Paulista de Basquetebol em detrimento ao da NLB, que seria

organizado no mesmo período, o segundo campeonato da NLB não saiu do papel. Como consequência, a Nossa Liga de Basquete entrou em estado de hibernação⁷.

Em meio a todo esse imbróglio, em 2008 houve o rompimento das oito principais equipes de São Paulo com o campeonato nacional da CBB visando fundar a Supercopa, outra competição independente gerida pelas equipes de São Paulo que se organizaram por meio de uma agremiação denominada de Associação Brasileira dos Clubes de Basquetebol, sob a chancela da Federação Paulista de Basquetebol – naquele momento a principal opositora da CBB – e sem o reconhecimento oficial da confederação (GRIJÓ, 2007). Assim como o nacional organizado pela NLB, a Supercopa teve apenas uma edição realizada neste mesmo ano e que ocorreu conjuntamente com o Campeonato Brasileiro promovido pela CBB. Curiosamente, a situação da temporada de 2008 é praticamente oposta ao que ocorreu em 2005, quando a Nossa Liga de Basquete foi criada e o campeonato organizado pela CBB disputado apenas por equipes de São Paulo. Naquele ano, o CNBM ficou sem a participação da principal escola de basquete do país.

As consequências de todas as disputas políticas que ocorreram durante esse breve e conturbado período resultaram na fragmentação e no enfraquecimento do basquetebol no país. Entretanto, em meio a esse cenário, havia a ciência por parte das equipes da necessidade de reunificar forças como forma de estruturar a modalidade. Ademais, era senso comum o fato de que o modelo de gestão ultrapassado da CBB não poderia mais continuar, e as tentativas da NLB e ABCB pecaram por não conseguir a chancela da confederação.

Conscientes da necessidade de reunificação, a partir de uma ideia do argentino Alberto García, secretário-geral da FIBA Américas – entidade que rege o basquete no continente –, as equipes de São Paulo juntamente com as de outros estados do país iniciaram conversas em julho de 2008 para fundar uma liga de clubes. Durante o segundo semestre daquele ano foi criada e organizada a Liga Nacional de Basquete, lançada oficialmente em dezembro e presidida por Kouros Monadjemi, aliado político do até então presidente da CBB, Gerasime Bozikis. A unificação dos principais clubes de basquete do país e as pressões exercidas de todos os lados fizeram com que a confederação cedesse, dando aval para a competição e abrindo mão de parte do poder que ela detinha para conferir protagonismo aos clubes realizarem o nacional. Em contrapartida, a confederação poderia dar ênfase aos cuidados com a seleção e as categorias de base (LEISTER FILHO, 2008b).

⁷ Ainda no ano de 2007, o Nacional organizado pela CBB foi marcado por mais uma série de problemas, como início da competição sem um calendário previamente definido e a desistência de uma equipe no meio do torneio.

Desta forma, o basquete se tornou o primeiro esporte olímpico do país a ter uma liga independente, sendo organizada pelos próprios clubes, com chancela oficial da CBB e parceria com a Rede Globo de televisão (LEISTER FILHO, 2008a). Reunindo as principais lideranças e clubes do basquetebol brasileiro, a LNB foi criada com principal objetivo reconduzir o esporte ao posto de segundo mais popular no Brasil, atrás apenas do futebol, e de profissionalizar a gestão da modalidade no país. De acordo com seu site oficial, a estrutura da liga é baseada no que há de mais moderno e bem-sucedido no conceito de gestão esportiva no mundo e tem como principal referência o modelo da NBA, uma liga independente e gerida pelos próprios clubes (LIGA NACIONAL DE BASQUETE, 2013).

4. INDÍCIOS DA ESPETACULARIZAÇÃO DO BASQUETE NO BRASIL: ETNOGRAFANDO EVENTOS DA NBA E DO NBB

Mediante ao exposto no capítulo anterior, é possível compreender alguns dos principais desdobramentos históricos que culminaram na criação da Liga Nacional de Basquete e a organização do Novo Basquete Brasil. Na sequência, o escopo analítico deste capítulo consiste em analisar o processo de estruturação do NBB em suas sete primeiras edições, conjuntamente com os mecanismos adotados pela LNB na tentativa de profissionalização da modalidade no país sob a lógica do esporte-espetáculo difundido pela entidade norte-americana. Acerca dessa questão, é possível verificar que:

O ‘estilo NBA’ de marketing tem ainda servido de modelo para verdadeiras ‘reengenharias’ em ligas de outras modalidades esportivas nos EUA. Mas, embora o esporte profissional norte-americano seja um modelo de marketing e organização esportivos, no plano internacional as diferenças em termos de situação jurídica dos clubes, ordenamento político institucional das federações e grau de profissionalização de cada modalidade, entre outras, fazem que apareçam experiências distintas de reformulação do esporte-espetáculo. (PRONI, 1998, p. 79).

A primeira edição do Novo Basquete Brasil foi realizada do dia 28 de agosto de 2008 ao dia 18 de julho de 2009 e contou com a participação de 15 equipes, sendo oito do estado de São Paulo (Araraquara, Assis, Bauru, Franca, Limeira, Paulistano, Pinheiros e São José), duas do Espírito Santo (Espírito Santo e Saldanha da Gama), e uma em Minas Gerais (Minas Tênis Clube), Rio de Janeiro (Flamengo), Rio Grande do Sul (Lajeado), Santa Catarina (Joinville) mais o Distrito Federal (Brasília). Desta forma, nota-se a concentração de equipes das regiões

Centro-Sul no torneio – uma constante em todas as edições –, que teve o Flamengo como primeiro campeão ao vencer a equipe de Brasília na série final.

Acerca dos eventos voltados à tentativa de espetacularização do torneio em sua primeira edição, de modo a despertar o interesse de novos adeptos para a modalidade e angariar mais investidores, destacam-se a primeira edição do Jogo das Estrelas – evento tradicional no basquete norte-americano –, realizado no ginásio do Maracanãzinho em março de 2009, no Rio de Janeiro, e que contou com o público total de 5.200 pessoas. Além do jogo principal, aconteceram, também, o torneio de arremessos de três pontos e o de enterradas. Soma-se à partida festiva uma homenagem realizada aos ex-atletas campeões mundiais de 1959 realizada no intervalo da partida entre Brasília e Bauru, em Brasília (DF). Os eventos destacados acima, promovidos pela LNB como forma de difundir a modalidade, seguem a linha do modelo de espetacularização adotado pela NBA. A esse respeito, Halberstam (2013, p. 132) destaca que o investimento maior nesse tipo de ação de *marketing* se constituiu como um momento de ruptura para os negócios da liga norte-americana:

O momento que definiu a separação da velha NBA, ligada às tradições, da nova e mais moderna NBA, que estava por surgir, promovendo e celebrando seus astros, foi o All-Star Game em Denver, no final de janeiro de 1984. Até então, o fim de semana do All-Star Game tinha sido um evento marginal: havia o jogo em si e um tradicional e entediante jantar na noite anterior. O beisebol, ao contrário, parecia saber usar melhor seu passado glorioso. Stern sempre quis que a liga tivesse mais contato com seu próprio passado, e ele e outros jovens em torno dele estavam torcendo por uma celebração maior do all-star.

A segunda temporada da competição, que ocorreu de novembro de 2009 a junho de 2010, dá início a um fato que se tornaria recorrente em todas as edições do Novo Basquete Brasil: a entrada e saída de times do certame. Nesta edição, as equipes de Lajeado e Limeira deixaram o torneio, dando lugar à de Londrina (PR). Assim, o NBB2 contou com a participação de apenas 14 clubes – o menor número de participantes em sua história – e teve como vencedor o Brasília, que bateu o Flamengo na melhor de cinco jogos, por 3 a 2, na reedição da final do ano anterior.

O Jogo das Estrelas foi novamente a principal atração organizada pela LNB como forma de difundir a modalidade e seu campeonato. A partida desta vez foi sediada na cidade de Uberlândia (MG) e dividida em dois dias. No sábado foram realizados os torneios de 3 pontos e enterradas, bem como a realização de uma partida festiva envolvendo ex-jogadores da Seleção Brasileira enfrentando veteranos de Uberlândia. Já no domingo foi a vez da

atração principal, com os jogadores escolhidos em votação envolvendo treinadores juntamente com representantes da imprensa especializada da modalidade – o público foi responsável por escolher os quintetos titulares.

O ano de 2010 marca também a criação do Torneio Interligas, organizado em conjunto entre a Liga Nacional de Basquete e a *Asociación de Clubes de Básquetbol*, da Argentina. Disputado entre os anos de 2010 e 2012, o torneio reunia as quatro melhores equipes dos campeonatos brasileiro e argentino, que eram divididas em dois quadrangulares, um realizado no Brasil e outro na Argentina. Os primeiros times de cada chave se enfrentavam na final, realizada em jogo único. O certame ficou marcado pela hegemonia dos clubes argentinos, que venceram as três edições. No primeiro ano de realização do torneio, o Peñarol de Mar del Plata, jogando em seus domínios, foi campeão diante do Brasília. Já em 2011 foi a vez do Obras Sanitarias vencer o Pinheiros na capital paulista e, em 2012, o Peñarol, novamente jogando em Mar del Plata, bater o Pinheiros e se consagrar bicampeão da competição.

O lançamento do NBB3 ocorreu em outubro de 2010 e foi marcado pela divulgação da nova identidade visual da LNB – constituída a partir da bola de basquete, o aro e as cores da bandeira nacional – visando assim padronizar e modernizar sua comunicação visual. Dentre as equipes participantes desta edição, nota-se a saída precoce do time de Londrina após apenas uma temporada disputando o torneio – sendo a única equipe paranaense a participar do NBB – o retorno de Limeira e a entrada de Uberlândia, fazendo com que o campeonato voltasse a ter a participação de 15 equipes. O torneio sagrou o Brasília como bicampeão do NBB após vencer a série melhor de cinco jogos contra a equipe de Franca por 3 a 1.

A terceira edição do Jogo das Estrelas realizado no mês de janeiro de 2011 na cidade de Franca contou com a adição do Desafio de Habilidades – outra atividade tradicional nas festividades do *All-Star Game* da NBA – juntamente com o torneio de arremessos de três pontos, o campeonato de enterradas e uma partida envolvendo veteranos do Sírio/Monte Líbano contra um combinado de jogadores de Franca no primeiro dia das festividades.

O segundo dia de atividades consistiu, como de praxe, na partida principal envolvendo os jogadores escolhidos em votação que teve a participação dos técnicos, da imprensa especializada e do público do torneio. Em decorrência do aumento do número de atletas estrangeiros participando do torneio, neste ano a LNB adotou uma forma diferente – e que se tornaria regra nas edições seguintes – de divisão das equipes: uma formada por atletas brasileiros (NBB Brasil) enfrentando outra constituída apenas por jogadores estrangeiros (NBB Mundo).

Outra novidade envolvendo a partida foi a transmissão, pela primeira vez, de uma partida do NBB em TV aberta. Transmitido pela Rede Globo, o jogo teve a equipe do NBB Mundo como vencedor frente ao selecionado do NBB Brasil pelo placar de 115 a 99, diante do público que lotou o ginásio Pedrocão, em Franca, durante os dois dias de evento. Deste modo, é possível verificar o intento da LNB em promover o seu “produto”, o basquete, sob a lógica do entretenimento, uma vez que, conforme destacam Marques, Gutierrez, Montagner (2009, p. 644), “o esporte pautado no espetáculo tem como referência principal a transmissão televisiva, e as diferentes modalidades, para sobreviver, têm de se adequar às suas normas e exigências e promover certa dose de espetacularização”.

A terceira temporada de vigência do Novo Basquete Brasil registra a primeira vez em que uma equipe garantia o acesso ao principal torneio de basquete do país a partir de suas conquistas dentro de quadra. Embora ainda não se constituísse oficialmente como um torneio de acesso ao NBB – papel que coube à Liga Ouro, organizada a partir de 2014 –, a Super Copa Brasil de basquete, que reunia os vencedores da Copa Brasil Norte, Copa Brasil Nordeste, Copa Brasil Centro-Oeste, Copa Brasil Sudeste e Copa Brasil Sul, garantiu a possibilidade de pleitear o ingresso, mediante as exigências financeiras exigidas pela Liga Nacional de Basquete, das equipes do Tijuca Tênis Clube (RJ) e da Liga Sorocabana (SP) no NBB4.

O ano de 2011 marca também o retorno da Seleção Brasileira masculina de basquete aos Jogos Olímpicos após 16 anos de ausência na principal competição esportiva do planeta. O Brasil conquistou o direito de disputar os jogos após vencer a República Dominicana, por 83 a 76, e chegar à final do Pré-Olímpico das Américas, que garantia duas vagas para as Olimpíadas de Londres 2012. Dos 12 jogadores do elenco nacional que disputou o torneio, realizado em Mar Del Plata, sete atuavam no NBB.

Ainda no mesmo ano é lançada a Liga de Desenvolvimento Olímpico, torneio organizado pela Liga Nacional de Basquete em parceria com a Confederação Brasileira de Basketball e o Ministério dos Esportes com o objetivo de ser uma competição de alto nível para atletas com idade inferior aos 21 anos e contou com a participação de 16 clubes em sua edição inicial, que teve o Flamengo como campeão. A partir do segundo ano de vigência o torneio passou a se chamar Liga de Desenvolvimento de Basquete e teve a idade limite de participação dos atletas aumentada para 22 anos.

O NBB4 ocorreu de novembro de 2011 a junho de 2012 e contou, em seu evento de lançamento, com a divulgação da primeira linha de produtos licenciados com a marca NBB, em mais uma ação de *marketing* que segue o modelo adotado pela NBA de comercializar

artigos de vestuário e todo tipo de *souvenirs* estampando sua marca (ESTILO..., 2011). Acerca do consumo e comercialização de produtos e artigos relacionados com a prática esportiva, é possível verificar que:

O consumidor de artigos esportivos não consome somente roupas, mas signos, valores e comportamentos embutidos no produto. Nesse sentido, a massificação do esporte tem sido bastante funcional para a expansão dos mercados esportivos e das oportunidades ocupacionais relacionadas ao esporte (PRONI, 1998). O processo de massificação está intimamente ligado à espetacularização deste fenômeno. A divulgação de suas práticas, valores e significados amplia o campo de ação do mercado e do esporte como produto. (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009, p. 643).

Seguindo a mesma lógica de promoção da modalidade, foi lançada também uma iniciativa denominada “Para Sempre Seleção”, que consiste em uma carteirinha distribuída aos ex-atletas e técnicos que prestaram serviços à Seleção Brasileira ao longo de sua história e que, além de homenagear essas pessoas, garante livre acesso aos portadores em jogos e competições organizadas pela LNB no país (PARA..., 2011).

Dentre as participantes desta edição, nota-se a saída das equipes de Vitória (ES) e de Assis (SP) para as entradas do Tijuca (RJ) e Liga Sorocabana (SP), que garantiram vaga no certame após a conquista da primeira edição da Super Copa Brasil de basquete. Assim, o torneio continuou sendo disputado, em sua quarta edição, por quinze equipes, a saber: Araraquara (SP), Bauru (SP), Brasília (DF), Espírito Santo (ES), Flamengo (RJ), Franca (SP), Joinville (SC), Liga Sorocabana (SP), Limeira (SP), Minas Tênis Clube (MG), Paulistano (SP), Pinheiros (SP), São José (SP), Tijuca (RJ) e Uberlândia (MG).

Devido ao sucesso de público, o Jogo das Estrelas referente à quarta temporada de vigência do torneio nacional foi realizado novamente na cidade de Franca. Desta vez, a equipe do NBB Brasil superou o combinado do NBB Mundo por 125 a 102 na partida principal do evento, que contou novamente com a transmissão ao vivo em TV aberta pela Rede Globo.

A principal novidade desta edição em relação às anteriores foi a participação da mascote oficial da FIBA Américas, conhecido como Jay-Jay, visando o entretenimento do público nos moldes do que ocorre na NBA, onde cada franquia possui seu próprio personagem. A esse respeito, é válido destacar que esta não é uma estratégia de *marketing* adotada por todas as equipes que disputam o NBB, embora existam mascotes nos ginásios da maioria dos times que disputam o torneio.

Já o segundo ano de disputa Super Copa Brasil garantiu ao Mogi das Cruzes (SP) e Palmeiras (SP) a chance de participarem da quinta edição do Novo Basquete Brasil. Além das referidas equipes, o Conselho de Administração da LNB aprovou o pedido do Basquete Cearense para a entrada na edição seguinte do certame, que passaria a contar, pela primeira vez, com um time da região Nordeste. A esse respeito, é válido destacar que uma das estratégias visadas pela liga como forma de difundir e mercantilizar o campeonato e o basquete como um todo no país refere-se à entrada de equipes de regiões que não possuem equipes na competição e de times tradicionais no futebol como forma de atrair mais público e torcedores (PIRES, 2012).

A decisão da quarta edição do Novo Basquete Brasil contou com uma significativa mudança em sua forma de disputa em relação aos anos anteriores. A série final, que em todos os anos havia sido decidida em cinco partidas – a título de exemplo, os *playoffs* da NBA são decididos em sete jogos –, mudou sua forma de disputa, para jogo único, de modo que pudesse ser transmitido em TV aberta, em um sábado de manhã, pela parceira Rede Globo. Assim, o Brasília venceu o São José por 78 a 62, em jogo disputado no ginásio Professor Hugo Ramos, em Mogi das Cruzes, e se tornou tricampeão da competição.

A alteração no formato de disputa da série final, que deprecia a qualidade técnica do esporte em prol da espetacularização do mesmo, foi bastante contestada por parte do público e pela imprensa que acompanha o campeonato, além de ter um resultado prático questionável, uma vez que a partida registrou média de 5,4 pontos no Ibope – cada ponto corresponde a 58.300 domicílios sintonizados em São Paulo –, ficando em segundo lugar na audiência do período (COSTA, 2012).

As práticas esportivas, ao serem apropriadas pela indústria do entretenimento, passam a ter seu valor medido como um produto em concorrência com outras fatias do mercado midiático e todas as demais formas de diversão do mundo moderno. Em decorrência, o esporte passa a ser avaliado não apenas pelo seu valor de uso, mas também pelo valor de troca a partir de sua inserção nesse campo. Nesses termos, o fenômeno esportivo, dentro da lógica do espetáculo, é construído duas vezes, sendo:

Uma pelos atores envolvidos no próprio espetáculo e outra pelos produtores e reprodutores da imagem em discurso desse espetáculo que estão em confronto, orientados por pressões exercidas com as relações objetivas estabelecidas por um campo dotado de lógica própria. (PILATTI, 2006, p. 2).

Na sequência, a quinta edição do Novo Basquete Brasil contou com o recorde de participantes na história do torneio: 18 equipes. Houve a saída da franquia de Araraquara e as entradas de Basquete Cearense, Mogi das Cruzes, Palmeiras e Suzano – que herdou a vaga de Assis. Realizado de novembro de 2012 a junho de 2013, o torneio teve como campeão o Flamengo, que venceu o Uberlândia por 77 a 70 em mais uma final em jogo único transmitida em TV aberta, disputada na HSBC Arena, no Rio de Janeiro, e que atingiu a média de apenas quatro pontos no Ibope, registrando queda na audiência em relação ao ano anterior (TURCO; GOMES, 2013).

O NBB5 marcou também a milésima partida válida pelo torneio, disputada entre Flamengo e Brasília, os dois únicos campeões do certame até o momento, e vencida pela equipe carioca pelo placar de 102 a 88. Já a edição do Jogo das Estrelas marcou a vitória do combinado do NBB Brasil frente ao NBB Mundo, por 146 a 144, em partida realizada no ginásio Nilson Nelson, em Brasília, e que seguiu o modelo das últimas edições.

Nos demais torneios realizados pela LNB na temporada, o Bauru se sagrou campeão da segunda edição da Liga de Desenvolvimento de Basquete após vencer Franca pelo placar de 73 a 64 e a equipe de Macaé (RJ) garantiu o direito de pleitear uma vaga na sexta edição do NBB após ser campeão do torneio de acesso, realizado em forma de triangular e que contou com a participação do Tijuca, 17º colocado na fase de classificação da quinta edição do NBB e o Fluminense (RJ), campeão da Super Copa Brasil de 2013 – a equipe macaense foi vice no mesmo certame –, na primeira vez em que houve um sistema de ascenso e descenso na competição.

A sexta temporada de disputa do NBB, ocorrida entre novembro de 2013 e maio de 2014 registrou mudanças significativas relacionadas ao ascenso e descenso dos clubes e à criação da janela de transferência de jogadores. A partir dessa edição, os dois piores clubes da fase de classificação seriam rebaixados e o campeão da recém-criada Liga Ouro, a divisão de acesso ao NBB, promovido à elite do basquete brasileiro. Em sua primeira edição, realizada em 2014, o torneio contou com a participação de Campo Mourão (PR), Lins Basquete (SP), Sport Recife (PE) e da equipe de Rio Claro (SP), que venceu o torneio e garantiu vaga para o NBB7. Quanto à criação da janela de transferência de jogadores, observa-se que a partir desta edição do certame ficou estabelecido que os jogadores que não ultrapassassem a marca de oito partidas disputadas por um mesmo clube poderiam ser transferidos de equipe antes do final do primeiro turno, por uma única vez.

Seguindo a tendência dos anos anteriores, o NBB6 contou com a entrada e saída de várias equipes, por motivos diversos, do campeonato. Com graves problemas financeiros,

como falta de patrocínio e atraso de salários, o Suzano deixou de disputar a competição após apenas uma temporada. A falta de condições econômicas fez com que o Joinville, a única equipe do Sul do país presente em todas as edições do NBB, também abdicasse de sua vaga, e com que o Tijuca, que havia garantido o direito de se manter na competição após o vice-campeonato no torneio de acesso ao NBB, não a disputasse por não conseguir viabilizar financeiramente a participação da equipe no certame.

Somam-se a isso as entradas do Macaé (RJ) e da equipe de Goiânia (GO), a primeira equipe da região centro-oeste a participar do NBB e que recebeu o convite da LNB para entrar no torneio sem a necessidade de passar pela divisão de acesso⁸ – fato que gerou a insatisfação do time macaense –, e a sexta edição do Novo Basquete Brasil contou com a participação de dezessete equipes, sendo elas: Basquete Cearense (CE), Bauru (SP), Brasília (DF), Espírito Santo (ES), Flamengo (RJ), Franca (SP), Goiânia (GO), Liga Sorocabana (SP), Limeira (SP), Macaé (RJ), Minas Tênis Clube (MG), Mogi das Cruzes (SP), Palmeiras (SP), Paulistano (SP), Pinheiros (SP), São José (SP) e Uberlândia (MG).

Na sequência, uma das novidades ocorridas no basquetebol brasileiro durante a temporada 2013-2014 foi a transmissão também do jogo de abertura do NBB, disputado entre Flamengo e Brasília, em rede aberta. Outra aquisição importante da LNB nesse período diz respeito às novas quadras móveis, com piso flutuante, tabelas e placares eletrônicos, obtidas por meio de convênio com o Ministério do Esporte, para todos os times participantes do principal torneio de basquete do país, melhorando com isso o aspecto técnico – pois o tipo apropriado de piso para a prática da modalidade contribui na prevenção de lesões e conseqüentemente no aumento de qualidade das partidas – e estético, uma vez que a padronização desse tipo de material de aporte à prática facilita a visualização das linhas de jogo próprias do basquete tanto para o público quanto para os próprios jogadores (MARQUES, 2013).

Outra notícia importante para a modalidade no país foi o retorno do mundial interclubes, agora sob o nome de Copa Intercontinental, e que reuniu em outubro de 2013, na cidade de Barueri (SP), o Olympiacos, campeão da Euroliga naquele ano, contra o Pinheiros, vencedor da Liga das Américas, para a disputa em dois jogos e que teve a equipe grega como campeã.

⁸ Assim como Goiânia, o Fluminense também foi convidado pela LNB para participar da sexta edição do NBB, mesmo sem conseguir a vaga no torneio de acesso. Entretanto, apesar de sinalizar positivamente quanto à entrada no torneio, a falta de patrocínio e condições para arcar financeiramente com o projeto inviabilizou a participação da equipe carioca na competição.

Ainda em outubro do mesmo ano ocorreu outro fato relevante no que tange à espetacularização da modalidade no país. Pela primeira vez na história, o Brasil sediaria uma partida oficial, válida pela pré-temporada, da milionária liga norte-americana de basquete. Realizado no Rio de Janeiro, o duelo entre Chicago Bulls e Washington Wizards – do brasileiro Nenê Hilário – faz parte da estratégia de *marketing* da NBA de divulgar e difundir o seu produto ao redor do mundo, especialmente em mercados emergentes como, entre outros, China, Índia e Brasil – onde a liga possui um escritório de negócios desde 2012. Acerca do processo de promoção de partidas amistosas da liga norte-americana ao redor do mundo, que ocorre desde 1978, Halberstam (2013, p. 7) destaca que essa estratégia faz:

[...] parte da incansável e excepcionalmente bem-sucedida tentativa da NBA de mostrar o jogo e suas estrelas em lugares do mundo onde o basquete estava ganhando popularidade, especialmente entre os jovens. Um dos principais objetivos disso era agradar os patrocinadores da liga, abrindo e consolidando importantes mercados internacionais.

A Liga Nacional de Basquete, seguindo a mesma lógica para a promoção de seu produto, visando assim angariar popularidade entre o público de mercados emergentes no país, realizou o Jogo das Estrelas de 2014, em Fortaleza (CE), cidade da primeira franquia do NBB na região nordeste. Seguindo o formato dos anos anteriores – com torneio de enterradas, habilidades, três pontos e a criação de mais uma atração, o arremesso das estrelas, no primeiro dia e a partida entre os melhores atletas da competição escolhidos por votação no dia seguinte –, a sexta edição contou também com uma série de ações sociais envolvendo o evento, com atletas visitando um hospital público de reabilitação física e uma entidade de combate ao câncer, inaugurando um centro esportivo instalado na periferia da capital do Estado do Ceará, entre outros, como forma de aproximar a população local com os atletas e promovendo com isso a modalidade nesses espaços, nos moldes do que é realizado pela liga norte-americana por meio de seu programa social denominado *NBA Cares* (GRANDES..., 2014).

Ainda convém lembrar que a temporada 2013-2014 do NBB marca o início das transmissões ao vivo de partidas do torneio pela Internet – foram três jogos transmitidos ao todo nesse primeiro ano. Reivindicação antiga dos fãs da modalidade no país, a transmissão de jogos por meio do site oficial da liga tem como propósito ampliar o alcance do basquete entre o público brasileiro (CAPELO, 2014). Sobre essa questão, podemos destacar que uma das necessidades atuais para o esporte é encontrar novos meios de ser difundido, uma vez que “com a diminuição da arrecadação dos valores com os direitos de transmissão, o desafio

presente é a busca por novas fórmulas. Os avanços recentes apontam para a possibilidade de transmissão do conteúdo por formas distintas, a partir de diferentes plataformas” (PILATTI, 2006, p. 6).

Dentro de quadra, a sexta temporada de vigência do Novo Basquete Brasil foi marcada pela supremacia do Flamengo. Vencedor da Liga de Desenvolvimento Basquete pela segunda vez, após derrotar a equipe do Minas Tênis Clube, o clube da Gávea também se sagrou campeão do NBB ao vencer o Paulistano na final pelo placar de 78 a 73 e conquistar seu terceiro título do certame, o segundo de maneira consecutiva.

O bom momento do Flamengo na modalidade ultrapassou as fronteiras nacionais. O sucesso de público da partida entre Bulls e Wizards, realizada pela NBA no país em 2013, fez com que o Brasil entrasse, definitivamente, na lista de mercados a serem explorados com maior afinco pela liga norte-americana. E o Flamengo, por ser o principal expoente da modalidade no período e possuir torcedores espalhados por todo o planeta principalmente por conta da tradição da equipe no futebol, acabou sendo convidado para participar da pré-temporada 2014-2015 da NBA, em outubro de 2014, e enfrentar as equipes do Phoenix Suns, Orlando Magic e Memphis Grizzlies. Deste modo, o clube carioca se tornou o primeiro time do continente a participar de uma edição da pré-temporada do basquete estadunidense (NOTÍCIA..., 2014). Além do intercâmbio pioneiro do Flamengo junto ao basquetebol norte-americano, em outubro de 2014 o Brasil recebeu novamente uma partida válida pela pré-temporada da NBA, desta vez colocando frente a frente as equipes do Cleveland Cavaliers e Miami Heat.

Além da interação junto ao basquete norte-americano, no mesmo ano o Flamengo garantiu o direito de disputar o título da Copa Intercontinental após conquistar o título da edição de 2014 da Liga das Américas. Desta forma, a equipe carioca enfrentou em setembro do mesmo ano o Maccabi Tel Aviv, de Israel, campeão da temporada 2013-2014 da Euroliga, no Rio de Janeiro, e se sagrou campeão após os dois jogos das finais – o vencedor foi decidido por meio do critério de saldo de cestas. Com o título, o Flamengo se tornou a segunda equipe brasileira a ser campeã mundial na história, igualando o feito do Sírio, campeão do Mundial Interclubes de Basquete em 1979.

Na sequência, o lançamento da sétima edição do Novo Basquete Brasil, que foi realizado de outubro de 2014 a maio de 2015, contou com uma significativa mudança em relação às edições anteriores. A contestada final em jogo único foi alterada para a melhor de três partidas, com a equipe de melhor campanha tendo o direito de atuar duas vezes em casa na série, e tendo o segundo e o terceiro jogo, caso necessários, transmitidos pela TV Globo.

Como na temporada anterior, a partida de abertura da competição, que pôs frente a frente os dois últimos finalistas – Flamengo e Paulistano – também foi transmitida em TV aberta.

Acerca das equipes participantes desta edição do certame, nota-se a saída, por falta de condições financeiras, de Espírito Santo e Goiânia, e a entrada do time de Rio Claro (SP), fazendo com que o NBB7 fosse disputado por dezesseis equipes, a saber: Basquete Cearense (CE), Bauru (SP), Brasília (DF), Flamengo (RJ), Franca (SP), Liga Sorocabana (SP), Limeira (SP), Macaé (RJ), Minas Tênis Clube (MG), Mogi das Cruzes (SP), Palmeiras (SP), Paulistano (SP), Pinheiros (SP), Rio Claro (SP), São José dos Campos (SP) e Uberlândia (MG).

Deste modo, ao se examinar a distribuição geográfica das equipes participantes do certame é possível verificar que, apesar do esforço da Liga Nacional de Basquete em difundir a modalidade em mais praças no país, ainda segue a predominância de equipes do Estado de São Paulo, com dez participantes (62,5%), na competição. Os outros dois estados com mais de uma equipe integrante no torneio são Minas Gerais (Minas e Uberlândia) e Rio de Janeiro (Flamengo e Macaé). No mais, apenas Brasília, representando o Distrito Federal, e o Basquete Cearense, a única equipe fora do eixo Centro-Sul presente na sétima edição do certame. Isto posto, nota-se que, dos 27 estados da federação, apenas cinco (18,5%) estão representados na elite do basquetebol brasileiro.

A falta de inserção da modalidade em outras regionais do Brasil pode ser verificada também pelo pequeno número de equipes inscritas nos dois primeiros anos de vigência da Liga Ouro, o torneio de acesso ao NBB, que contou com apenas quatro inscritos nas edições de 2014 – Campo Mourão (PR), Lins (SP), Rio Claro (SP) e Sport Recife (PE) – e 2015 – Campo Mourão (PR), Caxias do Sul (RS), CEUB/Brasília (DF) e Sport Recife (PE). Ao buscar subsídios para a compreensão de alguns dos motivos para a ausência de uma difusão massiva do basquete no país, Gaudin (2007, p. 57) destaca que, além das razões históricas e sociais:

Também podemos explicá-la pela precariedade de infraestruturas. A exemplo do que ocorre a muitos outros esportes, no Brasil, para se desenvolver, o basquete se ressentido da falta de instalações suficientes, sejam elas de estádios de atletismo, piscinas ou quadras. Nem todas as regiões do país têm os recursos financeiros, nem a densidade empresarial suficiente para manter clubes profissionais de basquete, e até mesmo de futebol.

Outro aspecto que corrobora para reforçar essa discrepância de investimentos entre os clubes profissionais de basquete no país refere-se à concentração de títulos, nas sete primeiras

edições do Novo Basquete Brasil, entre apenas duas equipes: Flamengo, com quatro conquistas, e Brasília, com três. Com maior poder aquisitivo que as demais, essas equipes conseguem atrair melhores jogadores, sejam aqueles que atuam no país ou mesmo de outras nacionalidades.

Acerca do repatriamento de atletas brasileiros, nota-se que, com a crescente organização do torneio no decorrer de suas primeiras edições, houve um aumento no número de jogadores que deixaram suas carreiras no exterior para voltar a atuar no basquete brasileiro. Ao todo, 53 atletas brasileiros foram repatriados por equipes do NBB ao longo das sete primeiras edições do torneio (AQUI..., 2014).

Em parte, esse fenômeno pode ser explicado devido aos bons resultados obtidos pelas equipes brasileiras nas principais competições da modalidade a nível continental. O domínio de equipes argentinas nas principais competições de clubes do continente passou a ser colocado à prova pelas equipes brasileiras que, desde a primeira temporada do NBB, em 2009, se sagraram campeãs da Liga das Américas, o principal torneio de clubes do continente, em 2009 (Brasília), 2013 (Pinheiros), 2014 (Flamengo) e 2015 (Bauru). Já na Liga Sul-Americana os clubes brasileiros conquistaram o título em 2009 (Flamengo), 2010 (Brasília), 2013 (Brasília), 2014 (Bauru) e 2015 (Brasília). Deste modo, os resultados obtidos por times brasileiros em torneios internacionais, conjuntamente com a maior organização decorrente da consolidação do NBB, fizeram com que os atletas brasileiros, e também estrangeiros, voltassem a vislumbrar no basquete nacional um lugar atrativo para dar seguimento a suas carreiras.

O fortalecimento do campeonato nacional atraiu também os interesses da maior liga de basquete do planeta, a NBA. Além disso, o número recorde de atletas brasileiros inscritos na liga para a temporada 2014-15, sete no total, sendo eles Anderson Varejão (Cleveland Cavaliers), Bruno Caboclo e Lucas Nogueira (Toronto Raptors), Leandro Barbosa (Golden State Warriors), Nenê Hilário (Washington Wizards), Vítor Faverani (Boston Celtics) e Tiago Splitter (San Antonio Spurs), contribuiu para que a NBA visse no país um mercado com potencial de crescimento no esporte da bola ao cesto. Em decorrência, as duas ligas firmaram uma parceria, em dezembro de 2014, com o objetivo principal de desenvolver o produto basquete no país, visando aumentar, no longo prazo, a popularidade da modalidade no Brasil por meio de um planejamento conjunto de *marketing*, que inicialmente contou com a NBA assumindo a área comercial do torneio, em substituição à TV Globo (MARCO..., 2014).

Embora seja prematuro avaliar os desdobramentos dessa parceria para a promoção e espetacularização da modalidade no país, é válido destacar alguns aspectos da estrutura

organizacional e de mercado da liga norte-americana de basquete. A esse respeito, podemos verificar que, dentre as estratégias de *marketing* adotadas pela NBA como forma de comercializar o basquete, este modelo de gerenciamento:

[...] cria novos produtos, maximiza a venda dos que já são oferecidos e lança uma rede de negócios que explora não somente o jogo, mas também os sujeitos envolvidos nele. Dessa forma, busca transformar os atletas não somente em heróis, mas em artistas e celebridades, na expectativa de explorar suas imagens em diversos mercados. (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009, p. 643).

Alguns aspectos dessa abordagem do esporte como espetáculo, promovida pela liga norte-americana de basquete, pôde ser observada na sétima edição do Jogo das Estrelas do NBB, que pela terceira vez ocorreu na cidade de Franca, e contou com a participação do ex-jogador Horace Grant, quatro vezes campeão da NBA, em diversas atividades extra quadra, a criação do Desafio das Estrelas feminino, com o duelo entre as melhores jogadoras brasileiras contra estrangeiras da Liga de Basquete Feminino, e outras atividades voltadas ao entretenimento do público no espaço externo do ginásio Pedrocão.

Outra ação promovida por meio da referida parceria foi o anúncio do terceiro jogo consecutivo de pré-temporada da liga norte-americana no país, desta vez entre Flamengo e Orlando Magic, marcado para outubro de 2015 como parte do *NBA Global Games* (GRANDE..., 2015).

Nesse sentido, ainda convém lembrar as atrações voltadas ao entretenimento do público durante os intervalos das duas primeiras partidas da série final do NBB7, disputada entre Flamengo e Bauru, como as mascotes do Phoenix Suns e as dançarinas do Orlando Magic, trazidas por meio da parceria entre a LNB e a NBA (ATRAÇÕES..., 2015). A decisão da sétima edição do torneio teve o Flamengo novamente como campeão, ao fechar a série final contra a equipe bauruense por dois a zero e garantindo ao time carioca o tetracampeonato na competição, se tornando o maior vencedor da história do NBB.

Em compêndio, tendo em vista o que foi observado aqui, percebe-se o intento da Liga Nacional de Basquete em promover o basquete no país sob a lógica do esporte-espetáculo por meio de ações de *marketing* voltadas ao entretenimento que seguem o *modus operandi* da principal liga de basquete do planeta, a NBA. Nesse sentido, a proposta de transmitir o seu campeonato em diferentes plataformas, a adoção de eventos – como o Jogo das Estrelas – semelhantes aos que acontecem no basquete estadunidense, a tentativa de difundir a modalidade por meio do incentivo na criação de equipes em novas praças no país e a própria

parceria com a liga norte-americana de basquete voltada a comercialização do torneio nacional, entre outros pontos apresentados aqui, se apresentam como alguns dos mecanismos utilizados pela LNB como forma de buscar uma maior profissionalização, espetacularização e difusão do Novo Basquete Brasil e também da modalidade como um todo no país no decorrer dos sete primeiros anos de vigência do torneio nacional. Em face dessa realidade, na sequência, fará parte do escopo analítico desta dissertação verificar alguns aspectos dessa proposta de espetacularizar o basquete no país a partir de duas experiências etnográficas distintas: a primeira em uma partida válida pela pré-temporada da NBA realizada no Brasil e a segunda em um jogo do Novo Basquete Brasil ocorrido em Franca, conhecida nacionalmente como a capital do basquetebol brasileiro.

4.1 CONSUMINDO O ESPETÁCULO: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA PELO MUNDO DA NBA NO BRASIL

Com a finalidade de buscar subsídios para uma melhor compreensão acerca do esporte-espetáculo e de como o basquetebol é tratado e promovido pela NBA como tal, uma das prerrogativas desta dissertação era a de efetuar uma pesquisa de campo para verificar e vivenciar o que representa uma partida da liga norte-americana de basquete para o público brasileiro. Partindo deste pressuposto, desembarquei no Rio de Janeiro no dia 10 de outubro de 2014, sexta-feira, por volta das 9 horas da manhã. Assim que cheguei à cidade, tomei um táxi até o local onde ficaria hospedado para deixar as malas e me preparar para o início da minha não muito usual aventura antropológica.

Em linhas gerais, quando se ouve falar em trabalho de campo na Antropologia, é comum associá-lo ao contato com tribos indígenas e/ou populações ainda pouco conhecidas. Entretanto, no meu caso, a prerrogativa era um tanto quanto diferente: apreender o máximo possível de informações a partir da observação de um megaevento esportivo que aconteceria no dia seguinte na cidade, o NBA Global Games Rio 2014, acontecimento válido pelo calendário de pré-temporada da liga norte-americana de basquete e que tinha como destaque a partida entre Miami Heat e Cleveland Cavaliers.

A esse respeito, conforme demonstra o antropólogo francês Christian Bromberger (2008), as práticas e os espetáculos esportivos têm sido tema de enfoque cada vez maior por parte da Antropologia, tendo o esporte e suas manifestações se constituído como um importante capítulo da etnologia. Acerca da importância de se estudar o fenômeno esportivo no tempo presente à luz da etnologia, Bromberger (2008, p. 241) destaca que:

Os grandes eventos esportivos cristalizam, à maneira de caricaturas, as dimensões salientes da experiência social e cultural (a relação com o corpo, a afirmação das identidades, o lugar da competição nas sociedades contemporâneas, as novas formas de heroísmo...) e daí não vemos como evitar o esporte enquanto objeto de estudo, mesmo que a prática e o espetáculo continuem a conotar o fútil e o acessório para um bom número de estudiosos.

Esta seria a segunda partida realizada pela NBA no país. A primeira havia ocorrido no ano anterior, em 2013, quando o Chicago Bulls e o Washington Wizards se enfrentaram também no Rio de Janeiro – de acordo com a liga norte-americana a única cidade no Brasil que possui um ginásio (Arena da Barra) com estrutura capaz de comportar uma partida oficial da liga (AZEVEDO, 2014). Naquela ocasião, os Bulls venceram os Wizards, do anfitrião da festa Nenê Hilário, por 83 a 81, em jogo que ficou marcado pelas vaias que o pivô brasileiro recebeu de uma significativa parcela dos mais de 13 mil presentes que lotaram a HSBC Arena para acompanhar a partida (MAIA, 2013).

O sucesso do primeiro jogo da história da NBA no Brasil e o interesse cada vez maior em difundir seus negócios no emergente mercado brasileiro fizeram com que a liga norte-americana repetisse o evento no ano seguinte. Entretanto, desta vez a partida entre Miami Heat e Cleveland Cavaliers aparentava ser ainda mais importante do que a primeira, pois marcaria o reencontro de LeBron James (MOURA, 2014), considerado pela imprensa especializada de basquete dos EUA como o melhor jogador de basquete da atualidade, com seu antigo time, no momento em que o atleta ultrapassava o tenista Tiger Woods e se tornava, de acordo com a Forbes, o atleta mais valioso do mundo esportivo em 2014, com rendimentos anuais em torno de US\$ 37 milhões de dólares (OZANIAN, 2014). Além disso, o anfitrião do evento desta vez seria Anderson Varejão, notadamente mais carismático e querido pelo público brasileiro do que Nenê, que acabou ficando marcado junto aos fãs da modalidade no país pelos inúmeros pedidos de dispensa da seleção nacional.

Ansioso pela expectativa criada em torno da partida e pela possibilidade de conferir como tudo isso aconteceria, assim que cheguei ao local no qual ficaria hospedado, entrei em contato com um conhecido para averiguar a possibilidade de conseguir uma credencial para acompanhar os treinos das equipes na véspera da partida, que iriam acontecer nas instalações do Flamengo, na Gávea. O treino do Heat estava programado para ser aberto à imprensa apenas no final das atividades da equipe, por volta das 11 horas da manhã, enquanto o treino

do Cavaliers teria seus 15 minutos iniciais abertos para a imprensa e estava agendado para iniciar às 13h30min.

Sobre o credenciamento, vale destacar que a NBA Brasil havia rejeitado meu pedido de credenciamento prévio como pesquisador para acompanhar as atividades que precediam a partida, bem como o evento principal. Com a negativa, pude vivenciar – por coincidência justamente no início da preparação para meu trabalho de campo – o que Bourdieu (1990, p. 207) aponta como o “princípio das dificuldades particulares que a sociologia do esporte encontra”, uma vez que, segundo o sociólogo francês, a disciplina padece do problema de ser frequentemente “desdenhada pelos sociólogos” e “desprezada pelos esportistas”.

A esse respeito, é importante salientar que o desdém destacado por Bordieu advém da dita incipiência que os estudos acerca do esporte no campo das Ciências Sociais possuem em comparação com outros temas mais assentados, abordados e valorizados pelos estudiosos da área. Este fato se verifica em especial com o campo da Sociologia do Esporte no Brasil, que por ser considerado uma “disciplina de fronteira” – sendo objeto de estudo tanto nas Ciências Sociais quanto na Saúde – sofre com a dificuldade de inserção no próprio campo específico da disciplina. Essa dificuldade de inserção da disciplina nas Ciências Sociais pode ser verificada por meio de trabalhos recentes de Ferreira (2009, 2013), que visam pontuar a emergência e as dificuldades de inserção da Sociologia do Esporte no campo das Ciências Sociais bem como os atuais dilemas enfrentados pela disciplina no que tange a produção científica.

A dificuldade de inserção que a Sociologia do Esporte sofre em seu próprio campo de estudos pode ser verificada também na resistência que em geral a disciplina sofre pelos esportistas dentro do campo específico do esporte, e que no caso específico desta dissertação pôde ser verificada com a recusa da organização do evento da NBA no Brasil em liberar meu acesso, como pesquisador, para acompanhar e registrar o outro lado do evento. Ademais, é bastante incomum ouvir falar de Cientistas Sociais que atuem diretamente com o esporte – tanto de base quanto de alto nível –, sendo a atuação destes profissionais nesse campo, restrita, em geral, conforme assinala Gastaldo (2010), a produção de saber científico para seus pares dentro da academia.

Ainda sobre essa questão, vale destacar que talvez o sociólogo mais conhecido no país a ter atuado diretamente no campo esportivo tenha sido Adilson Monteiro Alves, alçado ao cargo de diretor de futebol do Corinthians em 1981 pelo então presidente Waldemar Pires e um dos responsáveis pelo surgimento de um dos mais importantes movimentos da história do futebol brasileiro, a Democracia Corintiana. Contudo, há de se pesar o fato de que a escolha de Monteiro Alves para o posto tenha ocorrido mais por conta de seu capital social – pois

vinha de uma família tradicional de dirigentes do Corinthians – do que por sua formação acadêmica (FLORENZANO, 2009).

Em todo caso, apesar da negativa inicial, havia a possibilidade de adentrar os treinos com a credencial do site sobre basquete do qual faço parte. Mesmo ciente da possibilidade de ser barrado, tomei uma condução em direção a Gávea e entrei em contato com um colega de site que havia conseguido o credenciamento como imprensa para acompanhar as atividades e que, com perspicácia, providenciou junto à organização do evento minha liberação para acompanhar os treinos das equipes na véspera da partida.

Com credencial em mãos, poderia então entrar em contato pela primeira vez com o “universo” da NBA e iniciar minha experiência como pesquisador no campo. Apesar de acompanhar a liga norte-americana há algum tempo, meu contato com ela se resumia até então ao de um espectador, que acompanha os noticiários e assiste a partidas pela TV. Jamais havia tido a oportunidade de participar dos eventos realizados anteriormente pela liga no Brasil, portanto estava bastante entusiasmado com a possibilidade de acompanhar não só uma partida oficial, mas também os treinos que antecederiam a partida e de visitar a estrutura de promoção do evento, denominada *NBA Fan Zone* e instalada na praia de Ipanema.

Logo ao adentrar a quadra para acompanhar o final do treino do Miami Heat, me deparei com aqueles gigantes que estava acostumado a ver somente pela TV. Embora já tenha trabalhado na cobertura de eventos esportivos, a vultuosidade da estrutura gerenciada pela NBA para um simples treino foi algo que me saltou aos olhos. Havia um grande número de *staffs* na quadra ajudando os jogadores em suas atividades, bem como fora dela, auxiliando na organização e na segurança do treino. Tudo havia sido preparado nos mínimos detalhes.

Como o acesso ao treino foi liberado para a imprensa apenas durante a parte final, foi possível observar apenas os últimos instantes das atividades. Ainda assim, a racionalização do trabalho e a divisão das tarefas é algo que impressiona, de modo que cada atleta possui um treinador próprio para lhe monitorar e assessorar no que for preciso. A esse respeito, é válido pontuar que o princípio da racionalização das atividades, bem como a espetacularização e a mercantilização do esporte são algumas das principais características do fenômeno esportivo na contemporaneidade:

Muitas práticas esportivas no universo do alto rendimento têm refletido o profundo processo de reorganização do tempo e do espaço que a modernidade tem apresentado. [...] A tendência crescente do esporte de rendimento à racionalização, à ‘espetacularização’ e a ‘mercantilização’ é um fato. [...] Enfim, esporte de alto rendimento traz inscrito as condições

sociais da modernidade – constrói-se socialmente num ambiente marcado pela racionalização e pela globalização, no sentido do alcance global do capital adquirido por meio da expansão da informação do conhecimento do último quartel do século XX, proporcionada pela revolução tecnológica da informação. (COSTA, 2005, p. 5-6).



Figura 1 – Treino do Miami Heat na Gávea. Fonte: o autor (2014).

Fora de quadra havia também um grande número de jornalistas, de vários países e veículos de comunicação, escalados para cobrir as atividades. Apesar de ser apenas um treino, era possível observar vários rostos conhecidos da imprensa especializada de basquete do Brasil, em sua maioria ávidos para entrar em contato com os jogadores e vivenciar parte do universo da NBA.

Sobre isso, vale destacar que a organização deu condições iguais de trabalho tanto para os grandes veículos de comunicação quanto para os sites menores e blogs especializados. Todos tiveram acesso total aos jogadores ao final das atividades, sendo possível abordar os atletas e membros da comissão técnica para entrevistas ou até mesmo um bate-papo informal. Se por um lado o assédio aos principais jogadores do Heat era bastante grande, com um pouco de sorte e insistência era possível fazer algumas perguntas a eles. Por outro lado, era possível abordar de modo bem mais tranquilo para conversas mais longas os atletas menos badalados

das equipes e membros do corpo técnico. A esse respeito, é notório o interesse da NBA para que tudo o que envolva seu espetáculo vire notícia e, conseqüentemente, exposição de sua marca. Tendo isso em vista, a liga propiciou aos jornalistas uma atmosfera agradável e organizada de trabalho, facilitando a exposição de seu produto pela imprensa de todo o mundo.



Figura 2 – A imprensa teve total acesso aos jogadores ao final da atividade. Fonte: o autor (2014).

Por meio do contato com os atletas foi possível observar a facilidade e a familiaridade com que boa parte deles lida com esse tipo de situação. Por via de regra, durante suas falas para a imprensa, os atletas procuravam destacar a todo o momento as belezas do Rio de Janeiro e a alegria em poder participar daquele momento especial. Deste modo, utilizando aqui as ferramentas analíticas propostas por Cardoso de Oliveira (1996) para o trabalho de campo, o meu ouvir corroborava com o que estava vendo no sentido de que as falas dos jogadores pareciam ser estruturadas e “ensaiadas” de véspera, assim como a organização do aparato estrutural posto à disposição dos atletas para que um simples treino acontecesse a contento.

Encerrada as atividades do Miami Heat, fui até um shopping próximo para almoçar e esperar o início das atividades do Cleveland Cavaliers, marcadas para começar por volta das

13h30min e que, ao contrário do treino da manhã, teria seus 15 minutos iniciais liberados para a cobertura da imprensa. Entretanto, para a minha surpresa, ao retornar para a segunda atividade do dia, eu e mais alguns jornalistas que chegamos um pouco atrasados acabamos barrados nas proximidades da entrada do ginásio poliesportivo do Flamengo pela segurança do evento. Ao questionar os seguranças, fomos informados de que deveríamos esperar alguns instantes até poder adentrar ao ginásio porque o Cleveland Cavaliers havia acabado de chegar.

Durante a espera, foi possível observar como a estrutura do segundo treino havia se transformado, muito por conta da presença de LeBron James. Se o acesso para o treino da manhã foi relativamente fácil, no da tarde havia um número consideravelmente maior de seguranças – alguns deles particulares de James – em torno do ônibus da equipe e na entrada do ginásio, constituindo um aparato bastante intimidador.

Após liberarem o meu acesso e o de mais alguns jornalistas ao treino, a primeira coisa a saltar aos olhos foi a maior quantidade de pessoas presentes para acompanhar as atividades da tarde, em relação com as da manhã. Além da presença massiva dos jornalistas, havia também um bom número de fãs que ganharam, por meio de uma promoção de um dos patrocinadores do evento, a chance de acompanhar o treino dos Cavaliers.

Entretanto, mais do que acompanhar as atividades, era possível perceber nas atitudes e nas conversas entre os presentes que todos estavam ali especialmente para ver de perto a figura de LeBron James. Apesar de estarem ali vários outros jogadores consagrados da NBA, a partir do momento em que o ala dos Cavaliers saiu dos vestiários e se sentou no banco de reservas para se preparar para o início das atividades, todos os olhares se voltaram para o jogador. Cercado de seguranças e vigiado de perto pela imprensa e pelos torcedores, James aparentava bastante tranquilidade, dançando despreocupadamente no ritmo da música que tocava em seu extravagante fone de ouvido.

A comoção em torno do astro dos Cavaliers ficou ainda maior quando este se levantou para dar início aos trabalhos de aquecimento junto com seu preparador particular. Com um lado da quadra separado especialmente para ele – enquanto todos os outros jogadores da equipe se apertavam do outro para treinar arremessos –, James pegou a bola e começou a arremessar, monopolizando totalmente a atenção da mídia e dos fãs que disputavam a melhor posição na arquibancada e na beirada da quadra para acompanhar e registrar aquele momento. Aquela situação em especial foi para mim bastante emblemática, pois foi possível constatar que, mais do que acompanhar de perto a desenvoltura técnica do atual melhor jogador de basquete do planeta – que inclusive estava errando bem mais do que acertando seus arremessos –, o público presente no recinto se preocupava principalmente em vivenciar e

registrar de alguma forma aquele momento bastante significativo para os fãs brasileiros da modalidade. A construção da figura de um ídolo era reforçada ali de maneira categórica, com LeBron James de um lado da quadra, monopolizando totalmente a atenção dos fãs e da imprensa, enquanto do outro estava o restante da equipe. Neste caso, a atenção do público, o espaço físico da quadra de basquete e a disposição dos jogadores dentro dela ajudavam a reforçar a diferenciação entre a estrela do espetáculo e seus coadjuvantes.



Figura 3 – LeBron James, à esquerda, arremessando e atraindo a atenção de todos os presentes. Longe dos holofotes, o restante da equipe treinava do outro lado da quadra. Fonte: o autor (2014).

Após terminar seu aquecimento individual, James parou no centro da quadra e, com um sinal gestual quase imperceptível, convocou aquele batalhão de jornalistas para a entrevista coletiva. Eu estava bem próximo a ele nesse momento, na beirada da quadra, e acabei fazendo parte da coletiva de imprensa, que apesar do grande número de jornalistas aconteceu sem maiores problemas. Em tom descontraído, o jogador falou, entre outros assuntos, sobre os jogadores de futebol do Brasil, o bom momento do basquete brasileiro, a amizade com seu companheiro de time Anderson Varejão, sua expectativa em relação ao jogo contra o Miami Heat e se divertiu ao saber que no Rio de Janeiro existe um bairro com nome bastante semelhante ao seu, o Leblon.

Encerrada a coletiva, imprensa e torcedores presentes no ginásio poliesportivo do Flamengo foram instruídos pela organização do evento a se retirarem do recinto, pois o treino iria começar. Concluída minha primeira parte do trabalho de campo, segui caminhando até a praia de Ipanema para dar sequência em minha observação, desta vez com o intuito de ver de perto a estrutura montada no local, a *NBA Fan Zone*.

Logo ao chegar, me deparei com uma considerável fila de espera, formada em sua maioria por jovens e pessoas que passavam pelo local e decidiam parar para conferir o que estava acontecendo. Com entrada franca, uma estrutura organizada, agradável e bastante convidativa, o *NBA Fan Zone* foi montado ali com a finalidade de atrair todo tipo de público, desde os que seguem o basquete com mais afinco até aqueles que não acompanham o esporte – porém vistos pela liga norte-americana como consumidores em potencial.

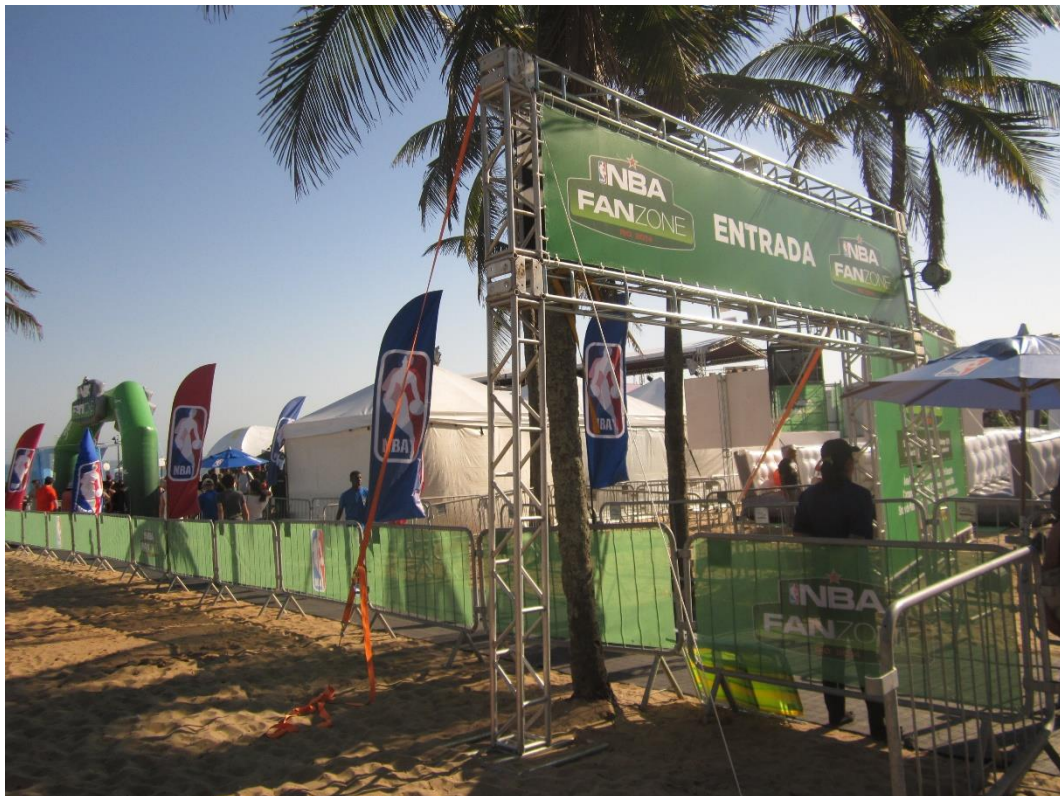


Figura 4 - Entrada das instalações do NBA Fan Zone, na praia de Ipanema. Fonte: o autor (2014).

Mesmo antes de adentrar a quadra principal, com capacidade para aproximadamente mil pessoas, já era possível participar de uma série de atividades relacionadas com basquete e promovidas, em sua maioria, pelos patrocinadores oficiais do evento. Dentre elas, havia estandes para prática de arremessos, loja para compra de produtos oficiais, exposição do

troféu de campeão da NBA para que o público pudesse fotografar, banner com um jogador em tamanho real para “medição”, entre outros.

Por ser um local de grande fluxo de pessoas, a estrutura montada na entrada foi pensada para ser de consumo rápido, facilitando o registro, em fotos, dos que ali passavam. Era possível observar que os presentes talvez estivessem mais interessados em registrar aquele momento efêmero do que, de fato, vivenciá-lo. Entretanto os que se aventuravam a enfrentar a fila de espera e conseguiam um lugar na arquibancada podiam presenciar um verdadeiro *show* de atrações relacionadas ao basquete.

Assim que adentrei a estrutura principal da *NBA Fan Zone*, visualizei que havia um espaço na arquibancada reservado exclusivamente para alunos carentes de escolas públicas do Rio. Sobre isso, vale destacar que durante os dias de evento – de quinta-feira ao domingo – a NBA realizou atividades voltadas a esse público, em especial uma clínica de basquete para jovens do projeto CUFA (Central Única das Favelas) na Gávea, que contou com a presença de ex-jogadores consagrados e atletas do Miami Heat, sendo amplamente divulgada pela mídia (BLOIS, 2014). Esse tipo de iniciativa faz parte do *NBA Cares*, um programa social voltado para crianças e comunidades carentes a partir do basquete e a imagem da NBA e seus atletas – e da estratégia da liga norte-americana de massificar e popularizar o basquete no Brasil.



Figura 5 - Parte da arquibancada da quadra instalada na *NBA Fan Zone*, reservada para crianças de escolas públicas do Rio de Janeiro. Fonte: o autor (2014).

Durante o período em que permaneci no recinto, a arquibancada estava lotada e o público, composto predominantemente de jovens, interagiu durante todo o tempo com as atividades que eram realizadas na quadra e que em geral contavam com a presença de atletas da liga norte-americana. Houve campeonato de enterradas com a participação de pessoas escolhidas na plateia e com jogadores da NBA como jurados, campeonato de arremessos e de basquete três contra três, *shows* de música, apresentação das *cheerleaders* do Miami Heat e das mascotes das equipes, entre várias outras brincadeiras, que em sua grande maioria eram produzidas pelos patrocinadores do evento.

Após passar a tarde e início da noite acompanhando as atrações e brincadeiras realizadas na estrutura da *NBA Fan Zone* montada na praia de Ipanema, decidi que era hora de retornar ao local onde estava hospedado para descansar e me preparar para o dia seguinte, que prometia ser bastante agitado. O lugar onde a partida principal seria realizada, a Arena da Barra, ficava bem distante de Copacabana (onde fiquei durante esses dias), e segundo o que algumas pessoas me disseram, o trajeto até lá não seria dos mais fáceis, ainda mais de ônibus e com o trânsito que uma tarde ensolarada de sábado no Rio de Janeiro provoca nos bairros que margeiam as belas praias da cidade. Por isso, seria necessário sair cedo do hotel para chegar até a Barra da Tijuca com tempo de sobra para acompanhar e registrar o máximo possível de detalhes de tudo que envolvia a partida, marcada para começar às 18:00 horas.

Logo após almoçar, tomei o primeiro dos dois ônibus necessários para chegar até a Arena da Barra, em uma viagem que levaria cerca de duas horas. Durante o trajeto foi possível notar que um grande número de pessoas, a maioria vestindo camisas com temas alusivos ao basquete, decidiram ir até o local da partida por meio do transporte público da cidade. A dificuldade de acesso e a falta de informações era algo que incomodava várias pessoas, especialmente aquelas que, assim como eu, vieram de outras cidades para acompanhar a partida. Entretanto, e o resultado disso era a formação de vários grupos pequenos de pessoas que, em busca de informação, começavam a conversar e terminavam indo juntos até a arena.

Conforme o segundo ônibus ia se aproximando do local da partida, pude ver de perto o “legado” deixado pelos Jogos Pan-Americanos de 2007, como o Parque Aquático Maria Lenk e o Velódromo Municipal do Rio. Esses espaços, juntamente com a Arena da Barra, onde seria realizada a partida, formam o Complexo Esportivo Cidade dos Esportes. Parte das instalações estavam em reforma, além de outras sendo construídas para abrigar os Jogos

Olímpicos do Rio 2016. Em decorrência, o acesso do ponto de ônibus até o ginásio tinha que ser feito pela margem da via, já que inexistiam calçadas para ligar um lugar ao outro.

Cheguei à arena pouco antes das 16:00 horas, horário previsto para a abertura dos portões, e já havia uma considerável fila de torcedores que esperavam, debaixo de forte sol, pela liberação para entrar no ginásio. Mas o calor não parecia ser empecilho para os presentes ali, que estampavam em seus semblantes a alegria por estarem fazendo parte daquilo tudo. Já na fila era possível ver muitas pessoas tirando fotos e vestindo as mais diferentes camisas de basquete, de clubes nacionais (algo bastante incomum devido à dificuldade que em geral as equipes brasileiras possuem para colocar seus artigos esportivos à venda) até as de equipes internacionais e de jogadores que não são considerados estrelas na NBA.

Conforme a organização do evento começou a liberar o acesso à arena, se tornava quase um ritual para os que passavam pela inspeção dos seguranças posarem para fotos na passarela de acesso ao ginásio, tendo inclusive funcionários designados especialmente para auxiliar os torcedores nas fotos. Mais uma vez, era notória a noção entre os presentes de que aquele evento era algo especial e incomum, sendo necessário, portanto, registrar de todas as formas possíveis aquela ocasião.

Ao adentrar a arena, percebi que foram instalados nas dependências e nos corredores que davam acesso à quadra uma série de estandes dos patrocinadores com atividades e brincadeiras para os fãs, além de locais para alimentação. Eram mais de dez atrações diferentes para os torcedores, como TVs com o mais recente game de basquete para videogames da NBA para o público, vários tipos diferentes de brincadeiras que envolviam acertar o máximo possível de arremessos em determinado período de tempo ou contra outra pessoa, loja oficial da NBA com produtos licenciados, estandes personalizados para que o público pudesse fotografar e ser fotografado, entre outros. Esses espaços atraíram grande atenção do público, que não se importava em esperar nas inevitáveis filas para participar das brincadeiras.

Apesar da quantidade de estandes, que abrigavam as mais diferentes marcas, em praticamente todos eles haviam algo em comum: a distribuição de brindes para os participantes. Tinham, aliás, outros patrocinadores que, com promotoras de vendas espalhadas pelas dependências da arena, iam distribuindo brindes aos presentes como, entre outros, pôsteres do jogo e testeiras para prática de basquete. Dentre as empresas de alimentação, uma estava disponibilizando, na compra de um determinado refrigerante, um copo personalizado da partida e que fez muito sucesso entre os presentes, tendo seu estoque se esgotado rapidamente.

Essa atitude só reforçava a intenção dos promotores da partida em proporcionar, por meio de experiências mediadas pelo consumo, o registro daquele momento pelo público. A esse respeito, durante aquela experiência me foi inevitável a lembrança da obra ‘Ensaio sobre a dádiva’, do antropólogo francês Marcel Mauss (2003). Afinal, em linhas gerais, o que estava posto ali era uma relação social de troca mediada pela reciprocidade e voltada ao consumo, uma atitude que aparentava ser voluntária e despretensiosa, mas que, no fundo, era quase que obrigatória entre os patrocinadores do evento, sendo eminentemente coercitiva – de modo a criar uma “obrigação” de retribuição do público que pode ocorrer das mais variadas formas – mas devendo funcionar de maneira aparentemente espontânea.

Para a NBA tudo é considerado um produto e a amplitude disso ficou bastante evidente para mim ao acompanhar a conversa entre uma família – pai, mãe e filho de cerca de nove anos – que esperavam para participar de uma das brincadeiras dos estandes e que demonstravam felicidade por estarem ali. Apesar da pouca idade, a noção de que tudo aquilo fazia parte de uma grande estrutura voltada aos negócios e ao lucro era bastante clara para o menino, que dizia em bom tom para seu pai que tudo ali envolvia dinheiro, com seu pai concordando com a afirmação para, na sequência, explicar ao filho alguns pormenores dos negócios da liga norte-americana.

A cena descrita acima foi uma constante durante o evento. O público presente na arena para acompanhar a partida era bastante diversificado, sendo predominantemente constituído de jovens do sexo masculino, mas contando também com muitas famílias, mulheres, crianças e pessoas de todas as idades que estavam ali não apenas para acompanhar o jogo, mas também para participar das atividades promovidas pelos patrocinadores e vivenciar uma experiência de consumo tão incomum para os padrões brasileiros de entretenimento esportivo.

Nesse sentido, era constante a preocupação por parte da organização do evento no que se refere à ocorrência impecável das atividades, que antes do início da partida e durante inúmeros momentos do jogo procurava anunciar, por meio do locutor da partida, as regras básicas de comportamento do público para o espetáculo. Eram princípios norteadores de como se portar, regras de boas maneiras visando o bom andamento do jogo de modo a oferecer uma “experiência segura, confortável e agradável”, sob pena, para os que transgredissem as regras, de serem retirados da arena.

Conforme o início de partida se aproximava, o público começava a procurar seus lugares, todos previamente marcados, para acompanhar o jogo. A abertura da partida foi um evento a parte, contando com a exibição das *cheerleaders* e das mascotes dos times, estes inclusive vestindo as cores da bandeira nacional. E as referências ao país não paravam por aí,

sendo a quadra produzida com as cores do país, ajudando na criação de uma atmosfera “padrão” NBA no Brasil. A apresentação dos jogadores foi feita em português, para facilitar o entendimento dos presentes e precedida por um vídeo apresentado no telão com lances dos principais jogadores de ambas as equipes ao ritmo do *hip-hop*, estilo musical comumente associado à cultura do basquete. Assim, o entretenimento seguia como o grande mote de todo o evento, sendo o jogo o norteador de tudo que acontecia tanto dentro quanto fora de quadra.

Como esperado, LeBron James foi o grande centro das atenções, sendo o jogador mais assediado pelos fãs e pela imprensa. O brasileiro Anderson Varejão, anfitrião da festa e companheiro de James nos Cavaliers, também teve seu nome ovacionado pela torcida durante vários momentos do jogo, principalmente quando o pivô, juntamente com Chris Bosh, um dos destaques do Miami Heat, foi ao centro da quadra para saudar o público e agradecer a torcida por comparecer àquele evento especial. Em sua fala, Varejão destacou sua alegria por poder fazer parte daquele momento e afirmou que seu interesse principal era “se divertir”. Mais uma vez, o entretenimento e a diversão eram destaque.

Com os jogadores devidamente apresentados ao público, era finalmente chegada a hora de a bola subir e o jogo, que estava cercado de enorme expectativa, começar. E logo nos primeiros instantes de partida, algo no mínimo inusitado aconteceu. Ao receber a bola de um companheiro para iniciar a primeira jogada de ataque da sua equipe, LeBron James foi alvo de vaias de um pequeno, porém descentralizado número de pessoas na arena, causando uma reação de espanto da maioria dos presentes, que não entendiam como, apesar de aquele ser seu primeiro jogo contra sua antiga equipe, aquilo poderia estar acontecendo com o maior jogador de basquete de atualidade.

Em decorrência disso, quase que por instinto, o restante da torcida começou a aplaudir o jogador, cessando com isso as críticas relacionadas a James e também as demais atitudes espontâneas vindas da torcida. Durante toda a partida, o DJ da arena procurou incitar e dirigir as ações do público, por meio de músicas e *jingles* de incentivo. De início a ação causou certo estranhamento no público, em geral não acostumados com esse modo de torcer, seja em ginásios de basquete e principalmente em estádios de futebol.

Neste momento, ficou evidente a diferença cultural, de valores e costumes do público presente na Arena em relação ao “modelo” tido como ideal dos negócios e do *modus operandi* da NBA. No Brasil, a forma de torcer do público está intimamente ligada com as torcidas de futebol, com as ações e reações do público sendo pautadas a partir de suas próprias emoções e significações do evento do qual fazem parte. Na NBA, ao contrário, o torcedor é, em geral, bem mais passivo do que ativo nesse processo, quase como um espectador de uma peça de

teatro. Acerca da passividade e do estranhamento do público diante do modus do espetáculo, Guy Debord destaca que:

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. Eis porque o espectador não se sente em casa em nenhum lado, porque o espetáculo está em toda a parte. (DEBORD, 1992, p. 35).

Nestes termos, diante da universalidade do espetáculo promovido pela NBA, o jogo de basquete entre Miami Heat e Cleveland Cavaliers acabou se tornando apenas um detalhe diante de todo o universo que havia sido construído em torno dele. Seja pelas músicas de incentivo para os torcedores ou pelas inúmeras ações de diversão e *marketing* realizadas nos intervalos da partida, o que se viu foi o foco no entretenimento voltado ao consumo dos presentes na arena. Acerca dessa questão e da atmosfera artificial criada em torno de um jogo de basquete da NBA, o jornalista David Halberstam (2013), que acompanhou de perto o processo de espetacularização e a influência cada vez maior do *marketing* no basquete norte-americano a partir do final dos anos 1970, destaca que:

Como a moda foi além da realidade, começou a haver uma sensação, em todas as cidades, do poder crescente do *marketing* dentro das organizações: em todos os ginásios, o barulho – não de fãs realmente entusiasmados, mas de um ruído artificial amplificado eletronicamente para parecer real e tentar fazer os torcedores se sentirem parte de algo maior – era ensurdecedor, como que para garantir aos fãs que, mesmo que o jogo não fosse tão bom, pelo menos eles se sentiriam como num show de rock. No mínimo, o evento era quente. (HALBERSTAM, 2013, p. 315).

A minha sensação, e creio que da maioria dos presentes na Arena da Barra naquele sábado, foi parecida com a descrita acima. A percepção não era a de estar presente em apenas um jogo de basquete, mas em um evento criado artificialmente e que possuía propósitos que iam muito além do esporte praticado dentro de quadra. O estranhamento dessa situação, que atingiu uma considerável parcela do público brasileiro⁹, foi constatado também por

⁹ Esse estranhamento ocorreu em especial com o público que, assim como eu, jamais havia participado de um evento dessa natureza. Entretanto, este foi logo dissipado, em especial pela sutileza e efetividade com que o modo impositivo de entretenimento afetava os torcedores, além da ideia corrente de que o modelo estadunidense

Halberstam em relação ao público norte-americano – especialmente o de Chicago – que presenciou a mudança oriunda da espetacularização promovida pela NBA no basquete daquele país:

Uma pessoa que fosse ao United Center esperando ver uma grande partida de basquete entre o Chicago e o Houston via muito mais do que isso – ou muito menos. Era como se os arquitetos do novo basquete não acreditassem que os novos torcedores, diferentemente daqueles que frequentavam o antigo Chicago Stadium, achassem os jogos muito divertidos. Com a música tocando num volume ensurdecedor, cada vez mais brincadeiras idiotas eram exibidas, seja no telão, seja na quadra, enquanto os jogadores aguardavam nos vestiários. Na quadra aconteciam corridas de velocípede entre crianças de dois ou três anos, acrobatas atiravam camisetas para a plateia, ou torcedores eram vendados e girados até ficarem completamente tontos e depois tentavam arremessos para ganhar prêmios. Nos intervalos, garotas jovens e com roupas provocativas faziam números com forte apelo sexual. O telão exibia cenas de concursos de canto entre torcedores que absolutamente não sabiam cantar, além de outros igualmente interessantes, como corridas eletrônicas com um *doughnut*, um pão e uma torta de queijo. O telão era o símbolo do crescente narcisismo da sociedade: Bob Ryan, do *Globe*, impressionado com o fato de a torcida ter deixado o ginásio num jogo entre Boston e Atlanta antes do final do jogo, disse certa vez que muitos dos torcedores modernos estavam mais preocupados em se verem no telão do que em assistir à partida. O mais impressionante, segundo ele, era que essas promoções banais e intermináveis não aconteciam apenas em jogos da temporada normal e entre os times menores, mas inclusive em jogos das finais. (HALBERSTAM, 2013, p. 315).

As ações da liga nesse sentido, que ocorreram na partida entre Cleveland e Heat, envolveram *shows* de enterradas em cama elástica, atividades incentivando a participação do público que aparecia no telão do ginásio (como a famigerada “câmera do beijo”), desafio de habilidades no basquete para crianças e adultos, apresentação das *cheerleaders* e das mascotes das equipes, intervenções do DJ e outras diversas atividades promovidas por patrocinadores e que davam ao vencedor determinados prêmios e brindes. Não houve sequer uma pausa na partida que ficou sem alguma atividade de entretenimento para o público. A organização, nesse sentido, foi impecável e altamente eficiente para atingir seus propósitos.

Durante o intervalo, aconteceram mais ações da NBA nesse sentido, como a apresentação para o público de ex-jogadores consagrados da liga norte-americana como Gary Patyon, Alonzo Morning, Pat Riley e Steve Smith. O intuito ali era valorizar a história vitoriosa daqueles atletas e da própria NBA, e o público brasileiro, apesar de notadamente

desconhecerem os feitos de alguns daqueles ex-atletas, os saudaram bastante. Ademais, houve também uma homenagem realizada pela NBA Brasil ao narrador Luciano do Vale, falecido meses antes da partida e que havia sido o primeiro âncora das transmissões da liga norte-americana no país. Familiares do locutor receberam do presidente de operações da NBA no Brasil, Arnon de Melo, filho do ex-presidente Fernando Collor de Melo, uma placa de condecoração pelos serviços prestados à liga além de uma intensa salva de palmas do público.

Após o intervalo da partida, o jogo recomeçou sem muita intensidade de ambos os lados. Não que o primeiro tempo houvesse sido muito diferente, mas a passividade com que os principais nomes da partida estavam encarando o jogo começou a incomodar vários torcedores que estavam próximos a mim na arquibancada. Essa situação se agravou ainda mais quando, a partir da metade do terceiro quarto, os principais jogadores sentaram no banco e passaram a ser poupados. Entre eles estava o pivô brasileiro Anderson Varejão, que fazia boa partida e destoava dos demais atletas pela intensidade com que estava atuando. Como consequência, a torcida, durante dois momentos distintos, entoou um coro com seu nome, visando assim incentivar o treinador da equipe a colocá-lo novamente em quadra. Entretanto as iniciativas do público não surtiram efeito, e o máximo que Varejão fazia para retribuir a ação dos torcedores era se levantar, estender os braços e agradecer, meio constrangido, aos presentes. Essa situação evidenciou ainda mais o modo passivo como o torcedor era encarado pelos agentes do espetáculo.

Em geral, a partida foi bastante morna, com os Cavaliers abrindo uma vantagem confortável no placar e que se manteve até o início do último quarto. Entretanto, os reservas demonstraram bem mais vontade de atuar do que os titulares – pois aquela era uma oportunidade singular para estes jogadores mostrarem serviço ao técnico e com isso garantirem um contrato para a temporada –, animando o público e proporcionando aos espectadores, ao menos no último quarto de jogo, uma partida minimamente disputada e competitiva. Entretanto, curiosamente, algumas pessoas próximas a mim comentavam que até os jogos do Novo Basquete Brasil, notadamente desdenhados pelos fãs brasileiros da NBA por conta de seu baixo nível técnico em comparação ao basquete norte-americano, eram mais disputados do que a partida que estavam assistindo.

Em face ao exposto aqui, é possível apontar que o evento focou o entretenimento acima de tudo, fazendo com que a partida de basquete disputada dentro de quadra fosse apenas um dos elementos que caracterizavam todo o espetáculo. Por mais que o jogo tenha ficado bem aquém do esperado, as inúmeras atividades que envolveram o evento acabaram por amenizar o baixo nível técnico do jogo e fizeram com que o público saísse bastante

satisfeito com o que presenciou naquele sábado. Da minha parte, foi uma experiência bastante enriquecedora, em especial no que tange a compreensão de alguns dos elementos constitutivos do espetáculo esportivo no mundo contemporâneo. Com seu *modus operandi*, a vultosa liga norte-americana ocupa uma posição de destaque nesse cenário, sendo a forma como a mesma lida com seu “produto” o modelo a ser seguido pelos dirigentes esportivos tanto do basquete quanto de outras modalidades. Não por acaso, a NBA é conhecida entre os fãs, e ratificada por seu maior astro, LeBron James, como a *National Business Association* (em tradução livre, Associação Nacional de Negócios) (LEISTER FILHO, 2015).

4.2 A QUADRA COMO TRABALHO DE CAMPO: REFLEXÕES ANTROPOLÓGICAS NA CAPITAL DO BASQUETEBOL BRASILEIRO

Localizada no nordeste do estado de São Paulo, próximo à divisa com Minas Gerais, Franca é conhecida como a capital nacional do basquete. Entre outros motivos, a cidade interiorana recebeu essa alcunha por conta de sua longa tradição na modalidade e, embora não tenha sido o primeiro local onde o esporte foi praticado no país, é possível afirmar que em nenhuma outra cidade do Brasil o esporte da bola ao cesto tenha tanta importância quanto no município.

Os primeiros registros da prática da modalidade na cidade datam o ano de 1908, quando o jornal Cidade da Franca, em sua edição n. 403, divulgou a programação de um evento que ocorreria na cidade e que, dentre outras atividades, contaria com um “Match de Basket-ball por alunos do grupo escolar” (FRANCA BASQUETEBOL CLUBE, 2015). Em 1913 surge a Escola Francana de Cultura Phisica, que encerrou suas atividades relacionadas ao basquete em 1918 para dar origem ao Clube Atlético Franca, de onde surge o primeiro técnico da modalidade na cidade, o até então professor de matemática David Carneiro Ewbank.

A modalidade passa a ganhar mais espaço na cidade no final da década de 1920, a partir da reabertura da Escola Francana de Cultura Phisica, onde a prática da modalidade era difundida nas aulas de Educação Física. Nesse momento surge também a figura de José Cyrino Goulart, grande incentivador da modalidade e o primeiro treinador de basquete da cidade, e de outros entusiastas do esporte como Juca Vilhena, Alfredo Henrique Costa e Oscar Paulito (HUNGER et al., 2013).

A partir disso, o basquete passa a ser praticado por mais pessoas na cidade e começa a surgir uma série de clubes onde a prática da modalidade era realizada. Conseqüentemente ao

crescimento do esporte no município, é fundada em 1931 a Liga Francana de Cestobol, o primeiro campeonato de basquete da cidade e que teve o Clube Athletico Rio Branco como campeão (HUNGER et al., 2013). Na sequência, em 1936, Franca participa da primeira edição dos Jogos Abertos do Interior, disputado na cidade de Monte Alto e que além da equipe da casa contou com a presença de times das cidades de Olímpia, Uberlândia, Casa Branca, Piracicaba e de Franca, que terminou o campeonato em terceiro lugar, conquistando a taça Folha da Manhã (GOMES, 2002).

O terceiro lugar nos Jogos Abertos do Interior de 1936 foi o estopim para que o basquete continuasse sua trajetória de crescimento na cidade no final da década de 1930 e durante toda a década seguinte. Acerca da importância desse momento para a trajetória da modalidade em Franca, vale destacar que:

A partir dessa conquista, o bola ao cesto nunca mais parou, mesmo ficando mais entre amigos dentro da cidade e se apresentando em amistosos na região. Mesmo no período da 2ª Guerra Mundial, o gosto pelo basquete continuou a ser cultivado, principalmente pelos filhos dos pioneiros dos anos 30. Em 1939, a Associação Atlética Francana transformou a quadra de saibro de tênis em uma quadra de basquete, e a equipe da Profissional passou a treinar lá. Outro forte reduto do esporte na cidade eram as escolas. Em 1942, no Campeonato Colegial realizado no Pacaembu, em São Paulo, Franca foi representada pela Escola Normal e se sagrou vice-campeã. Dois anos depois, um torneio intermunicipal reuniu as equipes do Tiro de Guerra, da A. A. Francana, da Escola Profissional, do Colégio Champagnat e do Instituto de Educação Torquato Caleiro (IETC), que com o grande incentivo do professor Artur Ewbank, acabou sendo o campeão. E foi nesse ritmo lento que o esporte prosseguiu na cidade até que a vinda de um certo homem para Franca em 1951 trouxe uma nova visão. Juca Vilhena define esse momento histórico: ‘Pedroca trouxe o basquete para Franca. Acabou o bola ao cesto’. (GOMES, 2002, p. 28).

A chegada de Pedro Morila Fuentes, o “Pedroca”, mudou para sempre a história do basquetebol em Franca. Grande incentivador da modalidade na cidade, o recém-formado educador físico pela Universidade de São Paulo chega a Franca em 1951, sob a influência de Arthur Ewbank e Vitório Bartocci, para dar aulas de Educação Física no IETC. Desenvolvendo metodologias inovadoras de treinamento da modalidade para época, Pedroca transformou a quadra de cimento descoberta no fundo da escola no principal reduto de basquetebol do município, formando equipes e levando-as para atuar contra adversários de outras cidades de São Paulo.

O aumento do interesse dos jovens da cidade pelo basquete, juntamente com os esforços do professor Pedroca, fez com que o IETC ficasse pequeno para a crescente paixão

dos francanos pela modalidade, criando assim a base para a fundação, em 1953, do Clube dos Bagres, local que até o ano de 1971 foi o principal reduto da modalidade na cidade. Pedroca transformou o local em uma verdadeira academia de basquete que passou, a partir de 1961, a representar a cidade nos torneios do esporte organizados pela Federação Paulista de Basquetebol. Acerca do aporte do clube à modalidade na cidade, é válido destacar que, conforme aponta Gomes (2002, p. 58):

O apoio do Clube dos Bagres na verdade se limitava em emprestar a estrutura física e o nome do clube para ser inscrito na Federação. Financeiramente, a equipe dependia de campanhas entre os sócios do clube, rifas, ajuda das empresas de calçados e renda dos jogos. Na verdade, todos que viveram o basquete daquela época mais de perto sabem que a grande retaguarda financeira era o Sr. Juca Vilhena. Sempre quieto, Vilhena nunca gostou de falar disso. Agora, aos 86 anos, assume timidamente que algumas vezes tirou dinheiro do bolso, mas ressalva que não foi só ele.

De acordo com Sérgio Aleixo de Paula, professor que possui o maior acervo histórico e estatístico sobre o basquete da cidade, o Clube dos Bagres disputou o total de 294 jogos, sendo 225 vitórias e 69 derrotas no período de 1961 a 1971 – ano em que o então presidente da entidade encerra as atividades de basquete no local – e conquistando 37 títulos (HUNGER et al., 2013). É nesse período que Franca começa a emergir no cenário nacional da modalidade, conquistando títulos de expressão como o Campeonato Paulista do Interior por sete anos consecutivos (de 1961 a 1968), o vice-campeonato Paulista em 1964, 1970 e 1971 e o título da Taça Brasil de 1971, a principal competição de basquete no Brasil naquele período. É neste momento que surge também a figura do então armador Hélio Rubens, o primeiro jogador de Franca convocado para a Seleção Brasileira e que fez parte do elenco que foi vice-campeão Mundial em 1970, na Iugoslávia, juntamente com seus irmãos Toto e Fransérgio (GOMES, 2002).

O encerramento das atividades basquetebolísticas no Clube dos Bagres ocorreu em decorrência de questões políticas, uma vez que o grupo político encabeçado por Juca Vilhena deixou a direção do clube, e os novos diretores consideravam os custos do basquete muito altos para o orçamento do clube (GOMES, 2002). Assim, o basquetebol da cidade foi obrigado a passar por uma reformulação, começando a ser gerenciado pela Indústria de Calçados Emmanuel. A parceria perdurou até o ano de 1974, quando a referida empresa sofreu falência, forçando a equipe de basquete da cidade a passar por uma nova reformulação

em suas atividades. Desta forma, o time começa a ser patrocinado pela Amazonas Produtos para Calçados, mudando sua alcunha para Esporte Clube Amazonas Franca.

A parceria entre o basquete francano e a Amazonas durou apenas dois anos, mas foi o suficiente para a equipe ganhar seus principais títulos até aquele momento. Contando com uma grande equipe, Franca foi campeã Paulista, Brasileira, Sul-Americana e vice-campeã Mundial Interclubes, na Itália, além de representar a Seleção Brasileira em diversas ocasiões em torneios internacionais. No total, foram 125 vitórias e apenas 17 derrotas da equipe no período (PEREIRA, 2014).

Entretanto, divergências político-administrativas encerraram precocemente a parceria entre a Indústria Amazonas e o basquete de Franca, que voltou a ser administrado pela Associação Atlética Francana. Já se constituindo como uma das principais forças do basquete brasileiro e sul-americano, a equipe repetiu o feito da administração anterior e foi novamente campeã Paulista, Brasileira, Sul-Americana e vice-campeã Mundial. Entre 1973 e 1980, a equipe foi quatro vezes campeã Paulista (1973, 1975, 1976, 1977), Bicampeã brasileira (1974 e 1975), Tetracampeã Sul-Americana (1974, 1975, 1977 e 1980) e vice Mundial em duas oportunidades (1975 e 1980). O período destacado acima marca o auge do basquetebol francano.

O basquetebol segue sob a administração da A. A. Francana até o ano de 1984, quando divergências políticas e uma crise administrativa no esporte da associação ocasionaram a separação do basquete do restante do clube e a fundação da Associação Francana de Basquetebol. A associação trouxe vários patrocinadores, como a Power, Scopus e Ravelli, e contou com a direção técnica de Hélio Rubens, que sucedeu Pedroca na direção técnica do time (GOMES, 2002)

Em 1989, visando melhorar a estrutura do basquete de Franca, a firma de calçados Ravelli assume administrativamente a equipe juntamente com o copatrocínio da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), que auxiliou no equilíbrio das finanças da equipe e fez com que Franca retomasse o caminho dos títulos. No curto período de vigência da parceria Franca/Ravelli a equipe se sagrou bicampeã do Campeonato Paulista (1990 e 1992), das duas primeiras edições do Campeonato Nacional de Basquetebol Masculino (1990 e 1991) e do Sul-Americano de clubes (1990 e 1991) (GOMES, 2002).

Mas, apesar dos títulos, conflitos de interesse entre a patrocinadora Ravelli e o departamento de basquetebol fizeram com que a parceria se encerrasse no ano de 1992. Em decorrência desse imbróglio, surgiram dois times de basquete em Franca nesse período:

Em 1992, a Ravelli entrou em conflito com o departamento de basquetebol e a parceria foi finalizada. A crise desta vez partiu o basquete francano. Descontentes, um grupo de ex-jogadores formou um segundo time de basquete na cidade, o Dharma Yara, que dividiu a torcida francana. Tal rivalidade se manteve até 1997, quando o patrocinador Dharma deixou a equipe do Yara, e esta se transferiu para a cidade de Ribeirão Preto, formando o núcleo que montou a equipe do COC/Ribeirão Preto. Entre 1994 e 1996 foram dois representantes na Liga Nacional: Dharma Yara e Sabesp/Franca. Na Liga de 95, o Dharma Yara sagrou-se vice-campeão nacional, tendo sido o Sabesp/Franca semi-finalista no torneio. Franca tinha duas das quatro melhores equipes do país naquele ano. (PEREIRA, 2014, p. 189).

O término da parceria com a Ravelli acarretou também a criação, em 1992, do Franca Basquetebol Clube, originário de um grupo de esportistas e ex-jogadores que decidiram assumir o basquete da cidade, criando um clube independente e dedicado exclusivamente à modalidade. Desde então, o clube vem adotando uma série de “nomes-fantasia” conforme os contratos com patrocinadores e dando sequência na estrutura da modalidade que perdura desde a época do Clube dos Bagres até o tempo presente. Com essa composição, Franca se sagrou campeão Paulista em 1997, 2000, 2006 e 2007, além do tricampeonato Brasileiro em 1997, 1998 e 1999 e do Pan-Americano de Clubes em 1993, 1994, 1997 e 1999.

Em linhas gerais, mediante ao exposto é possível compreender um pouco da centenária história do basquetebol na cidade de Franca. A esse respeito, o processo de estruturação da modalidade na cidade é reflexo de um tipo de desenvolvimento esportivo ocorrido em algumas cidades de médio porte de determinadas regiões do país, principalmente no Estado de São Paulo. Deste modo, conforme ressalta Gaudin (2007, p. 55):

O basquete nos leva, assim, a um Brasil um pouco diferente dos estereótipos tradicionais; ao Brasil do Sul da Federação: um Brasil desenvolvido, industrializado, com numerosos descendentes de imigrantes europeus. Nas cidades de médio porte dessa região relativamente rica, a vida esportiva local é estruturada e organizada principalmente por clubes; esses clubes sociais cujo modelo é o *social club* britânico, importado no fim do século XIX. No Brasil, os poderes públicos nunca construíram muitas instalações esportivas, salvo a exceção notável dos grandes estádios de futebol. Os *playgrounds* de basquete, assim como as piscinas e os ginásios só existem nos recintos dos clubes privados, fechados às categorias populares. São esses clubes que estruturam e organizam a prática do basquete, geralmente com o apoio de empresários que, quase sempre, são também sócios do clube. Vínculos de sociabilidade se tecem também com as antenas locais do *Lions Club* e do *Rotary*, que dividem, frequentemente, sua sede social com o principal clube esportivo da cidade. Os contatos entre os empresários locais e os dirigentes esportivos são importantes, o que, historicamente, facilitou o financiamento privado e a profissionalização dos jogadores.

Como pode se ver, o incentivo – inclusive financeiro – de pessoas ligadas ao basquete na cidade e empresas locais, especialmente do segmento calçadista, é uma constante durante todo a trajetória da modalidade em Franca. Ainda sobre essa questão, complementando sua argumentação, Gaudin (2007, p. 55) afirma que, para essas empresas que investem em clubes locais:

[...] a equipe de basquete da cidade simboliza a prosperidade da empresa, tanto quanto seu enraizamento local. Um orgulho local, um ‘bairrismo’ que se desenvolveu nessas cidades de médio porte, por exemplo, Catanduva, Ponte Preta [sic], Franca, Presidente Prudente ou Jundiá. O basquete veicula, muito bem, uma dimensão de modernidade, de desenvolvimento, de ‘primeiro mundo’ como dizem os brasileiros, graças à sua imagem de esporte ‘não-popular’, ou seja, não praticado pelos pobres (em comparação com o futebol). Nesse sentido, o basquete aparece como um esporte ‘de primeiro mundo’; um esporte da modernidade e da urbanidade, que não se vê jogar em terrenos baldios nem nas praias, mas, em clubes e em salas especialmente concebidas para sua prática. (GAUDIN, 2007, p. 55).

Tendo se desenvolvido principalmente a partir do empenho de entusiastas da modalidade na cidade e pelo investimento de empresas locais, o basquete em Franca acabou por possuir uma conotação diferente das demais cidades no país. Afinal, a partir dessa trajetória acidentada e marcada por recomeços, conquistas e esforços de figuras ilustres da cidade, o esporte da bola ao cesto se tornou a principal modalidade esportiva da cidade, projetando-a nacionalmente e internacionalmente e passando a se constituir como um símbolo cultural importante para os francanos, que reconhecem nesse esporte um condicionador de suas identidades enquanto munícipes – a ponto do principal símbolo cívico da cidade, a bandeira municipal, ter uma bola de basquete.

Assim, tornou-se inevitável que Franca fosse a escolhida para essa parte do trabalho de campo, que consiste em verificar e vivenciar alguns aspectos do modo como a equipe estrutura um jogo oficial do Novo Basquete Brasil e o que representa uma partida desse esporte para o reconhecidamente apaixonado público francano. Conjuntamente, intenta-se buscar subsídios para compreender algumas diferenças entre o “modelo” de basquetebol-espetáculo difundido pela NBA e apresentado no subcapítulo anterior, com o que é produzido especificamente em Franca, cidade que abriga o mais tradicional clube de basquete do país.

Desta forma, saí da minha cidade natal, Ribeirão Preto, em direção à Franca na manhã do dia 28 de novembro de 2015, para acompanhar o duelo da equipe da cidade contra o

Caxias do Sul, campeão da Liga Ouro de 2015 – o torneio de acesso para o NBB – e, conseqüentemente, estreante na oitava edição do principal torneio de basquetebol do país. Esta seria a primeira vez que assistiria a uma partida da equipe no ginásio poliesportivo “Pedro Morilla Fuentes” (Pedrocão) válido pelo referido torneio. Entretanto, quando mais jovem era comum para mim assistir a jogos de Franca pelo então campeonato Nacional de Basquete Masculino e campeonato Paulista e a frequentar o ginásio francano para enfrentar a equipe da cidade em torneios das categorias de base promovidos pela Federação Paulista de Basquete.

Mas antes de ir para o ginásio acompanhar a partida, resolvi seguir a sugestão de um colega francano e almoçar em um tradicional restaurante da cidade, conhecido, sobretudo, por conta de um prato que teria sido criado pelo ex-presidente da República Juscelino Kubitschek e por possuir, em sua decoração, uma série de quadros com fotografias, recortes de jornal e toda sorte de memorabilia que remetem à trajetória do basquete francano. Embora segundo o dono do estabelecimento, o ex-jogador Marcos Aurélio de Melo Magrin, o Piu, costumava haver mais itens relacionados com a modalidade no local, ainda há ali uma série de registros de algumas das primeiras equipes de basquete da cidade, que datam da primeira metade do século XX (LENDA..., 2010). O apreço pela história da modalidade em Franca foi algo recorrente em minha rápida conversa com ele, que lamentou o estado de abandono em que se encontra o Clube dos Bagres e ressaltou a necessidade de um maior zelo com a memória do basquetebol na cidade.

Após essa parada, me dirigi ao ginásio Pedrocão para efetuar o credenciamento e acompanhar a partida. A esse respeito, é válido destacar que, ao contrário do que ocorreu quando tive o credenciamento negado para a partida do *NBA Global Games*, a assessoria de imprensa do Franca foi bastante solícita e amigável quando realizei o pedido, que foi prontamente atendido. Com credencial em mãos, decidi então conhecer melhor a sala de troféus do clube e o entorno do ginásio de esportes da cidade antes da partida começar.

Apesar de acanhada – vale destacar que parte da memorabilia do local estava cedida a uma exposição –, a sala de troféus do clube possui um acervo considerável, o que reforça a rica história na modalidade que a equipe possui. Já o complexo que abriga o ginásio Pedrocão conta com quatro quadras poliesportivas, todas abertas à comunidade e que no dia estavam cheias. Era uma quadra exclusiva para basquete, outra para futebol, vôlei e peteca. No entorno do ginásio há também uma pista de atletismo e caminhada, onde a comunidade francana pode se exercitar, além de pista de ciclismo e piscina coberta.



Figura 6 – Parte da área externa do ginásio poliesportivo “Pedro Morilla Fuentes” (Pedrocão). Fonte: o autor (2015).

Segundo alguns frequentadores do local, Franca conta com algumas outras quadras poliesportivas espalhadas pela cidade, o que acaba por incentivar a prática esportiva comunitária e garante uma maior socialização daqueles que frequentam estes locais. A esse respeito, Gomes (2002) destaca que, na década de 1990, foram instaladas cerca de 150 tabelas de basquete importadas dos Estados Unidos, de fibra de vidro, nas ruas da cidade. Em um país como o Brasil, que carece de uma cultura esportiva inclusiva e de locais com infraestrutura adequada para a prática esportiva – seja ela de alto rendimento ou voltada apenas ao lazer e condicionamento físico –, a infraestrutura do complexo poliesportivo da cidade se constitui como um local de sociabilidade importante para a comunidade francana, que tanto pode frequentar o local para se exercitar quanto para acompanhar a prática do basquetebol – e outras modalidades – de alto rendimento.

Ainda na parte externa do ginásio, outra situação no mínimo inusitada me chamou bastante atenção. Entre os carros estacionados para acompanhar a partida havia um Fusca de um torcedor da equipe totalmente personalizado no formato de uma bola de basquete. Apelidado sugestivamente de “Fuskatball”, o carro atraiu a atenção de praticamente todos que passavam pelo local, que paravam para ver o veículo mais de perto e fotografá-lo. Este caso para mim foi bastante emblemático no que tange a capacidade que o basquete tem de atração

e mobilização dos moradores de Franca, afinal é difícil de imaginar outra cidade no país em que uma situação dessas pudesse acontecer.



Figura 7 – "Fuskatball" atrai os olhares de todos aqueles que passavam pelo local. Fonte: o autor (2015).

Ao adentrar o ginásio, a primeira coisa a se notar é o imponente placar eletrônico instalado no teto e que dá visão para todos os lados da quadra. Inaugurado em 1975, o então ginásio poliesportivo de Franca passou por uma reforma e foi reinaugurado em 1996, ampliando assim sua capacidade, de 3.500 para 8.500 mil pessoas, e sendo instalado o referido placar eletrônico, o primeiro da América Latina e que remete aos placares dos ginásios da NBA – embora pese o fato de que naquele dia ele estivesse desligado. A partir da reinauguração o local passou a se chamar “Pedro Morilla Fuentes”, em homenagem ao professor Pedroca, grande incentivador da modalidade na cidade e o primeiro treinador da equipe de Franca.

Apesar de ser um ginásio poliesportivo, a área interna do mesmo é imponente e remete, a todo instante, o basquetebol. Seja pelas lixeiras em formato de tabelas de basquete, a disposição das arquibancadas, o placar eletrônico, a sala de troféus, as faixas da torcida local, o camarote personalizado promovido por um patrocinador, as placas comemorativas no topo do ginásio destacando os anos dos principais títulos conquistados pela equipe, entre outros, o

fato é que, não por acaso, o local é conhecido pelos francanos e pela comunidade do basquete no Brasil como o “templo do basquete brasileiro”. As instalações corroboram a apreensão dos presentes de que ali é um local importante para a modalidade.



Figura 8 - Parte interna do ginásio poliesportivo Pedro Morilla Fuentes, o "Pedrocão". Fonte: o autor (2015).

Neste dia em específico o ginásio não recebeu um grande público (1.148 presentes segundo o borderô da LNB), talvez pelo fato de o jogo ter sido realizado no mesmo dia que a cidade completava 129 anos e também por ser uma partida contra uma equipe nova no certame e com pouco apelo midiático. O caso daquele ser o dia do aniversário da cidade foi algo que o locutor da partida buscou evidenciar a todo o momento, destacando que o time de basquete da cidade iria dar de “presente” a vitória naquele jogo para o público francano.

A respeito do público, foi possível verificar um clima bastante familiar e amigoso, com muitas crianças, jovens, idosos, entre outros, acompanhando a partida. Mas entre os presentes nas arquibancadas destacavam-se dois ilustres francanos: o ex-jogador e técnico Hélio Rubens e seu filho, o ex-armador Helinho. A reverência e o respeito do público presente aos dois era algo que saltava aos olhos, e ambos atenderam os fãs com bastante solicitude, tirando fotos e conversando. Este fato foi marcante quanto à importância que o torcedor francano dá para os seus ídolos e figuras históricas para a modalidade na cidade. Ainda acerca

da composição da torcida local, é válido destacar, conforme aponta Gomes (2002, p. 59-60), que:

[...] desde os tempos do IETC a comunidade francana sempre acompanhou o basquete. Era muito comum que lotasse o ginásio dos Bagres, com capacidade para 1200 pessoas. E a característica comum até hoje, é que sempre foi família. Ao contrário do futebol, em que a maioria dos torcedores são grupos de amigos, no ginásio é muito comum encontrar-se pai, mãe e filhos. ‘O basquete foi a novidade que movimentou a cidade e passou a ser o principal evento, inclusive da alta sociedade’ define o jogador Heraldo Figueiredo. (GOMES, 2002, p. 59-60).

Antes de o jogo começar, houve a apresentação dos jogadores, que seguiu o modelo difundido globalmente pela NBA – onde os jogadores ficam perfilados e vão entrando em quadra conforme o narrador da partida vai anunciando o nome dos mesmos, e a reprodução do hino nacional brasileiro. Após isso o narrador apresentou também os patrocinadores da equipe, algo que foi recorrente durante toda a partida, visando com isso valorizar as empresas que investem na equipe da cidade e a apoiam.

Além do apresentador, o sistema de som contava também com um DJ, que ficou na parte superior do ginásio e tocou uma série de músicas antes do jogo começar, em sua grande maioria sendo *hip-hop* estadunidense, o gênero musical que possui maior identificação entre os fãs da modalidade. A esse respeito, vale destacar que, ao contrário do jogo da NBA no Brasil, não havia a reprodução de músicas durante o jogo e nenhum tipo de *jingle* como os utilizados pela liga norte-americana para motivar e convocar a torcida para participar do jogo.

A torcida, por sua vez, foi a responsável por produzir os seus cânticos e a entoá-los durante a partida. Ainda que pese o fato de que durante o aquecimento e preparação para o jogo começar a torcida parecia bastante discreta, instantes antes de a bola subir os torcedores entoaram um coro de “prepara para torcer” e, a partir de então, a postura dos presentes mudou bastante.

Embora neste dia o ginásio não recebesse um grande público, não consegui avistar a presença de uma torcida organizada nas arquibancadas. Havia bandeiras da torcida Franca Loucura dispostas pelo ginásio, em sua grande maioria com frases de incentivo típicas das torcidas de futebol, como “Franca jogai por nós”, “jogador nº 6”, “caiu no templo só lamento” e “para cima deles”. Entretanto, ao contrário do que ocorre em geral no futebol – quando a organizada ocupa um local específico da arquibancada e rege os cânticos de incentivo à equipe –, neste caso em particular as palavras de estímulo ao time vinham de pontos

descentralizados da arquibancada e eram entoadas espontaneamente pelos presentes conforme o ritmo da partida.

Sobre essa questão, é importante destacar que, a partir da observação realizada aqui, foi possível verificar que a torcida francana possui um modo de agir e acompanhar sua equipe que difere da maneira como, em geral, o público da NBA acompanha suas equipes e isso se estende até mesmo aos torcedores de futebol. Embora tenha influências das torcidas de futebol – como as bandeiras e alguns cânticos –, a torcida presente no ginásio demonstrava um conhecimento do jogo que destoava muito do que eu já havia visto até então em um jogo de basquete. Quanto a constituição da torcida francana, é válido ressaltar, de acordo com Gomes (2002, p. 155), que:

A torcida francana foi sendo construída ao longo do tempo e sente que construiu junto com os jogadores a história da equipe. Assim como no futebol, torcer para Franca é algo que vem sendo passado adiante há três, quatro gerações e isso cria uma ligação muito forte. É muito comum ver avós no Pedrocão, levando e ensinando meninos pequenos sobre as particularidades que tornam o basquete um esporte tão apaixonante. Com três ou quatro anos, a criança já é levada ao ginásio e ganha uma bola de basquete. Começa a jogar na escola, se entusiasma, entra em uma escolinha de basquete e o vínculo já está formado. Com o aprendizado dos fundamentos e o contato com a regra, o grupo de crianças e jovens se transforma em uma torcida diferenciada que sabe realmente o que está acontecendo em quadra.

A partir do início da partida o público francano passou a “jogar junto” com o time, aplaudindo toda jogada certa e exprimindo palavras de insatisfação a cada lance errado. Ademais, qualquer jogada tida como polêmica ou mesmo uma decisão questionável da arbitragem era o estopim para inflar a torcida, que passava imediatamente a perseguir os envolvidos no incidente durante toda a sequência da partida. Mas ao contrário do que ocorre em geral nos esportes, quando a torcida lança mão desse tipo de método para pressionar a arbitragem, neste caso a torcida demonstrava um conhecimento incomum sobre a modalidade, gesticulando e comentando acerca das jogadas, regras e outros desdobramentos técnicos próprios do basquete, além de parecer conhecer o nome de todos os jogadores da sua equipe e também do adversário. Além disso, cheguei até mesmo a avistar torcedores acompanhando as estatísticas *online* da partida no site oficial da Liga Nacional de Basquete pelo telefone celular.

Outra nota a respeito da torcida refere-se à vestimenta utilizada por grande parte do público presente no ginásio, composta majoritariamente por camisas do time da cidade.

Poucas pessoas trajavam camisas de equipes da NBA e mesmo de futebol. Sobre isso, é válido destacar que existe um espaço anexo à sala de troféus do ginásio Pedrocão onde a equipe comercializa alguns produtos licenciados, como camisas e calções, da equipe.

Acerca das atividades desenvolvidas no decorrer da partida, voltadas ao entretenimento do público, é válido destacar que, diferentemente do que ocorre na NBA, onde cada pedido de tempo ou intervalo da partida é preenchido com atividades, músicas e brincadeiras para entreter os espectadores, em geral voltados ao consumo, neste caso as atividades desenvolvidas pela equipe francana se concentravam apenas nos intervalos entre os quartos e durante o intervalo de jogo, sendo em sua maioria atividades de cunho lúdico.

Dentre as atividades, houve no intervalo do primeiro para o segundo quarto de jogo uma brincadeira denominada “bolichebol”, onde duas crianças ficavam em cada lado da quadra e ganhava quem acertasse e derrubasse primeiro com uma bola de basquete três cones espalhados pela quadra adversária e, na sequência, fizesse uma cesta na tabela adversária. Como prêmio, os vencedores ganharam uma bola de basquete.

Já no intervalo da partida houve a tradicional dança das cadeiras, com crianças e jovens andando ao redor de um determinado número de assentos – menor do que o de participantes, onde ganha quem conseguir sentar na última cadeira. Sobre isso, vale destacar que haviam alguns “infiltrados” na brincadeira e que, pela diferença de idade, acabavam levando grande vantagem. Diante disso, parte da torcida considerou injusta a situação para os mais jovens e, a partir disso, passaram a torcer pelos menores e a variar reiteradamente os intrusos na brincadeira, vibrando quando os competidores mais velhos foram eliminados da brincadeira. Ao final, o vencedor recebeu um brinde.

Por fim, na pausa do terceiro para o último período de jogo houve um jogo de perguntas e respostas patrocinado por uma empresa local e que contou com três sócios torcedores da equipe, que deveriam responder um determinado número de perguntas sobre aspectos históricos e atuais sobre o basquete da cidade (como qual seria o próximo adversário da equipe, a capacidade total de público do ginásio Pedrocão, qual o nome do jogador que usava determinado número no uniforme, entre outros). Ao final, os participantes acertaram todas as questões e receberam um brinde da equipe como recompensa.

Os intervalos e paradas técnicas eram preenchidos também com músicas e pelas intervenções do apresentador da partida, que durante várias ocasiões aproveitou o espaço para divulgar os patrocinadores da equipe, a data comemorativa de aniversário da cidade e os jogos das categorias de base (sub-12 e sub-13) que iriam ocorrer no dia seguinte no ginásio, convidando a torcida para acompanhar e prestigiar “o futuro do basquetebol francano”.

Ainda sobre a partida, os momentos finais do tempo regulamentar, que terminou com o placar empatado – Franca igualou o marcador no último segundo do jogo – e, conseqüentemente, indo para a prorrogação, fez com que a torcida se animasse ainda mais e passasse a acompanhar o mesmo com mais atenção, “jogando” junto com a equipe local e vaiando o adversário a todo instante.

Pela observação dos aspectos analisados aqui acerca da relação entre o esporte e a sociedade francana, foi possível verificar que, para essa população, o basquetebol se constitui como uma forma de expressão e prática social cotidiana importante. A partir disso, uma partida da modalidade na cidade emerge como um ritual que auxilia na construção da identidade social dos francanos, de modo que:

[...] na sociedade industrial, individualista e moderna, o ritual tende a criar o momento coletivo, fazendo sucumbir o individual e o regional no coletivo e no nacional. Daí as comemorações e, sobretudo, os ritos esportivos, em que a dialética da competição individualista acaba por formar uma totalidade englobada por quem sai vitorioso. [...] O ritual, então, é, entre outras coisas, um instrumento privilegiado para expressar a enfeixar totalidade. (DAMATTA, 1997, p. 33).

Nesse sentido, é possível compreender o ritual como um momento onde as individualidades são suprimidas em prol dos anseios coletivos, de modo que, a partir disso, a sociedade passa a exprimir seus desejos, dramas, aspirações e valores de maneira mais vívida. Ademais, o esporte também se apresenta nesse contexto como um estímulo à criatividade e à emoção, a partir da noção de que:

O desporto, tal como outras atividades de lazer no seu quadro específico, pode evocar através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do stress. O quadro do desporto, como o de muitas outras actividades de lazer, destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitação de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito libertador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo – ou desespero. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 79).

Deste modo, é possível compreender que, para a comunidade francana, frequentar as partidas de basquetebol da equipe local em seu tempo livre é uma forma de buscar a

satisfação por meio do lazer, neste caso específico não a partir da compensação de tensões, mas sim por meio da produção de novas tensões e excitações coletivos relativos aos desdobramentos de uma partida da modalidade, promovendo assim um “descontrole controlado” das emoções por meio deste esporte. Desse modo, o basquetebol se configura como uma prática social importante dentro das relações sociais que configuram a sociedade francana.

Ao término da partida, que teve Franca como vencedor pelo placar de 86 a 82, foi tocado o hino da equipe de basquete da cidade e a quadra aberta para que as crianças pudessem adentrar o local para se entreterem e tentarem alguns arremessos, contribuindo para a socialização das novas gerações com a modalidade e também com aquele espaço. Desta forma, é possível inferir que o basquete para os francanos constitui um *habitus* socialmente compartilhado pela comunidade, que mais do que ir ao ginásio para “consumir um produto”, ou uma experiência de entretenimento, frequentam os jogos da equipe local como forma de vivenciarem experiências únicas de sociabilidade. Nas palavras de Bourdieu (2007, p. 191), o *habitus* se caracteriza como “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. Nestes termos, mais do que apenas um objeto de consumo voltado ao entretenimento local, o basquetebol é de fato um patrimônio da cidade de seus moradores, que identificam neste esporte um condicionante importante de suas identidades de francanos e se orgulham dos feitos da equipe, de suas conquistas e sua história.

Por fim, também foi possível constatar, com base no que foi apresentado aqui, que há uma grande distância entre o modelo de esporte-espetáculo difundido pela NBA e o produzido especificamente pela equipe francana, principalmente no que se refere às ações de *marketing* e entretenimento que permeiam o jogo em si, embora haja o interesse em agregar algumas situações existentes no modelo estadunidense à realidade brasileira. Entretanto existem diferenças significativas entre o que representa uma partida de basquetebol para a cidade de Franca e o modelo de espetacularização promovido pela liga norte-americana, de modo que é necessário buscar formas de promover a disseminação da modalidade à luz de características específicas do basquete nacional, contribuindo assim para fomentar uma cultura própria do basquetebol no Brasil.

4.3 ESPETACULARIZAÇÃO E MASSIFICAÇÃO DO ESPORTE NO BRASIL: UM DEBATE NECESSÁRIO

Por meio da observação de alguns aspectos analisados neste capítulo, é possível verificar que os dois eventos etnografados aqui, cada qual a seu modo, apresentam indícios da espetacularização do basquete no Brasil. Em face dessa realidade, o exame deste processo se mostra relevante, pois auxilia na compreensão de determinadas características do esporte na contemporaneidade, uma vez que, conforme aponta Pilatti (2006, p. 9):

O esporte é tomado como um bem cultural que, submetido a um processo de mercantilização, transformou-se em uma mercadoria; nos últimos decênios ocorreu uma associação incomensurável entre o esporte e a atividade econômica com o aporte de um crescente volume de investimentos, e a cultura corporal é interpretada de forma contígua e nos mesmos patamares do esporte no plano das atividades corporais.

Deste modo, trazer à tona algumas dessas propriedades contribui para entender o modo pelo qual os fenômenos esportivos se inserem na lógica de mercado atual. Se outrora o esporte era tido como apenas uma possibilidade de lazer e de condicionamento do corpo, no tempo presente o mesmo é tratado cada vez mais a partir de uma visão mercadológica e profissional, se constituindo como um produto a ser vendido, capaz de atrair o interesse de um grande número de pessoas e movimentando cada vez mais dinheiro.

Nesse sentido, o modelo de esporte-espetáculo difundido pela NBA é tido como a mais bem-sucedida estrutura de organização esportiva do basquete no planeta. Em decorrência disso, o exemplo da liga norte-americana é tratado por muitos como “o modelo ideal de organização empresarial do esporte a ser seguido pelos dirigentes do basquete brasileiro. Entretanto, deve-se levar em consideração as diferenças de culturas, de nível de profissionalização do esporte, de legislações e da própria entidade administrativa” (PILATTI; HIRATA, 2004, p. 6).

Partindo deste pressuposto, a partir da análise de uma partida realizada pela liga norte-americana de basquete no Brasil foi possível verificar alguns indícios do modo como a NBA busca disseminar o basquete pelo mundo. Nesse sentido, vale destacar o interesse da liga em que tudo que envolva o seu espetáculo vire notícia e, conseqüentemente, atraia cada vez mais o foco da mídia e do público sobre o seu produto. Sob esse prisma mercadológico, os atletas, mais do que as equipes e a própria liga, se tornaram o grande foco de produção de necessidades de consumo por parte da NBA. Acerca disso, Halberstain (2013) destaca que um

dos momentos chaves para a guinada nos negócios foi quando os dirigentes da liga norte-americana se viram na necessidade de fazer uma escolha irrevogável:

[...] ou eles tomavam esse caminho do esporte moderno ou sua liga perderia importância e pereceria. Passou a ser mais interessante promover os jogadores, individualmente, do que os próprios times. Uma coisa que no passado era uma maldição para os proprietários, treinadores e muitos jogadores antigos, o culto à personalidade, tornou-se, ainda que inconscientemente, a palavra de ordem nos esportes, de maneira a conquistar um número cada vez maior de torcedores. (HALBERSTAM, 2013, p. 140-141).

O culto à personalidade e a criação de ídolos são alguns dos mecanismos mais profícuos para a espetacularização e produção de valor por meio do esporte. Sob esse prisma, o atleta se torna um produto a ser vendido, tendo o seu valor medido e quantificado sob as leis de mercado – como os salários que recebe, os valores ganhos em patrocínio, o número de conquistas individuais, as estatísticas que produz dentro do jogo, entre outros. A partir disso:

[...] dá-se a integração da construção econômica do mercado com os valores relativos à atividade corporal. O atleta (profissional) exerce a função de modelo, seja do ponto de vista de valores relativos ao corpo (no sentido da personalização), seja do ponto de vista da performance (no sentido da competição), ou ainda, da perspectiva da ascensão social através do uso institucionalizado do corpo. (GIOVANNI, 2005: 175).

Dentro dessa lógica, como pôde ser verificado por meio da incursão etnográfica realizada aqui, a capacidade da figura de LeBron James em abranger todas essas categorias destacadas por Giovanni (2005) o torna um grande alvo da indústria do entretenimento, que cria uma série de necessidades de consumo a partir de sua imagem. Nesse sentido, há o interesse por parte da liga norte-americana de que tudo que envolva o basquete se torne um produto, criando assim uma relação de troca entre o público e a liga que é mediada essencialmente pelo consumo e que compreende o público da modalidade como consumidores em potencial de tudo que envolva a prática esportiva.

Ao adotar essa visão mais profissional e mercantilizada do esporte, a liga norte-americana de basquete viu o tipo de público que ia aos ginásios se transformar, de acordo com Halberstam (2013, p. 140), “de fanáticos torcedores, que eram até menos frequentes, para gente de mais dinheiro que podia pagar por camarotes luxuosos cujo interesse num time era mais casual e descompromissado com a camisa que vestiam”.

Entretanto, para que houvesse êxito nessa empreitada de atrair mais mídia e público para o basquete – uma vez que ao seguir a linha do espetáculo o esporte passa a concorrer com todas as demais formas de diversão do mundo moderno –, a NBA se viu na necessidade de investir e transformar a estrutura física dos locais que recebiam os jogos, inserindo outras atrações de entretenimento e consumo nestes espaços, os tornando centros de entretenimento multimídia, onde “pode-se assistir aos jogos, fazer compras e comer em restaurantes luxuosos” (KEARNEY, 2003, p. 37). Nestes termos:

Os ginásios teriam que ser novos, modernos e ter instalações luxuosas, além de apresentar constantemente novas atrações: ginastas e mulheres dançando na quadra e música pop o tempo todo nos alto-falantes. Gigantescos telões deveriam ficar suspensos no alto dos ginásios, de modo que o torcedor pudesse ver não só o que estava acontecendo, mas eventualmente, e talvez com maior prazer, também ver a si mesmo na televisão. Silêncios e intervalos nos novos ginásios seriam considerados coisas aborrecidas acima de tudo. (HALBERSTAM, 2013, p. 141).

Consequentemente, há uma racionalização cada vez maior de todo o aparato que envolve o espetáculo esportivo. As atividades de entretenimento que ocorrem no decorrer de uma partida, as regras de boas maneiras que devem ser seguidas ao acompanhar o *show* e torcer pela equipe – seguindo o ritmo do que é ditado pelos promotores do espetáculo –, o tipo de música que toca no ginásio, a distribuição de brindes dos patrocinadores, entre outros, observados por meio da ida a campo, são exemplos dos mecanismos utilizados pela liga norte-americana para disseminar o seu produto aos espectadores. Sob essa perspectiva, o público é visto essencialmente como um agente passivo deste processo, ou seja, como um consumidor.

Entretanto, surpreendentemente, a partir da nossa incursão etnográfica para verificar alguns aspectos do modo como a equipe do Franca Basquete estrutura seus jogos no Novo Basquete Brasil, foi possível constatar que existe um tensionamento na força da espetacularização proposta – ou imposta – por esse modelo de basquete-espetáculo apresentado pelas entidades nacionais e internacionais que regularizam a prática do esporte no Brasil e no cenário internacional. O grande arquétipo do jogo espetáculo promovido pelo basquete norte-americano parece não fazer tanto sucesso entre um público do esporte formado a partir de uma longa relação com o jogo e com o time que representa a cidade.

Para essas pessoas – e aqui nos atemos ao exemplo do público da cidade de Franca –, a relação com o esporte e sua equipe local transcende a lógica do espetáculo vinculado a um mundo do consumo dos produtos que dele derivam e se insere em um contexto mais amplo,

no qual o basquete se constitui como um elemento importante de sociabilidade para indivíduos, que o reconhecem como um condicionante de suas identidades como munícipes. Desta forma, mais do que ir ao ginásio para ter uma experiência de consumo e entretenimento mediada pelo jogo, para esse público, uma partida do time da sua cidade, que possui uma longa relação com a modalidade, pode ser entendida como um ritual onde os vínculos de sociabilidade entre a população, mediados pelo esporte, são criados e recriados cotidianamente. No caso específico do basquete em Franca, a relação de sociabilidade descrita acima pôde ser verificada no conhecimento por parte dos torcedores das regras do esporte e dos jogadores da equipe – sendo vários deles inclusive crias das categorias de base do clube –, na devoção pela equipe, no modo mais ativo e propositivo de torcer que remete às torcidas de futebol no Brasil, no apreço pelo valor histórico e cultural do basquete para a cidade, entre outros.

De todo modo, nota-se o intento por parte das entidades organizadoras do basquete no Brasil de seguirem o modelo de espetacularização alvitado pela liga norte-americana, especialmente no que tange aos procedimentos adotados na tentativa de profissionalização da modalidade no país e que abrangem a estrutura operacional da Liga Nacional de Basquete, o aparato dos espaços que recebem as partidas – como o ginásio com placar nos moldes da NBA, as placas com os títulos no teto da quadra, as atividades durante os intervalos, o tipo de música que toca nestes espaços –, a forma como se intenta disseminar a modalidade por meio de ações de *marketing* – como o Jogo das Estrelas e suas atrações, a transmissão das partidas em diferentes plataformas –, entre outros, ao ponto das ligas brasileira e norte-americana firmarem uma parceria visando desenvolver o basquete como um produto no país, almejando assim aumentar a popularidade e a prática do mesmo por meio de uma visão comercial.

Entretanto, é necessário pontuar que existem diferenças importantes no que tange à espetacularização e à massificação do esporte. A esse respeito, podemos verificar alguns aspectos dessa dicotomia ao destacar que:

O objetivo do processo de espetacularização do esporte contemporâneo é a rentabilidade e a busca por profissionalização em diferentes instancias de intervenção. Seus procedimentos e objetivos são distintos do processo de popularização da prática. Com a espetacularização um produto, as ações são direcionadas para um potencial público consumidor, ao passo que com sua popularização invariavelmente, o sentido seria a democratização da prática. (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009, p. 644).

Pontuar essa diferença se faz necessária pois, auxilia na compreensão de uma característica importante do fenômeno esportivo na contemporaneidade. Sob essa perspectiva, instaura-se uma dicotomia entre a espetacularização e a massificação do esporte, uma vez que, embora o primeiro acabe por contribuir indiretamente para o segundo, o sentido da espetacularização é a mercantilização ao passo que a massificação do esporte passa por uma estruturação que englobe toda a cadeia responsável pela formação esportiva no país, desde a escola e as categorias de base até o esporte de alto-rendimento.

Um exemplo pontual dessa condição dicotômica entre a espetacularização e a massificação do basquete no Brasil refere-se que, mesmo a modalidade sendo uma das mais televisionadas no país, sobretudo na TV a cabo – que conta com transmissões da NBA, NBB, basquete universitário norte-americano das principais ligas de clubes da Europa –, no que se tange à prática o esporte da bola ao cesto ocupa apenas a 12ª posição no ranking dos esportes mais praticados no país em 2013, com apenas 1,5% da preferência nacional, segundo dados do Diagnóstico Nacional do Esporte (BRASIL, 2015). Em consequência disso, pode-se verificar que:

Enquanto órgãos oficiais produzem política, projetos e manifestos a favor da democratização do esporte, o setor privado, com apoio dos meios de comunicação, ruma num sentido hegemônico de encarecer a prática e os produtos a ela associados a partir da criação de hábitos e necessidades vinculados ao universo esportivo. Ao mesmo tempo em que tenta direcionar para uma democratização de práticas heterogêneas, o esporte se nutre da massificação de seus produtos (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009: 642).

Criada em 2008 com a finalidade principal de organizar e administrar o principal campeonato de basquete no país, a Liga Nacional de Basquete até o presente momento vem cumprindo com esse propósito, embora haja a necessidade de um maior desenvolvimento técnico e tático das equipes de basquete no país. Afinal, dentro da lógica do espetáculo, uma das condições essenciais para que o esporte se desenvolva como um “produto” é que o jogo praticado em quadra possua um padrão de qualidade técnica elevado, tornando-se atraente para o público. Entretanto, embora seja necessário aprofundar essa questão, a realidade do basquete nacional demonstra que a parcela da modalidade que não está sob a alçada da LNB faz parte ainda de uma estrutura bastante incipiente.

Quanto a isso, é válido destacar que, apesar dos avanços decorrentes da estruturação da Liga Nacional de Basquete, uma maior profissionalização na forma como a modalidade é

gerida no país passa por uma menor dependência, por parte dos responsáveis por fomentar a prática em alto rendimento no país, do financiamento de suas atividades sendo oriundas do poder público, buscando assim um maior investimento da iniciativa privada por meio de patrocínios. Sobre essa questão, ao analisar o modo no qual uma equipe de basquete masculina profissional se organiza administrativamente, Pilatti e Hirata (2009) apontam que:

[...] o patrocínio é a maior fonte de receitas da maioria das equipes profissionais, com um agravante: muitos são oriundos de instituições públicas. O emprego de recursos públicos para apoiar o esporte profissional é um fenômeno comum no Brasil. [...] No entanto, a dependência do poder público sempre se mostrou não ser uma boa estratégia para as equipes em virtude de motivações políticas terem o poder de extinguir uma equipe esportiva, ainda que ela tenha acumulado sucessivos títulos. (PILATTI; HIRATA, 2009, p. 133-134).

Mediante o exposto, é possível verificar que essa condição não é exclusiva da forma como o basquete é gerido no país, sendo resultado do modo pelo qual o esporte-performance vem sendo conduzido no Brasil ao longo do tempo. Acerca dessa realidade, é válido ressaltar que, no país:

O Esporte-performance não é assunto do Estado nem, tampouco, negócio privado. A intervenção do Estado, como poder regulamentador, é ineficiente, burocrática e paralisante. E como investidor, suas aplicações têm sido insuficientes e mal orientadas. Dessa forma, sem investir o suficiente, o Estado regulamenta o bastante para inibir a iniciativa privada. Como os clubes são, por definição estatutária e legal, entidades sem fins lucrativos, a organização, em bases capitalistas, do nosso esporte rendimento, padece de instituições privadas capacitadas. O resultado é este hibridismo asfixiante em que se estiola o esporte nacional a provocar duas sortes de demandas contraditórias: de um lado, o apelo por mais recursos públicos para o esporte de competição; de outro, o pleito por menor interferência do Estado como poder regulamentador. (TUBINO, 1988, p. 127).

Essa dicotomia pode ser também observada por meio da trajetória de uma série de equipes que participaram do Novo Basquete Brasil ao longo de suas sete primeiras edições. Apesar do intento da Liga Nacional de Basquete em expandir a criação de franquias em regiões do país que não possuem equipes no certame, a carência de condições – como a falta de patrocínios, dependência do poder público e de estrutura – para a manutenção de equipes de fora da região Sudeste observada aqui se constitui como um entrave a ser superado pelos gestores da modalidade no país. Nesse sentido, é possível indicar outros fatores que acarretam o término das atividades de equipes profissionais da modalidade no país, como:

[...] as estratégias das empresas em assumirem patrocínios temporários, face às condições econômicas nacionais; a concorrência por melhores atletas, que elevou os salários; e também, a ‘atitude predatória’ das empresas no estabelecimento de metas que, após serem atingidas, descartavam as possibilidades de renovação do patrocínio (MOLINA NETO, 1992). Pode ser incluído neste contexto o despreparo dos dirigentes na leitura do mercado esportivo, o fim da competitividade nas competições regionais, a impossibilidade de convivência entre os clubes tradicionais e as empresas e, indissociavelmente, a concentração dos principais jogadores em poucas equipes. (BENELI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006, p. 60-61).

Sob essa perspectiva, a análise de Gitti e Bastos (2013) acerca do potencial mercantil em termos de investimento das equipes participantes da Liga de Basquete Feminino – que a partir de outubro de 2015 passou a ser organizado e gerenciado pela Liga Nacional de Basquete – demonstra um cenário semelhante ao verificado no basquete masculino, tendo a composição dos recursos destinados ao fomento e a manutenção das equipes ocorrendo:

[...] majoritariamente através de investimentos de empresas privadas e prefeituras. Esses achados nos remetem e confirmam a influência do modelo esportivo europeu na realidade brasileira, assinalada por Proni (1998), quanto à relevância da participação do Estado, no caso as prefeituras, e de empresas privadas no esporte como o pilar de sustentação dessas equipes. (GITTI; BASTOS, 2013, p. 69).

Mediante ao exposto, é possível verificar a necessidade, por parte das equipes e dos responsáveis pela modalidade no país, de subsídios públicos para fomentar a prática do basquetebol. Desta forma, é possível inferir que, apesar do intento da LNB em desenvolver o esporte da bola ao cesto no Brasil a partir do arquétipo organizacional difundido pela NBA e o esporte norte-americano, o fato é que o modelo brasileiro segue a influência em geral do arquétipo esportivo europeu, necessitando majoritariamente do investimento de recursos públicos para promover o esporte.

Por conseguinte, uma das condições para a profissionalização deste esporte no país sob a lógica do esporte-espetáculo estadunidense decorre da menor dependência de investimentos públicos, especialmente para o basquete de alto-rendimento, e da obtenção de financiamento por meio de patrocínios que garantam a autossuficiência administrativa da modalidade no país. Para isso, o basquete praticado pelas principais equipes de basquete do Brasil deve se constituir como um produto atrativo para o público, de modo a atrair possíveis investidores para a modalidade.

Ademais, é imprescindível que se criem mecanismos visando a democratização da prática esportiva no país que passem pela inserção do jovem no esporte em uma cadeia produtiva que envolva desde a escola e as categorias de base até o alto-rendimento. Deste modo, seria necessária uma força tarefa que envolva os setores público e privado visando não somente o potencial mercantil da prática esportiva, mas também a sua capacidade emancipatória e de desenvolvimento social. Para tal, o basquete brasileiro necessita buscar uma maior representatividade por meio de um modelo baseado em suas próprias características e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, a presente dissertação teve como objetivo analisar algumas características do processo de formação e estruturação da Liga Nacional de Basquete e do campeonato por ela organizado, o Novo Basquete Brasil, bem como a tentativa de espetacularização do basquete no país decorrente da proposta de profissionalizar a modalidade, seguindo o modelo difundido pelo basquete norte-americano. Nesse sentido, por meio das análises efetuadas aqui, procuramos mostrar determinadas especificidades deste processo e como elas refletem a maneira pela qual o esporte vem sendo gerido no país.

Deste modo, no primeiro capítulo, procuramos evidenciar os princípios norteadores do trabalho por meio do levantamento bibliográfico de algumas das principais vertentes dos estudos sobre esporte nas Ciências Sociais. Assim, partimos de alguns apontamentos sobre como esse campo de estudos se constituiu ao redor do mundo e os caminhos percorridos pela disciplina desde seu surgimento até sua consolidação como um objeto de análise relevante para a disciplina.

A partir disso, buscou-se analisar os desdobramentos deste processo no que tange a emergência de um ritmo nos estudos sociais sobre o esporte no Brasil, apresentando determinadas características do processo de estruturação deste campo no país, que surgiu inicialmente em torno dos trabalhos sobre o futebol para posteriormente se diversificar e abarcar outras atividades esportivas.

Nesse sentido, procuramos demonstrar a relevância de se aprofundar a análise acerca do basquetebol, uma vez que a modalidade viabiliza a compreensão e o estudo de uma série de questões pertinentes às Ciências Sociais. Para corroborar essa afirmativa, apresentou-se algumas possibilidades de análise tendo como enfoque o esporte da bola ao cesto produzidas no Brasil ao longo das últimas três décadas, bem como se destacou a importância de uma

maior interlocução entre os trabalhos produzidos na universidade sobre a modalidade e os responsáveis por fomentar a prática deste esporte no país.

Sob esse prisma, a presente dissertação efetuou uma análise do esporte da bola ao cesto sob duas perspectivas: a primeira enfocando determinadas características do processo de formação do campo do basquete no mundo e, posteriormente, no país – especialmente a partir da fundação da Liga Nacional de Basquete e o campeonato nacional por ela organizado, o Novo Basquete Brasil –, e a segunda, visando compreender algumas dimensões da espetacularização do basquete no país por meio de duas experiências etnográficas.

Assim, no segundo capítulo, utilizando como referencial a teoria dos campos de Bourdieu (1983), foi feita a contextualização acerca de algumas características da formação do campo do basquetebol no Brasil e no mundo. Este esforço analítico se mostrou profícuo para a compreensão do modo como o esporte da bola ao cesto, que foi criado com o intento de ser apenas uma alternativa de atividade física, se desenvolveu e passou a fazer parte da categoria do esporte-espetáculo.

Dando sequência à análise, o enfoque no terceiro capítulo se voltou à compreensão dos desdobramentos desse processo no Brasil, sobretudo a partir do desenvolvimento da modalidade decorrente da estruturação do campeonato nacional masculino de basquete, bem como das disputas pela hegemonia neste campo que acarretaram a formação da primeira liga independente gerida pelos próprios clubes no país, a Liga Nacional de Basquete, e do principal torneio por ela organizado, o Novo Basquete Brasil. Mediante ao exposto nesta seção, pudemos verificar que, dentre outras motivações, o surgimento da LNB foi consequência do amadorismo presente na maneira como a modalidade foi sendo gerida no país ao longo dos anos, e que se agravou ao passo que o esporte da bola ao cesto se desenvolvia ao redor do planeta sob a lógica do espetáculo. Nesse sentido, as novas demandas decorrentes da profissionalização da FIBA em 1989 e a derrocada nos resultados alcançados pela Seleção Brasileira masculina adulta de basquete a partir da segunda metade da década de 1990 são reflexos da precariedade na gestão da modalidade no país nesse período.

Levando em consideração esses aspectos, procuramos evidenciar, no quarto capítulo, algumas das estratégias adotadas pela Liga Nacional de Basquete visando a profissionalização na gestão da modalidade no país ao longo das sete primeiras edições do Novo Basquete Brasil. Pela observação dos aspectos analisados, pode-se verificar a tentativa de espetacularização da modalidade no país tendo como modelo o padrão de espetáculo-esportivo difundido pelo basquete norte-americano.

Em face dessa realidade, na sequência, buscamos compreender de maneira mais detida alguns aspectos referentes à espetacularização do esporte no país, utilizando como método duas incursões etnográficas em eventos esportivos da modalidade.

Assim, a primeira incursão no universo do basquete foi realizada em uma partida oficial válida pela pré-temporada da NBA realizada no Rio de Janeiro em outubro de 2014. Desta forma, por meio da observação dos aspectos analisados no subcapítulo 4.2, pudemos verificar determinadas características da espetacularização do esporte na contemporaneidade, como, entre outros, a racionalização cada vez maior do aparato que cerca o espetáculo esportivo, a construção dos ídolos no esporte e a mercantilização do espetáculo esportivo baseado essencialmente em ações de *marketing* voltadas ao consumo de tudo aquilo que envolva o esporte.

Na sequência, efetuamos outra incursão, desta vez em uma partida válida pela oitava temporada do Novo Basquete Brasil, ocorrida em Franca (SP), cidade conhecida como a “capital nacional do basquete”, em jogo que envolveu a equipe local contra o Caxias do Sul. Este esforço analítico objetivou compreender o modo pelo qual uma equipe tradicional da modalidade no país estrutura seus jogos e o que o basquete representa para esse público. A partir disso verificamos que, surpreendentemente, existe de certa forma um tensionamento na força da espetacularização proposta pelo modelo do basquete norte-americano em relação à forma como esse é apresentado pela equipe francana, de modo que o arquétipo do jogo espetáculo parece não fazer tanto sucesso entre o público local, formado a partir de uma longa tradição com a modalidade. Em decorrência disso, foi possível averiguar que, para essas pessoas, as partidas de basquete do time da cidade representam um momento importante de sociabilidade para essa sociedade.

Por fim, tendo em vista alguns aspectos observados por meio do trabalho de campo, procuramos efetuar uma reflexão acerca da dicotomia existente entre a espetacularização e a massificação do esporte na contemporaneidade assim como os desafios impostos por essa questão no que se refere ao desenvolvimento do basquete no país. Sobre isso, pesa o fato de que o interesse pela espetacularização do esporte está vinculado sobremaneira à busca por rentabilidade e ganhos financeiros por meio da formação de um público consumidor do esporte, enquanto que a massificação passa por criar mecanismos que garantam a democratização da prática esportiva no país.

Ademais foi possível constatar que, embora haja o intento de se profissionalizar a gestão do basquete no Brasil tendo como arquétipo organizacional a NBA – uma liga gerida pelos próprios clubes –, o desenvolvimento da modalidade no país ainda está atrelado,

sobremaneira, ao investimento do poder público, ao passo que no caso do basquete norte-americano o modelo de negócios passa pela obtenção de recursos por meio de, entre outros, ações de *marketing* que se utilizam do esporte e a obtenção de patrocínios junto à iniciativa privada que garantam a autossuficiência da modalidade. Levando isso em consideração, um dos entraves a ser superado por parte dos gestores da modalidade, visando o desenvolvimento do basquete brasileiro, seria o de encontrar mecanismos que possibilitem uma menor dependência de recursos públicos para fomentar a modalidade no país. Nesse sentido, a criação, em paralelo, de condições para a democratização da prática esportiva em todos os níveis, afigura-se necessária.

Os aspectos ressaltados aqui abordam, de maneira sucinta, algumas das principais questões analisadas nesta dissertação, que teve por objetivo buscar subsídios para a compreensão de determinadas características do processo de formação e espetacularização do basquetebol no país. A partir deste esforço analítico, foi possível verificar que a modalidade possibilita a análise de uma série de questões relevantes para as Ciências Sociais. Em face dessa realidade, buscou-se contribuir, em alguma medida, para o desenvolvimento dos estudos sobre esse esporte no país.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALABARCES, P. Viente años de Ciencias Sociales y Deporte em America Latina: um balance, uma agenda. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 58, p. 159-180, 2 sem. 2004.
- ALABARCES, P. Vinte anos de Ciências Sociais e esporte, dez anos depois. **Antropolítica**, Niterói, n.31, p.17-30, 2 sem. 2011.
- AMERICAN Basketball Players Find Brazilian Game Resembles Hockey. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 5 fev. 1989. Disponível em: <http://articles.latimes.com/1989-02-05/sports/sp-2433_1_american-players>. Acesso em: 2 set. 2013.
- AQUI é o meu lugar. **Liga Nacional de Basquete**, [São Paulo], 30 out. 2014. Disponível em: <<http://lnb.com.br/noticias/aquieomeulugar/>>. Acesso em: 27 jan. 2016.
- ATRAÇÕES para a final. **Liga Nacional de Basquete**, [São Paulo], 20 maio 2015. Disponível em: <<http://lnb.com.br/noticias/atracoes-para-a-final/>>. Acesso em: 28 jan. 2016.
- AZEVEDO, M. 'Vinda do Miami mostra interesse da NBA pelo Brasil', diz Arnon de Mello. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 maio 2014. Disponível em:

<<http://esportes.estadao.com.br/noticias/basquete,vinda-do-miami-mostra-interesse-da-nba-pelo-brasil-diz-arnon-de-mello,1170677>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BARRETO, T. V. Gilberto Freyre e o futebol-arte. **Revista USP**, São Paulo, n.62, p. 233-238, jun./ago. 2004.

BAYCE, R. Cultura, identidades, subjetividades y estereótipos: preguntas generales y apuntes específicos em el caso del fútbol uruguayo. In: ALABACES, P. (Comp.). **Futbologías**, Buenos Aires: Clacso-ASDI, 2003. p. 163-177.

BECKER, H. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENELI, L. de M. **Basquetebol masculino paulista**: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007.

BENELI, L. de M.; RODRIGUES, E. F.; MONTAGNER, P. C. O modelo de Brohm e a organização do basquetebol masculino brasileiro. **Conexões**, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 48-63, 2006.

BLOIS, C. Em clínica com crianças carentes no Rio, NBA faz sonho de meninos virarem realidade. **ESPN Brasil**, Rio de Janeiro, 8 out. 2014. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/445794_em-clinica-com-criancas-carentes-no-rio-nba-faz-sonho-de-meninos-virarem-realidade>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. Sport and social class. **Social Science Information**, Paris, v. 17, n. 6, p. 819-840, 1978.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BRASIL. Ministério dos Esportes. **Diagnóstico Nacional do Esporte**. Brasília, DF, 2015. 44 p. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/diesporte/>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

BROHM, J-M. **Sociología política del deporte**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

BROMBERGER, C. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 237-253, jul./dez. 2008.

CALDAS, W. **Pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAPELO, R. Com aval da Globo, NBB vai transmitir partidas ao vivo pela Internet.

Máquina do Esporte, São Paulo, 19 mar. 2014. Disponível em:

<http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/com-aval-da-globo-nbb-vai-transmitir-partidas-na-internet_26110.html>. Acesso em: 23 jan. 2016.

CAPELO, R. O basquete quer ser o 2º esporte no Brasil. **Época Negócios**, São Paulo, 7 jul. 2012. Disponível em:

<<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Dilemas/noticia/2012/05/o-basquete-quer-ser-o-2-esporte-do-brasil.html>>. Acesso em: 2 set. 2013.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia (USP)**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

CAVICHIOILLI, F; FERREIRA JUNIOR, R; AUGUSTO, V. NBA, NLB e as ligas europeias: uma leitura através de conceitos sociológicos. In: ENCONTRO DA ALESDE, 1., 2008, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: UFPR, 2008. Disponível em:

<<http://www.alesde.ufpr.br/encontro/trabalhos/92.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2013.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BASKETBALL. **A história oficial do basquete**, Brasil, 2013. Disponível em:

<<http://www.cbb.com.br/PortalCBB/OBasquete/HistoriaOficial>>. Acesso: em 2 set. 2013.

COSTA, G. Basquete volta à TV aberta e perde para desenho. **Máquina do Esporte**, São Paulo, 4 jun. 2012. Disponível em: <http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/basquete-volta-a-tv-aberta-e-perde-para-desenho_19711.html>. Acesso em: 20 jan. 2016.

COSTA, M. M. **Vôlei de praia**: configurações sociais de um esporte-espetáculo de alto rendimento no Brasil. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia)–Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2005.

DACOSTA, L (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

DAIUTO, M. **Basquetebol**: origem e evolução. São Paulo: Iglu, 1991.

DAMATTA, R (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1992.

MELO, V. Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. Resenha de: DIAS, C. A. G. Balanços e perspectivas sobre os primórdios do sport em terras brasileiras. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, n. 2, ano I, 2009.

DUNNING, E. **Early stages in the development of Football as an organized game**. 1961. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–University of Leicester, Leicester, 1961.

DUNNING, E. Sociology of sport in the balance: critical reflections on some recent and more enduring trends. **Sport in Society**. Lancashire, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2004.

ELIAS, N.; Dunning, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

ESTILO NBB. **Liga Nacional de Basquete**, [São Paulo], 10 nov. 2011. Disponível em: <<http://lnb.com.br/noticias/estilo-nbb/>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

FERREIRA JUNIOR, R. **NBA, CBB e NLB: relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FERREIRA, A. L. P. **O estado da arte da Sociologia do Esporte no Brasil: um mapeamento da produção bibliográfica de 1997 a 2007**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

FERREIRA, A. L. P. et al. Notas sobre o campo da Sociologia do Esporte: o dilema da produção científica brasileira entre as Ciências Humanas e da Saúde. **Movimento**, Porto Alegre, v.19, n.2, p. 251-275, 2013.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro**. São Paulo: Educ, 2009.

FRANCA BASQUETEBOL CLUBE. **Cronograma histórico**, Franca, 2015. Disponível em: <http://www.francabasquete.com.br/cronograma_historico.html>. Acesso em: 15 dez. 2015.

GASTALDO, É. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 223-231, jul./dez. 2008.

GASTALDO, É. Estudos Sociais do Esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 6-15, jul. 2010.

GAUDIN, B. O basquete no país do futebol. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 38, n. 1, p. 53-58, 2007.

GIDDENS, A. **Sport and society in contemporary England**. 1961. Dissertação (Mestrado em Sociologia)–School of Economics, London, 1961.

GIOVANNI, G. di. Mercantilização das práticas corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa. **Revista Gestão Industrial**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 146-155, jan./mar. 2005.

GITTI, V. da S.; BASTOS, F. da C. Estrutura organizacional e perfil do gestor de equipes participantes da liga de basquete feminino (LBF) 2011/2012. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 53-75, jul./dez. 2013.

GOMES, F. F. **Franca: a cidade que respira basquete no país do futebol**. Franca: Ed. Ribeirão Gráfica, 2002.

GRANDE notícia. **Liga Nacional de Basquete**, [São Paulo], 16 abr. 2015. Disponível em: <<http://lnb.com.br/noticias/grande-noticia/>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

GRANDES ações. **Liga Nacional de Basquete**, [Fortaleza], 21 fev. 2014. Disponível em: <<http://lnb.com.br/noticias/grandesacoes/>>. Acesso em: 6 jan. 2016.

GRASSO, J. **Historical Dictionary of Basketball**. Washington, DC: Scarecrow Press, 2010.

GRIFFITHS, S. The Canadian who invented basketball. **BBC News**, Ottawa, 20 set. 2010. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-us-canada-11348053>>. Acesso em: 2 set. 2013.

GRIJÓ, F. Basquete terá dois Nacionais no próximo ano. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 dez. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1212200716.htm>>. Acesso em: 2 set. 2013.

GUEDES, S. L. Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil: perspectivas comparativas com a América Latina. **Antropolítica**, Niterói, n. 31, p. 31-43, 2 sem. 2011.

GUTTMANN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

HALBERSTAM, D. **Michael Jordan: a história de um campeão e o mundo que ele criou**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

HELAL, R. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Perspectiva: São Paulo, 1999.

HUNGER, D. et al. A história do basquetebol masculino francano. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, año 11, n. 95, abri. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd95/franca.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

INTERNATIONAL BASKETBALL FEDERATION. **Key dates**. [Suíça], 2013. Disponível em: <<http://www.fiba.com/pages/eng/fc/FIBA/quicFact/p/openNodeIDs/962/selNodeID/962/quicFacts.html>>. Acesso em: 2 set. 2013.

KEARNEY, A. T. O jogo está começando. **HSM Management**, São Paulo, v. 39, p. 37-47, jul./ago. 2003.

LEISTER FILHO, A. Basquete tenta mudar com a liga. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 dez. 2008a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1612200811.htm>>. Acesso em: 2 set. 2013.

LEISTER FILHO, A. Clubes lançam liga de basquete com aval da confederação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 dez. 2008b. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u479780.shtml>>. Acesso em: 30 ago. 2013

LEISTER FILHO, A. LeBron James ironiza NBA em prévia de discussão de salários da liga. **Máquina do Esporte**, São Paulo, 25 fev. 2015. Disponível em: <http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/lebron-james-ironiza-nba-em-previa-de-discussao-de-salarios-da-liga_27922.html>. Acesso em: 25 jun. 2015.

LEND A sobre prato criado por JK é mania gastronômica em Franca. **Folha de S. Paulo**, Ribeirão Preto, 19 dez. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri1912201023.htm>>. Acesso em: 3 jan. 2016.

LIGA NACIONAL DE BASQUETE (Brasil). **Sobre a LNB**. [São Paulo], 2013. Disponível em: <<http://lnb.com.br/lnb/>>. Acesso em: 2 set. 2013.

LOFUTO, J. **Técnica de Basketball**. São Paulo: Companhia Brasil, 1953.

LOVISOLO, H.; LACERDA, Y. Reencantando as quadras: basquete e espiritualidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 73-86, jan./jul. 1999.

LYRA FILHO, J. **Introdução à sociologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Bloch, 1973.

MAGNANE, G. **Sociologia do esporte**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MAIA, L. Chicago Bulls bate Washington Wizards no primeiro jogo da NBA no Brasil. **O Estado de S. Paulo**, Rio de Janeiro, 12 out. 2013. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/basquete,chicago-bulls-bate-washington-wizards-no-primeiro-jogo-da-nba-no-brasil,1085068>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

MARCHI JÚNIOR, W. **Sacando o Voleibol**. Ijuí: Unijuí, 2004.

MARCO histórico. **Liga Nacional de Basquete**, [São Paulo], 11 dez. 2014. Disponível em: <<http://lnb.com.br/noticias/marco-historico/>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

MARQUES, F. Com investimento público de R\$ 5,4mi, times ganham pisos flutuantes. **Globo Esporte**, Brasília, DF, 23 out. 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/basquete/nbb/noticia/2013/10/com-investimento-publico-de-r-54-mi-times-ganham-pisos-flutuantes.html>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 637-648, 4. trim. 2009.

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-420.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 183-294.

MEDEIROS, C. C. C. de; GODOY, L. As referências de Pierre Bourdieu e Norbert Elias na Revista Brasileira de Ciências do Esporte: mapeando tendências de apropriação e produção de conhecimento na área da Educação Física (1979-2007). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 30, n. 2, p.199-214, jan./mar. 2009.

MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição x educação?:** o caso do basquetebol. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1993.

MOURA, J. Presença de LeBron eleva importância do segundo jogo da NBA no Brasil. **Lance!**, Rio de Janeiro, 11 de out. 2014. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Presenca-Lebron-importancia-NBA-Brasil_0_1227477458.html>. Acesso em: 17 jun. 2015.

NACIONAL de basquete pode ser reunificado. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 ago. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0908200626.htm>>. Acesso em: 2 set. 2013.

NATIONAL BASKETBALL ASSOCIATION. **Player tracking**. Disponível em: <<http://stats.nba.com/tracking>>. Acesso em: 10 set. 2015.

NOTÍCIA fantástica. **Liga Nacional de Basquete**, [São Paulo], 29 maio 2014. Disponível em: <<http://lnb.com.br/noticias/noticia-fantastica/>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

OLIVEIRA, J. E. C. Basquetebol: aspectos históricos e funcionais. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, año 17, n. 174, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd174/basquetebol-aspectos-historicos-e-funcionais.htm>>. Acesso em: 2.09.2013.

OZANIAN, Mike. The Forbes Fab 40: The world's most valuable sports brands 2014. **Forbes**, Nova Iorque, 7 out. 2014. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/mikeozanian/2014/10/07/the-forbes-fab-40-the-worlds-most-valuable-sports-brands-2014>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

PALMIÉRI, J. C. J. Futebol e basquete made in Brazil: uma análise antropológica do fluxo de jogadores para o exterior. IN: TOLEDO, L. H. de; COSTA, C. E. (Org.). **Visão de jogo:** antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

PANFICHI, A. (Org.). **Fútbol, identidad, violencia y racionalidad**. Lima: FCS-PUC, 1997.

PARA sempre seleção. **Liga Nacional de Basquete**, [São Paulo], 10 nov. 2011. Disponível em: <<http://lnb.com.br/noticias/para-sempre-selecao-noticia/>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

PEREIRA, M. **A história do basquete masculino**. [S.l]: Publique-se, c2014. Livro versão digital.

PILATTI, L. A. A lógica da produção do espetáculo: o esporte inserido na indústria do entretenimento. **Eptic**, Aracajú, v. 8, n. 2, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/278>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

PILATTI, L. A.; HIRATA, E. Análise do potencial mercantil do basquete brasileiro. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, año 10, n. 79, dec. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd79/basquete.htm>>. Acesso em: 10 out. 15.

PILATTI, L. A.; HIRATA, E. O potencial mercantil de uma equipe esportiva profissional: o caso do basquetebol de Londrina (1997-2004). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 30, n. 3, p.127-141, maio 2009.

PINHEIRO, A. B. L. F. **O Marketing no voleibol brasileiro masculino no período de 1980 a 1994**. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

PIRES, M. Eleito, novo presidente da LNB pede projetos sólidos a clubes de camisa. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 18 dez. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/basquete/noticia/2012/12/eleito-novo-presidente-da-lnb-pede-projetos-solidos-clubes-de-camisa.html>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

PRONI, W. M. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 82-94, jul./dez. 1998.

RADER, B. **American sports: from age of folk games to the age of spectators**. New York: Prentice-Hall, 1983.

ROCCA, P. **Literatura y futbol en el Uruguay, 1899-1990: la polémica, el encuentro**. Montevideo: Arca, 1991.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

RODRIGUES, H. de A. **Formação e desenvolvimento profissional do treinador: um estudo sobre os treinadores de basquetebol, suas identidades e saberes**. 2014. Tese (Doutorado em Educação Física)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

ROJO, L. F. Construindo e expandindo corpos: o basquete em cadeiras de rodas da ANDEF. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014, Natal. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF, ABA, 2015. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401720700_ARQUIVO_ABA2014-LuizRojo.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2015.

ROJO, L. F. Esporte e sociedade: novas dimensões. **Antropolítica**, Niterói, n.31, p. 11-15, 2 sem. 2011.

ROSE JUNIOR, D.; LAMAS, L.; NEGRETTI, L. A análise da tática ofensiva no basquetebol. In: ROSE JUNIOR, D.; TRICOLI, V. (Org.). **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005. p. 145-172.

ROSE JUNIOR, D.; TAVARES, A; GITTI, V. Perfil técnico de jogadores de basquetebol: relação entre indicadores de jogo e posições específicas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.18, n.4, p.377-384, out/dez. 2004.

SANTA CRUZ, E. **Origen y futuro de una pasión: fútbol, cultura y modernidad**. Santiago de Chile: Lom Ediciones, 1995.

SANTOS, J. R. dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVA, A. M. **Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano**. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

SILVA, C. S. da. **Movimentos sociais e a CUFA-CE: uma análise da construção da identidade negra no basquete de rua**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SOARES, A. J. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. In: ALABARCES, P. (Org.). **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires, 2003. v. 1, p. 145-162.

SOUZA, J. de.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma gênese do campo da Sociologia do Esporte: cenários e perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 45-70, abr./jun. 2010.

TOLEDO JUNIOR, V. Liga independente aprova estatuto e entra em confronto com a CBB. **UOL Esporte**, São Paulo, 18 abr. 2005. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/basquete/ultimas/2005/04/18/ult60u9863.jhtm>>. Acesso em: 29 ago. 2013.

TOLEDO, L. H. de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 52, p. 133-165, 2 sem. 2001.

TUBINO, M. J. G. **Repensando o esporte brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1988.

TURCO, L.; GOMES, R. Feriado derruba audiência do NBB na Globo. **Máquina do Esporte**, São Paulo, 3 jun. 2013. Disponível em: <http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/feriado-derruba-audiencia-do-nbb-na-globo_24121.html>. Acesso em: 21 jan. 2016.

VAZ, A. F. Esporte e sociedade, segundo Theodor W. Adorno. **Constelaciones**, Madrid, v. 3, p. 257-268, dez. 2011.

WEBER, M. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Pioneira, 1965.

VILLENA, S.; ANTEZANA, L.; DÁVILA, A. **Fútbol e identidad nacional**. San José de Costa Rica: Flacso, 1996.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.